

Os incêndios e os incendiários

Os Portugueses foram informados de que o País, ou mais precisamente uma vasta zona do centro do País — estava a arder. Foi há quatro dias que o alarme chegou a Lisboa. E por quatro dias e quatro noites, exigindo às corporações de Bombeiros um esforço enorme e uma grande abnegação, o combate aos incêndios foi realizado, com inaráveis dificuldades, numa área extensa, montanhosa, sem caminhos adequados à movimentação do material, lutando contra a falta de água e o excesso do vento.

Vários responsáveis, homens experimentados na luta contra os incêndios em áreas florestadas, manifestaram a opinião de que, segundo incontestáveis evidências, eram de origem criminosa esses incêndios. As populações estiveram sob a ameaça das chamas. Arderam casas de habitação, uma pobre mulher morreu carbonizada.

Todos os anos o crime se repete e todos os anos se conclui que, na maioria dos casos, se trata de incêndios suspeitos. Em muitos casos a origem criminosa não oferece qualquer dúvida. Algumas vezes os incendiários são descobertos. Algumas vezes se tem apurado que executam ordens, que por outros foram pagos para executar as acções criminosas.

Desta vez parece tratar-se de um plano urdido para, pela simultaneidade dos fogos, dificultar a acção dos bombeiros e das populações. Matas localizadas nos concelhos de Coimbra, Lousã, Peneda, Poiães, Miranda de Corvo, foram, com suspeita simultaneidade, abraçadas por um anel de fogo. Na mesma área os fogos irromperam de três ou quatro focos diferentes.

É difícil impedir estas acções criminosas. Será difícil assegurar uma vigilância que as evite. Mas já não é difícil verificar a quem aproveitam os incêndios. Nos meios rurais atingidos clama-se que os incendiários, praticamente, gozam da mais

Continua na pág. 24



Enquanto o «Tollan» não vira, vai-se dando caça à minhoca...

Esta manhã já inclinou 70 graus Nova tentativa esta tarde para virar o «Tollan»

Nova tentativa de viragem do «Tollan» é esta tarde levada a cabo pelos homens da Sealift, aproveitando a maré cheia prevista para às 17h 26m. Esta manhã o porta-contentores tinha sido elevado a uma posição de 70 graus, razão por que os técnicos alemães depositavam grande confiança no êxito da operação. Entretanto e para prevenir um novo falhanço, a Capitania do Porto de Lisboa concedeu mais um mês para a remoção do «Tollan» à empresa alemã. Ontem, as duas tentativas da Sealift, para endireitar o barco — uma de manhã e outra à tarde — não resultaram, embora a segunda tivesse sido ensaiada com o barco a noventa graus. Pág. 7

Soares regressou do Funchal

A Madeira está falida

A situação económica da Madeira foi o principal motivo das preocupações de Mário Soares que esteve naquela Região Autónoma durante três dias, acompanhado por uma delegação governamental em que se integravam o ministro do Trabalho e três secretários de Estado.

De acordo com informações de fontes madeirenses contactadas pelo «DL» no Funchal, o Governo central teria feito sentir a João Jardim a necessidade de um programa de emergência estilo FMI para sanear as finanças da Madeira, que está «mais que falida» conforme nos afirmou um membro da delegação governamental.

Pág. 5

Segunda habitação vai ser penalizada

O anúncio prematuramente feito por Mário Soares de que o Governo ia penalizar com impostos os proprietários de mais do que uma habitação, parece que vai mesmo passar ao papel a partir da informação dada pelo secretário de Estado do Tesouro num programa da Rádio Renascença. Alípio Dias revelou ontem em entrevista ao programa «De Fio a Pavio», que iam ser abrangidos por novos impostos, em estudo, os «sinais exteriores de riqueza». Um desses sinais, para que apontam canhões os fiscais, é a segunda habitação. Outros mais ostensivos seriam os barcos de recreio, aeronaves e carros de luxo. Pág. 10

PS: maioria e ex-secretariado continuam a negociar

Pág. 6

AINDA PODE CONCORRER PARA O DLX

na página 2 continua a repetição dos cupões



A efígie do presidente Reagan é queimada durante uma manifestação antigovernamental

Violência causa mais mortes nas Filipinas

Acentuam-se divergências entre a Igreja e a ditadura

Um estranho atentado em Davao City, Sul das Filipinas, ocorrido sábado passado, quando se elegia a rainha de beleza do local, provocou 20 mortos e cerca de 200 feridos, segundo as autoridades. O abandono, por parte do ditador Ferdinand Marcos da política de «extrema vigilância», parece ser apenas coisa escrita em decreto. O ministro do Interior, general Ver, produziu ontem um discurso ameaçador, enquanto o arcebispo de Manila se insurgia contra as «falsas promessas» de Marcos. Págs. centrais



Mário Murteira

EM crônicas anteriores levantei a questão da fragilidade da ideologia económica portuguesa. Volto à questão, esperando poder colocá-la com maior clareza.

Antes do mais, que entendo aqui por *ideologia económica portuguesa*?

Tal como Marx falou da «Ideologia Alemã», poderíamos interessar-nos pelas ideias (no domínio económico) que a sociedade portuguesa segrega como expressão dos seus interesses dominantes. Por exemplo, como esses interesses se têm servido do mito da «plena adesão» à CEE para atacarem a Constituição ou as nacionalizações.

Não é, porém, nesse sentido que aqui utilizo a expressão. Num outro bem mais simples e ingénua que tem a ver com a *consciência social* da problemática económica do País e, em particular, com a forma como os cientistas sociais portugueses — especialmente os economistas — exprimem e estruturam essa consciência.

Dizer, pois, que a ideologia económica portuguesa (nesse sentido) é pobre, equivale — em certa medida — a pôr em causa a categoria profissional a que pertencem, ou seja, implica uma autocritica, além do mais.

Com efeito, se compararmos Portugal, por exemplo, com a Espanha, o Brasil ou mesmo a Grécia (com a Itália a comparação seria muito mais desfavorável) verificamos facilmente que qualquer desses países tem produzido nas últimas décadas interpretações da sua própria proble-

Crónica de Economia Política

Da teoria à prática e (sobretudo) vice-versa

mática económica muito mais ricas e aprofundadas do que tem sucedido entre nós. E como qualquer daqueles países não tem sido propriamente um modelo de vivência democrática, imediatamente se conclui que a simples persistência de regimes ditatoriais, sendo considerável obstáculo ao avanço da consciência social duma sociedade, não explica tudo. Não vou entrar na discussão deste ponto, mas somente sugerir ao leitor que deve haver qualquer relação entre o *atraso económico* do País e o *atraso da ideologia económica*, na acepção que acima referi. É, no entanto, de assinalar que no período posterior ao 25 de Abril obras importantes, em particular incidindo na análise da economia da época salazarista, vieram à luz do dia, estando a sedimentar-se um possível conhecimento mais aprofundado e esclarecedor de nós próprios. Parte delas, porém, está publicada sob formas apenas acessíveis a um número restrito de especialistas (tese de doutoramento em universidades estrangeiras, por exemplo).

Seja como for, o facto é que não só a economia portuguesa é subdesenvolvida como também é subdesenvolvida a consciência que a sociedade portuguesa tem dessa realidade. Que o pensamento da maioria dos políticos reflita esse estado de coisas é, pois, mais efeito do que causa. Por maioria de razão, não haverá que estranhar a notória dificuldade de jornalistas, locutores da rádio e televisões, etc., só para fazerem perguntas pertinentes sobre temas económicos, quanto mais para analisá-los.

Mas o cerne desta questão está hoje, a meu ver, na dificuldade de produzir um *conhecimento económico enraizado na análise objectiva da nossa prática social*. É frequente, com efeito, que a tentativa de conhecimento surja mais num sentido inverso, isto é: procurando-se encaixar a todo o custo a nossa prática económica nos esquemas teóricos elaborados noutros sítios e até noutros tempos.

Neste sentido, é lamentável que a riquíssima prática social portuguesa depois de 1974 não tenha originado maior produção analítica dos nossos investigadores, embora certos temas tenham sido frequentemente abordados (nem sempre da forma mais séria) como é o caso da reforma agrária.

E é também lamentável que a inteligência progressista do País (salvo as reais, mas pouco significativas, excepções) não se tenha debruçado mais sobre o processo em que, em certo período, tão profundamente se empenhou. Aqui, porém, é positivo e importante reconhecer que alguns dos jovens militantes de partidos de esquerda e extrema esquerda em 74 e 75 estão hoje a amadurecer carreiras universitárias e também (claro!) a sua compreensão daquilo que os cerca em matéria económica e sociológica. Bom exemplo disso é a excelente contribuição de Augusto Mateus na *Revista Pensamento Ibero-Americano* (n.º 3) sobre a análise da crise económica portuguesa, ao lado de autores consagrados como Raul Prebisch e Aldo Ferrer. Outros jovens economistas de trajectória semelhante estão também a

contribuir para essa imprescindível renovação da ideologia económica portuguesa, no sentido que dei à expressão.

Mas — perguntará o leitor — mesmo que essa consciência da economia portuguesa pelos economistas portugueses (alguns) efectivamente progrida, o que nos garante o efeito sobre o próprio objecto desse conhecimento? Em palavras mais simples: ao contrário do médico, que estuda o doente para tratá-lo, parece que o economista estuda a economia para *ensiná-la* e não para *fazê-la*. E como raramente chega a *Ministro das Finanças*, afigura-se irremediavelmente inútil o avanço desse conhecimento.

Ora, Keynes sabia do que falava quando reconheceu que os homens de negócios, que se supõem práticos e avessos às teorias, refletem sempre (mesmo sem o saber) as ideias dalgum economista defunto.

Ou mesmo vivo, acrescento eu, como Milton Friedman, por exemplo, como referi em crónica anterior.

O ponto é que a boa teoria — se é disso que se trata — emerge da prática e mergulha na prática, de novo. A «boa» inteligência económica raramente é a dos ambientes rarefeitos da erudição académica. Tem os seus aliados nas forças sociais em confronto e participa na dinâmica que resulta desse confronto. Assim, mais tarde ou mais cedo, adquire expressão política, pernas para andar, punhos para combater.

Mas é claro que, como dizem os velhos, é preciso dar tempo ao tempo.



As palavras perdulárias

José Manuel Mendes

Milhares e milhares de pessoas, desde manhã, junto ao Cais das Colunas. Os apitos do tráfego, os vendedores de sorvetes e limonadas, o perfume brando da brisa passam, em vários sentidos, no meio da multidão. Ninguém arreda pé. Os eventos sucedem-se. Primeiro, um ligeiro estremecimento agita a carcaça do barco: um lépido rumor atravessa as expectativas. Depois, os ferros e as engrenagens rangendo asperamente, lá consegue a grua içar o traste. Pouco, decerto, mas indiciador de êxitos por vir.

Entretanto, lacrmando nos olhitos românticos, as gaivotas, em voos tristes, haviam deixado o seu familiar parapeto de dormitões e fantasias. Algumas, mais safadas, afastavam-se sorrindo, soltando dos bicos rios graves advertências: «voltaremos, ó ignaros, ó cheios de ilusões. Esse posto de observação da Lisboa do labor e do escândalo é nosso».

Já para o fim da tarde, o barcalhão, que atrasava quase quatro horas a conclusão das manobras, arreou, pesado dos artilhos, demandou os lodosos fundos, retomando praticamente a posição de origem. Um sopro de drama varreu a assistência. Elevou-se nos ares claros um alongado *ah* de desolação. Foi então que alguns, recordando o velho episódio de *Uma Campanha Alegre*, fixaram a grua alta-neira, os seus ganchos e rodízios, a linha esbelta do seu perfil, e, como quem leva a mão amiga ao ombro exausto ou sofredor do vizinho, ciciaram-lhe ao ouvido

estímulos irrecusáveis: vá, é só um esforçozinho ainda, mesmo com o cabo rebentado; tem pena de nós, pobres azarados; olha a dívida externa, o prestígio do Soares, a crise nacional. Atrás, um tipo esquelético, frotado cinzento às riscas, longos gestos de catequético e pequenos tiques com as mangas da camisa, ajustou os óculos, proclamou: somos uma pátria de navegadores; temos almirantes da estirpe do Tomás e generais com estãgio em S. Nicolau, gente de fibra, não nos façam passar por nova vergonha, ó doce; o que os comunistas rirão de nós, ó tu, que és alemã e vives integrada no fraternal selo da NATO; arrasta-me o amostregado barco, tira-mo da frente desta Lisboa do Pombal, com as gaivotas, sempre perniciosas suscitadoras da sensibilidade num povo que deve preparar-se para suportar as blandícias da nossa política de salvação dos príncipes.

Nada, nada demovia a grua gigantesca e idiferente. Tão gigantesca e indiferente que, certa de todo o engenho, media a lonjura, num instante de reflexão, e, enjoadada com os discursos, se aprestou a receber a tarefa, desta feita até ao sucesso almejado. A azáfama recomeça, o Tejo borbulha em volta, com lixo honesto na crista da ondulação, as vozes alteiam o fragor da espera. Inútil, porém. O *Tollan*, nostálgico das porcas portuguesas águas, finca-se no lodo, retesa os músculos, comprime violentamente os maxilares. E fica. Então, sob inspiração do Executivo, que reunira um Conselho de emergência, um senhor bem posto, dólares escorrendo dos

botões do colete, múltiplas edificações de rendados proventos sobrenadando-lhe os cabelos de um grisalho encaracolado, ministro não se sabia de quê, aproximou-se dos costados do navio recalcitrante e, dedo furioso em riste, prorrompeu em intimações: mando a GNR, os GOES, a tropa, de elmo e viseira se necessário. Ou respeitais a maior maioria, te tornas colaborador e amigalhaço, ou serás corrido à paulada. Ali ao lado, uma jovem operária e um camponês, de mãos calosas, apeteendo, após os trabalhos do dia, as suavidades do anoitecer, escutavam o façanhudo pesonagem com desdém e, às últimas apóstrofes, redarguíram ladinos: e onde é que o mete depois? Na XVII? Há lá cadeia ou cemitério que dê para um bicharro daqueles.

Assim mesmo. O ministro não gostou. Ordenou, do alto da pileca zambra da sua prepotência: — Calabouço com esses dois.

— Calabouço? Vocês enganam-se. É mais fácil remover o vosso cadáver político do que o *Tollan*.

No Tejo, no nosso rio de poetas e resíduos de plástico, tudo permanecia entre a incredulidade e o transe. Havia, no entanto, quem folgasse com a cena, lançasse dichotes bem humorados, reduzisse a peripécia às dimensões de uma zarataga de bairro. E um de Almeirim, melão de baixo do braço como se figurasse numa peça vicentina, atreveu-se a picar o lombo dos parceiros com uma alfinetada certa. Basbaques, disse. Movimentaram-se no ar uns punhos logo detidos, os braços

apopléticos foram neutralizados por acção daqueles caretas que sempre aparecem, os que não querem sarilhos, ouviu-se um tipo gorducho deitando cinzas na acha morrente: Basbaques somos nós todos, mais ou menos. Essa não é dum tal Cesari? Não, ele era lá gajo para aviar uma destas. E tudo acabou em bem: melão repartido, golas de tinto (bem baptizado, por sinal), risadas populares. Do Sul chegavam, uma a uma, as gaivotas safadas. A outras, as melanólicas, frágeis divas da maresia, regressariam só com o alvorecer. O sarroso casco não se movia para lá de uns balanços na corrente. Suplicavam-lhe: a cambalhota, por amor dos céus, já que os raios e coriscos de um Governo te não comoveram.

— Qual cambalhota! Isso é para os senhores do PS.

Embutucados com tão fundo conhecimento da realidade portuguesa por parte da naviarra do armador italiano, os homens do poder afastaram-se. Com eles, uns quantos empregados da política, os ludibriados, os ofendidos. Aqueles trovejavam grossamente. Estes, redondo olho de boi mais triste do que um domíngio de chuva, engoliam silêncios como caroços. Havia também os que surdamente, se manifestavam solidários com o *Tollan*, valentão, inintimidável, resistente. E os que, atravessados pelas luzes, brisas, vendedores de gelados ou sumos, aumentavam ainda as pupilas no advento maravilhado do milagre. Com todas as bambinelas da praxe, o ambulante do fato às riscas, retirando-se, resumia:

CONCURSO

Recorte e guarde estes cupões, bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa» esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação (que será publicado diversas vezes durante o concurso), conforme abaixo se indica.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura, pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Album Sempre Fixe», este ano dedicado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

PODE IR ENVIANDO AS SUAS COLECÇÕES...

Só no dia 25 de Outubro de 1983 (data do carimbo do correio) termina o prazo de envio das colecções, mas, se o leitor quiser enviar alguma que já tenha completado, os nossos serviços estão aptos a recebê-las. Envie para:

DIÁRIO DE LISBOA/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- O LEITOR deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada envelope. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida).
- O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- O TALÃO-RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).
- O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.



Madre de Deus

Re-visitar a XVII

Pedro Vieira de Almeida

Tenho de começar por pedir ao «DL» e aos seus leitores um fio de paciência para retomar a um tema a que já dediquei sete artigos: a XVII Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura.

A publicação de umas notas do arq. Sebastião Formozinho Sanches, pessoa que muito estimo e de quem muito discordo, vem lançar uma pequena polémica que suponho valer a pena sustentar, pelo assunto (na realidade a XVII e não os meus artigos) e pela maneira como ela se apresenta desde logo: revestida de uma cordialidade própria, que sem anular a vivacidade legítima destas trocas de ideias, vai certamente permitir o decantar de alguns pontos de convergência que acredito firmemente existirem.

Devo desde já confessar que os aspectos focados por SFS nas suas notas, estão longe para mim de ser os mais significativos das minhas críticas à XVII, mas para não fugir aos argumentos que contra mim alinha, irei cingir-me aos que invoca não esquivar nenhum.

Começa SFS por me acusar de não transmitir «ideias claras» nem «exemplarmente isentas» nos meus artigos, e isso me penaliza seriamente já que era e tem sido sempre minha intenção o ser tão claro quanto seja capaz; embora verifique ser capaz de pouco.

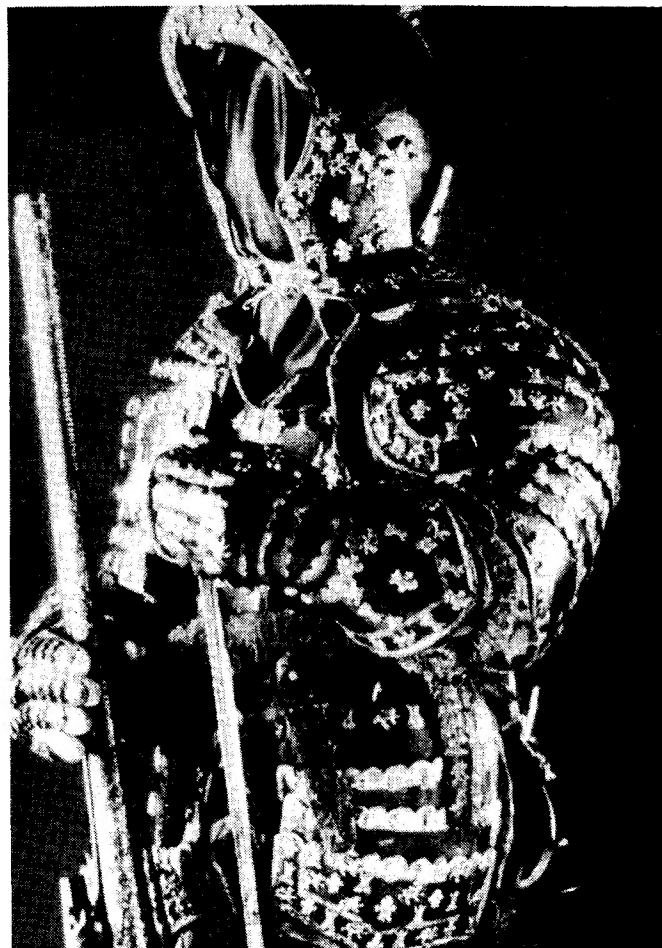
Quanto à isenção exemplar, não me moveu nunca, nem neste nem em qualquer outro caso, fazer uma crítica ou defender qualquer ideia, nesta base, até por não saber o que isso seja. Pelo contrário, tenho procurado sempre que as minhas críticas se revistam de uma *objectividade orgânica* entendendo eu por isso, uma racionalização e uma coerência, estabelecidas dentro de um quadro de referência mental que tem inevitavelmente de ser o meu. Mas aí termina o aspecto «cientificável» (com muitas aspás) do esforço. Portanto, nada nada exemplar. Mas é que a crítica e as ideias não são isentas; e revestidas de valor exemplar muito menos.

Este é logo um ponto de larga discordância de SFS, discordância que registo, mas sobre a qual não me posso alongar demasiado.

Verifico, aliás, que os meus artigos já foram uma longa estopada e que me falta poder de síntese: aqui só posso acusar o toque e calar-me. Mesmo assim, gostaria de justificar o porquê dos sete



Casa dos Bicos



Torre de Belém

artigos e não um só como parece convir. Face a um organismo complexo e diversificado como a XVII, pareceu-me menos esclarecedor e menos operacional, misturar tudo avaliando as boas contribuições pelas más, e acertando depois o resto pelas contribuições médias.

Acreditei ser necessário uma leitura ponderada não só de cada um dos núcleos, mas dentro de cada núcleo, e isso tentei fazer, o melhor que pude; no entanto, sei-o agora, que com reprovável falta de clareza e concisão.

Quanto às fotografias que ilustram os artigos, sinto-me a bem dizer um pouco embaraçado com as críticas de SFS, dado que a única fotografia que eu enviei para publicação foi a do artigo sobre a Casa dos Bicos, para o que me servi de um postal ainda existente (e já histórico) com o edifício tal como ele era antes de. A última fotografia publicada deve-se certamente a um lapso jornalístico de que não sou responsável como é evidente.

De facto, as fotografias são de exterior, nem sequer minhas, e algumas são de arquivo, porque me não foi permitido fotografar o interior dos núcleos com o argumento (pelo menos plausível) de que certas peças teriam sido cedidas com a condição de não serem fotografadas. De aí ter me visto forçado a deixar a máquina à entrada, com grande pena minha, de resto.

Aceito a crítica de SFS que os aspectos museográficos e técnicos foram «insuficientemente tratados», como de resto tudo o mais; mas pense SFS que se já assim achou os meus textos tão aborrecidamente longos, o que faria se eu tratasse mais suficientemente esses aspectos, ainda por cima dispondo apenas da minha debilitada capacidade de síntese.

Na discussão referente concretamente aos núcleos, e sobre o artigo introdutório, escreve Formozinho Sanches: «Em liberdade conceptual ao nível da arquitectura não há margens.» Ora bem: eu diria que ao nível da arquitectura, e não só ao nível da arquitectura, em termos de liberdade *não há senão margens*. E aqui começa com SFS uma outra longa divergência, que tem como se vê repercussões imediatas ao nível do intervénio arquitectónico e dos métodos de trabalho em equipe.

Do segundo ponto que repesco do meu artigo introdutório, SFS rejeita «garbo e atrevimen-

Continua na pág. 14

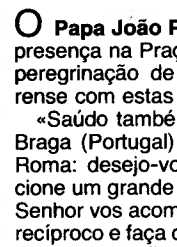
ponto a ponto



O **Presidente da República** deslocou-se ontem ao Mindelo, Vila do Conde, onde almoçou com militares que consigo prestaram serviço em Macau e Moçambique.

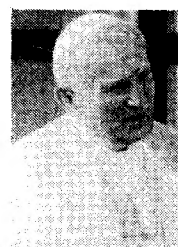
Acompanharam Ramalho Eanes nesta reunião que se realiza regularmente desde há anos, o presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde, Mário de Almeida e várias entidades civis e militares.

Antes do almoço, o general Ramalho Eanes assistiu a uma missa de sufrágio pelos militares já falecidos.



O **Papa João Paulo II** saudou, em português, a presença na Praça de São Pedro, ontem, de uma peregrinação de jovens da arquidiocese bracarense com estas palavras:

«Saúdo também os jovens da arquidiocese de Braga (Portugal) que vieram em peregrinação a Roma: desejo-vos que esta viagem vos proporcione um grande enriquecimento espiritual. Que o Senhor vos acompanhe, fortaleça na fé e no amor recíproco e faça de vós anunciadores da sua mensagem salvação».



O **almirante Silva Horta**, em representação do Presidente da República, inaugurou o quartel dos Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora, distrito de Viana do Castelo.

A cerimónia assistiram, entre outras individualidades, o secretário de Estado do Fomento Cooperativo, Mesquita Machado, e o governador civil do distrito de Viana do Castelo, Vítor Loureiro, respectivamente em representação do primeiro-ministro e ministro da Administração Interna.

O novo edifício dos Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora, projectado pelo arq. Mário Freitas, orçou em cerca de 30 milhões de escudos, dos quais 80 por cento foram subsidiados pelo Estado.



DEPUTADOS do Porto do CDS dialogaram ontem com elementos da freguesia de Lever sobre o **problema da linha de limites com a freguesia de Crestuma**.

Um comunicado do CDS refere que o caso, que tem sido objecto de séria controvérsia e de iniciativas marcadas pelo oportunismo e desrespeito da história dos povos da área e do registo cadastral, vai subir em breve à Assembleia da República.

JAIME GAMA, na sua qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros, discursa, ao fim da tarde de hoje, perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. De acordo com uma fonte do MNE, Jaime Gama centrará a sua intervenção na questão de Timor-Leste, devendo ainda referir-se, entre outras matérias, ao desarmamento e à África Austral — defendendo designadamente a independência da Namíbia.



O ministro da Agricultura, Soares da Costa, visitou ontem a Agrindústria, **Feira Agrícola e Industrial de Gondomar**, a decorrer até ao dia 5 de Outubro.

O ministro, que foi recebido pelas entidades locais nos Paços do Concelho onde decorreu uma sessão de boas-vindas, procedeu depois à entrega de subsídios a jovens agricultores e antes do almoço visitou o certame, que ocupa uma área de 45 mil metros quadrados.

A sexta edição da Agrindústria apresenta 118 pavilhões, está orçada em 4,5 milhões de escudos e compreende um programa de manifestações culturais dedicadas especialmente a crianças.



OS secretários de Estado da Administração Artística e das Comunicações, respectivamente Helena Torres Marques e Raul Bordalo Junqueiro, visitam **Coimbra** entre hoje e amanhã. Estas visitas inserem-se — segundo fonte oficial — na política de reforço entre as autarquias e as empresas operadoras de comunicações.

Um comandante poeta:

Tomás Borge, ministro da Nicarágua

António Marques*

Há um ano estava de visita à Nicarágua. Tinha-me deslocado às instalações das revistas «Pátria Libre» e «Soberania», para trazer alguns números para Portugal. Propositadamente o director que me recebera prolonga a conversa. Só à saída percebo porque — esperava o comandante Tomás Borge a quem nos queria apresentar como amigos e solidários com a Nicarágua.

As nossas caras não devem ter conseguido disfarçar o espanto deste encontro inesperado. Nos olhares ficou a pergunta como cabe a grandeza de um dirigente num corpo tão pequeno?! O diálogo é curto. O comandante pergunta-nos o que trazíamos nos volumosos embrulhos. Dissemos livros, devíamos ter dito um pedaço deste povo um pedaço de si, comandante!

Tínhamos estado face a face com a personalidade histórica com o único sobrevivente de 23 de Julho de 1961, data em que Tomás Borge com Carlos Fonseca Amador e Silvio Mayorga fundam a FSLN, o homem para quem a luta contra a tirania somozista tinha começado aos 13 anos (hoje tem 53), quando ainda era estudante na escola secundária local.

Com 16 anos Borge e outros companheiros editam o jornal «El Espartaco», e depois «Juventude Revolucionária». É nesta altura preso pela primeira vez, mas durante pouco tempo. Em 76 é encarcerado nas prisões somozistas, onde é torturado durante nove meses. Depois são dois anos e meio de prisão sujeito, ao mais completo isolamento, contra o qual protesta realizando três greves de fome, uma delas durante dois meses e meio. No final desta greve de fome, quando regressa do hospital à prisão tem este



Tomás Borge

olhar sobre a cidade: «Levam-me algemado para a prisão de Tipitapa — a que chamam prisão modelo. Volto a ver a rua. Sinto uma imensa ternura por estes homens, mulheres e crianças que caminham pelos passeios, esperam pelos autocarros, amam, riem e sofrem alheios à minha tragédia. Também eles têm a sua própria tragédia, ainda que de natureza diferente da minha. Quanto os amo! «É este o olhar de um homem à beira da morte e a quem um Conselho de Guerra condena a 180 anos de prisão!... Mas, é libertado em Agosto de 78 quando o comando sandinista que ocupara o Palácio Nacional consegue a libertação dos presos políticos que seguem para o Panamá!

A escassos meses da vitória, a sua primeira mulher, Yelba de Borge, é barbaramente torturada e assassinada pela Guarda Somozista. Contam-nos em Manágua que uns meses depois do triunfo, numa visita à prisão, Tomás Borge reconhece o guarda que matara Yelba.

O comandante dá o exemplo da clemência: O guarda somozista será julgado pelos outros crimes, este é-lhe perdoado.

Tinha regressado à Nicarágua em plena guerra revolucionária, depois de ter sido o fundamental obreiro da unificação das tendências que se formaram em 75 na FSLN. O 19 de Julho encontra-o em Léon, a primeira cidade libertada!

Desde então é um dos nove comandantes da Dirección Nacional da Frente Sandinista e ministro do Interior, ministério em cuja fachada se lê: «Somos a sentinela da alegria do povo».

Figura querida do povo nicaraguense, entre os seus autores preferidos estão Sartre, a Bíblia, Ruben Dario, Carlos Fonseca, Lenine e Júlio Cortázar.

Ele próprio é um escritor, de quem neste momento Eduardo Galeano, faz a recolha da obra inédita.

Das páginas escritas na prisão, poemas que foram publicados sob pseudónimo e uma

narrativa «Carlos, o amanhecer deixou de ser uma tentação», publicado já depois de 79, é o próprio Tomás Borge que se lhes refere como «posuídas pelo deus da fúria e pelo demónio da ternura».

O encanto de um encontro com Tomás Borge é assim, descrito por Júlio Cortázar «Conhecer Borge como chefe e como homem, foi uma daquelas experiências que não se consegue descrever; é preferível o silêncio ou a simples alusão. Mas não quero deixar de dizer como encontrei nele a difícil aliança da sensibilidade poética com a difícil tarefa de levar um povo até ao seu verdadeiro destino».

A partida de Manágua disse Tomás Borge: «Vamos à Europa para tentar explicar aos europeus a realidade latino-americana e a nossa realidade nicaraguense, competindo com as multinacionais da informação que fazem uma cobertura da Europa mais completa que a filosofia hegeliana».

Hoje, entre nós, entre os nossos poetas e intelectuais, recordamos as suas palavras num encontro com escritores nicaraguenses na Associação Sandinista dos Trabalhadores da Cultura: «Lutemos companheiros contra o imperialismo, contra o disparo mortal dos lugares comuns, contra os olhos que se esquivam a outro olhar, contra o elitismo e a vaidade. Lutemos pela audácia, pela criatividade, pela beleza e pela ternura...»

Há um ano em Manágua o comandante disse-nos: «Bem-vindos à Nicarágua». Hoje, em Lisboa, é a nossa vez de lhe desejarmos as boas-vindas. Que o calor que nos traz do seu povo provoque o degelo das consciências de alguns governantes.

* (Membro do GSAL — Grupo de Solidariedade com a América Latina

Ampliação do aeroporto de Santa Catarina (Funchal)

Dificuldades técnicas podem adiar conclusão das obras

As obras no aeroporto de Santa Catarina «são delicadas, implicam alta técnica e enfrentam vários obstáculos que poderão alterar a data de conclusão», afirmou no sábado no Funchal o ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, no decorrer de uma visita que efectuou às obras.

Os trabalhos em curso visam a construção de zonas de segurança em ambas as extremidades da pista e a ampliação da plataforma de estacionamento.

Rosado Correia recordou na ocasião que «a obra é da responsabilidade do Ministério das Finanças, enquanto que ao Ministério do Equipamento Social compete a prestação de apoio técnico».

Este apoio foi contemplado num protocolo assinado com o Gabinete do Aeroporto, segundo o qual a empresa pública «ANA» assegura a concessão do apoio técnico e assume responsabilidades de fiscalização dos trabalhos, tendo em vista o integral cumprimento do projecto.

Rosado Correia referiu que «as obras decorrem em bom ritmo», e sublinhou que no tocante à pista foram já introduzidas algumas alterações que «melhoraram vários aspectos, como a iluminação e o pavimento».

O ministro do Equipamento Social recordou que estes trabalhos «são delicados, implicam a aplicação de alta técnica, e enfrentam vários obstáculos, como as características do terreno e, por vezes, o estado do mar».

«Vi com bastante agrado que tudo decorre conforme o planeado e deste empreendimento advirão grandes melhorias quanto à segurança nas aterragens, além dos próprios efeitos psicológicos sobre os passageiros», concluiu.

Por seu turno, o director do Gabinete do Aeroporto de Santa Catarina, Casimiro Pires, referiu que «há sempre interesse em proporcionar a um membro do Governo ligado às obras públicas uma visita a um empreendimento da natureza e dimensão

do aeroporto do Funchal.»

Sobre a conclusão das obras, disse que os prazos inicialmente previstos serão cumpridos integralmente, mantendo-se assim a data de Novembro de 1984. «Neste momento poderá haver um atraso de cerca de dois meses mas atendendo ao tipo de empresas que constituem o consórcio e à sua capacidade, essa perda de tempo é perfeitamente recuperável», disse, observando que a «obra prossegue normalmente apesar de estarmos conscientes da difícil situação, sobretudo financeira, que o País atravessa».

Casimiro Pires disse acreditar «que não surgirão dificuldades, na medida em que se trata também de uma obra que vem sendo programada com antecedência e que conta com o financiamento do Banco Europeu de Investimentos». Revelou que em 1982 foram gastos mais de 660 milhões de escudos — a maioria desta verba destinada às expropriações de terrenos — e que o valor da obra, adjudicada por 2 milhões de contos, é estimada em 5 milhões de contos, incluindo as habituais revisões de preços.

Interrogado pela ANOP sobre a possibilidade de viabilização das obras de ampliação da pista (segunda fase), o director do GASC recordou que em Novembro de 1982 foram atribuídas competências àquele Gabinete neste âmbito. Anunciou a conclusão, em Novembro próximo, do anteprojecto da obra que, «depois de aprovado, permitirá a divulgação do projecto».

Casimiro Pires sublinhou que após a elaboração do projecto definitivo da obra de construção da pista intercontinental, «a decisão a tomar será fundamentalmente política, já que apenas isso poderá ditar a sua realização ou não».

Possivelmente, em Maio de 1984, o projecto definitivo estará concluído, seguindo-se a realização de vários estudos de natureza técnica, visando testar a operacionalidade e segurança da pista.



PASSE SOCIAL

Uma mão cheia de **VANTAGENS**
Uma mão cheia de **TRANSPORTES**

A venda nas bilheteiras da CP

O Passe Social representa inúmeras vantagens para o seu titular. É uma das mais importantes, sem dúvida, a sua validade para os mais variados meios de transporte — o comboio, o eléctrico, o autocarro, o metropolitano, a camioneta, os barcos cacilheiros... Muitos milhares de portugueses conhecem-no já. Por isso, não perca tempo. Compre, a tempo e horas, o seu Passe Social.

 Caminhos de Ferro Portugueses

CP Design

A venda nas bilheteiras da CP.
Linhas de Cascais, Sintra,
Azambuja e Barreiro.

Mário Soares regressou da Madeira

Situação económico-financeira pode exigir intervenção estilo F.M.I.

Funchal, 26 (do nosso enviado especial) — «Debateremos problemas com melindre. Por isso não circunstanciamos na praça pública». Estas palavras foram proferidas pelo presidente do Governo regional da Madeira, Alberto João Jardim, no fim da visita de três dias que o primeiro-ministro efectuou àquela Região Autónoma.

Elas, e outras informações de fontes madeirenses, ou próximas do Governo central, comprovam que o comunicado final da reunião que juntou o Governo regional e alguns membros do Governo da República é demasiado sintético, ou mesmo omisso, sobre o que efectivamente se passou.

De acordo com fontes contactadas pelo «DL», a situação económica e financeira da Região Autónoma terá sido a principal preocupação das duas delegações.

Afirma-se no comunicado final, que «reconhecem (ambos os governos) que a presente situação financeira exige medidas de extremo rigor, e até impopulares, face à necessidade, de, no futuro, ser assegurada a recuperação económica e, até a sobrevivência do regime democrático...» E, mais adiante, «reafirmam um total empenhamento na solução das graves dificuldades com que se debate o povo português».

Por detrás destas frases, perfilam-se situações preocupantes para o Governo de Mário Soares, apesar das repetidas declarações de solidariedade institucional entre Lisboa e o Funchal.

Ao que conseguimos apurar de várias fontes, não é ousado afirmar que a Madeira está falida. O défice acumulado vai já em 16 milhões de contos e as dívidas das autarquias locais da região, que são apenas onze, ultrapassam os quatro milhões de contos (as autarquias do continente, mais de 160, têm dívidas no valor de pouco mais de oito milhões de contos).

Por outro lado, Alberto João Jardim continua a reclamar mais dinheiro para gastar na Madeira nomeadamente exigindo que seja alterado o critério de cobertura do défice, actualmente proporcional ao número de habitantes (na Madeira pouco mais que 250 mil pessoas).

A tudo isto acresce que no Funchal correm rumores apesar

de desmentidos por Alberto João Jardim sobre a grave situação da Caixa Económica do Funchal, que teria já provocado a intervenção, por duas vezes, do Banco de Portugal. Essa situação derivaria, segundo as nossas fontes, tanto da expansão daquele banco privado sem para tanto ter as infra-estruturas necessárias, em termos técnicos e de capital, como, por outro lado do crédito mal parado, em grande parte concedido às autarquias locais madeirenses.

Perante esta situação, que quase se pode considerar desesperada, Soares terá regressado ontem do Funchal com a garantia do apoio de Alberto João Jardim a um programa de emergência para a Região que se traduziria na manutenção da cobertura dos défices, desde que o Governo regional garanta a compressão das despesas públicas.

Seria quase como um programa do FMI imposto à Região Autónoma, que permitirá a gestão corrente e algumas despesas urgentes consideradas inadiáveis — como o alargamento do Aeroporto de Santa Catarina e alguns melhoramentos em Porto Santo, como o porto de abrigo (que foi visitado no sábado por Mário Soares) mas limitaria significativamente os investimentos, que não poderiam continuar ao ritmo que tem sido mantido, de forma qualificada como irresponsável, pelo Governo regional.

A presença no Funchal, no próximo mês de Outubro de uma delegação liderada pelo ministro das Finanças, Ernani Lopes, deverá permitir a concretização desse acordo, enquanto o pacote autárquico que o Governo vai apresentar no Parlamento irá regionalizar a administração autárquica, mesmo a regional.

O alargamento da pista do Aeroporto de Porto Santo, por exemplo, só seria concretizado com o apoio económico da NATO. A pista existente é insuficiente, nomeadamente para a descolagem de aparelhos de grande porte carregados de combustível, o que impede que ali se façam escalas em viagens para os Estados Unidos.

Em outras questões verificaram-se algumas divergências entre o Governo central e o Executivo regional. A utilização do satélite para transmis-

sões televisivas, terá sido um deles, como já aqui demos conta em crónicas anteriores. No que toca à legislação de trabalho, a nível regional o projecto de decreto da «lay-off» não é considerado essencial, mas o Governo de João Jardim insiste na limitação dos contratos de trabalho a prazo que considera estarem a ser abusivamente utilizados, nomeadamente pela indústria hoteleira.

Curiosamente, o ministro de Trabalho, Amândio de Azevedo reconheceu publicamente que não concorda com algumas das soluções consagradas no projecto do «lay-off», que foi publicado como base de discussão para sofrer ulteriores alterações.

Democracia

Passando a outras questões, a delegação governamental que esteve na Madeira poderá ter-se apercebido do péssimo clima político que se vive na região. As queixas de dirigentes do CDS e do PS (estas mais discretas, condicionadas que estão pela coligação governamental em Lisboa) e, também, da Junta de Freguesias do Machico, junta-se o panorama dado pela comunicação social do arquipélago, nomeadamente a Televisão que, segundo fontes madeirenses, tem tido uma irresistível atracção pela figura do presidente do Governo regional e dos de outras autoridades.

O CDS, num comunicado tornado público depois da visita de Soares, estranha que tenham sido silenciadas as difíceis condições em que se exerce localmente a actividade política, salientando que continua por regulamentar o tempo de antena na Rádio e na TV.

Por seu turno, o líder socialista Emanuel Jardim Fernandes (apoiente da linha do ex-Secretariado), disse depois de uma audiência com Mário Soares realizada na sexta-feira, que desejava o bloco central na Madeira, salientando no entanto, que «uma coligação regional deverá ser factor de eficácia e de uma nova política que é necessária seja implementada.»

Por seu turno, a Junta de Fre-

guesia do Machico, presidida pelo padre Martins e apoiada pela UDP, considera que a atitude de Alberto João Jardim ao impedir uma audiência que fora pedida à secretária de Estado da Administração Autárquica «demonstra que na Madeira qualquer cidadão e qualquer autarquia perderam toda a garantia e liberdade constitucionais, até de se dirigir a uma entidade governamental».

A estes problemas, a delegação governamental que esteve na Madeira não deu soluções, nem as abordou publicamente.

Mas é evidente que não são só as dificuldades financeiras que põem em perigo a sobrevivência do regime democrático.

José Manuel Vilaça

FNAC somos o ar condicionado



CONDICIONADOR DE AR TIPO JANELA

ALTA QUALIDADE, EXCELENCIA DE FABRICO, PRONTIDÃO NA ENTREGA, FÁCIL MONTAGEM e PREÇO ALTAMENTE COMPETITIVO

São garantias que caracterizam os «Condicionadores de Ar Tipo Janela» que a FNAC produz e, por tais razões exporta. Consulte, desde já, os instaladores ou os distribuidores exclusivos:

CLIMANORTE — Rua do Campo Alegre, n.º 452 • 4100 PORTO
Tel. 69 31 45-69 41 09

CLIMACENTRO — Rua da Fonte, n.º 64
1500 LISBOA • Tel. 714 08 39-714 08 28

CLIMASUL — Quinta do Amparo, Lote 54
8500 PORTIMÃO
Telex 57355 • Tel. 243 73-260 48

FNAC

Fábrica Nacional de Ar Condicionado, UCRL
Estrada da Outorela, Lts. 20-21-2795, LINDA A VELHA-CARNAXIDE • Telef. 218 33 67/68/69/70



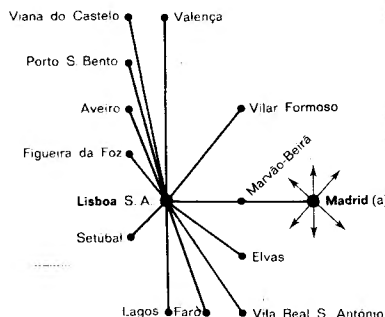
Espaço bem ambientado

Agradecemos o envio de informações técnicas para

Nome _____
Morada _____

Caminhos de Ferro Portugueses

NOVO SERVIÇO LISBOA/MADRID/LISBOA



Período de serviço

Serviço diário nas estações de Aveiro, Elvas, Faro, F. da Foz, Lagos, Lisboa (S.A.), Marvão-Beira, Porto (S. Bento), Setúbal, Valença, V. do Castelo, V.R. St. António e Vilar Formoso

Encaminhamento

O seguimento das encomendas é feito pelo comboio Lusitânia-Expresso, com partida de Lisboa (S.A.)

Informações

Informe-se nas estações atrás mencionadas, ou pelos telefones:

864181 — Departamento Comercial — Serviço Comercial de Mercadorias — Lisboa (S.A.)
564141 — Serviço Comercial da Região Norte — Porto (Campanhã)
867785 — Serviço Comercial da Região Centro — Lisboa (S.A.)
2073028 — Serviço Comercial da Região Sul — Barreiro

(a) De Madrid para diversas estações espanholas (consultar relação das mesmas nas estações mencionadas no gráfico)

comunicação social

Um certo homem de "cultura" à frente da RTP

O PCP, através da Secção de Informação e Propaganda, acusa a RTP de até este momento não ter conseguido explicar «porque razão uma importante actividade política» do partido, a Festa do «Avante!» foi onegada aos telespectadores.

Enquanto isso, pormenoriza um comunicado da SIP daquela organização política, «qualquer declaração à entrada ou saída de reuniões dos partidos do Governo é motivo obrigatório das reportagens da RTP».

As acusações são dirigidas particularmente ao presidente do Conselho de Gerência da RTP, Palma Ferreira, a propósito de uma sua entrevista a um semanário.

De acordo com o PCP, nessa entrevista, Palma Ferreira «esclarece definitivamente duas coisas: que a responsabilidade pelos actos de censura praticados na RTP está, a partir de agora, plenamente assumida pelo CG da RTP e designadamente pelo seu presidente — e que tais actos de censura não resultam de qualquer impensado e momentâneo excesso de zelo partidário de quadros intermédios, mas estão, pelo contrário, inseridos e protegidos por uma concepção global apostada na manipulação e na discriminação».

Afirma, ainda o PCP:

«Com esta entrevista, o presidente do CG da RTP encarregou-se ele próprio de arruinar várias mistificações com que a propaganda oficial e oficiosa quis aureolar a sua nomeação para aquele cargo.

Com efeito, apresentaram-no como um «homem da cultura» e um «intelectual», mas exhibe uma confrangedora pobreza de ideias. Promoveram-no como um homem de «diálogo», mas mostra-se intolerante e agressivo como fica bem a um apoiante de Soares Carneiro. Baptizaram-no de «independente», mas confirma-se totalmente dependente de concepções reacçãoárias e de métodos autoritários e zeloso servidor dos interesses do Governo PS-PSD».

E a terminar:

«As declarações do Presidente do CG da RTP evidenciam que é inteiramente justo e necessário dar firme combate à política de mentira, censura, manipulação e desinformação prosseguida na RTP pelos agentes do governo PS-PSD».

Salgado Zenha em defesa da ANOP e EPNC

O antigo dirigente socialista Salgado Zenha declarou em Marco de Canaveses, no último sábado, que o comportamento do Governo para com a agência ANOP visa atingir o objectivo de «controlar, cada vez mais, a Comunicação Social».

«Faço votos para que o Governo rectifique o seu comportamento em relação à ANOP e que tome decisões que respeitem a dignidade dos jornalistas e os empregados que lá trabalham» — acrescentou Salgado Zenha.

Aquele membro do ex-Secretariado, que prestou estas declarações em exclusivo à Agência Noticiosa Portuguesa num dos intervalos de um encontro sobre regionalização que no fim da semana passada decorreu em Marco de Canaveses, disse de «expectativa» a sua posição em relação ao que se tem vindo a passar na Empresa Pública «Notícias/Capital» (EPNC).

De qualquer maneira — adiantou Salgado Zenha —, «entendo que deve ser respeitada a independência quer do «Diário de Notícias», quer do «Jornal de Notícias». (...) «A não serem tomadas medidas muito claras, a presente situação na EPNC pode vir a significar a entrega do «JN» ao sector privado, o que seria algo de muito lamentável».

Zenha sublinhou a necessidade de os dois matutinos, «obra de longas gerações de jornalistas», se manterem abrangidos pelo Estatuto da Imprensa Estatizada.

«Espero que de todo este processo não advenha nenhum prejuízo para a independência do «Jornal de Notícias», que eu continuo a pensar que deve ser um jornal da cidade do Porto, não devendo, portanto, serem tomadas medidas contra ele, em termos irreparáveis» — prosseguiu.

O antigo dirigente socialista elogiou o papel que tem vindo a ser desempenhado pelo director do «Diário de Notícias», Mário Mesquita, «o qual — disse — tem dado uma contribuição muito importante para a valorização do matutino, já por si detentor de mérito próprio, mas ao qual Mário Mesquita acrescentou a sua competência, a sua dignidade e a sua independência».

Trabalhadores socialistas pelo sector público

Os trabalhadores socialistas da Comunicação Social, em reunião efectuada na sede do PS, manifestaram o desejo de que sejam mantidos os diversos títulos que integram o sector público.

Em comunicado oportunamente distribuído, os trabalhadores socialistas das diversas empresas de Comunicação Social reafirmam a sua convicção «acerca da disposição do Governo de preservar o sector público da Comunicação Social» e de que «a vontade do Executivo de o restaurar visa a sua viabilização e consolidação e não enfraquecê-lo ou destruí-lo».

Sem pôr em causa o lugar e o valor dos órgãos pertencentes a empresas privadas, os socialistas da Comunicação Social evidenciaram «os esforços dos órgãos do sector público para assegurarem uma informação séria e de qualidade», e reconheceram «o papel importante deste facto e a sua influência positiva na construção da democracia».

Os trabalhadores socialistas afirmam ainda que, «não obstante a gravidade e o cunho doloroso» de algumas circunstâncias que se vivem na Comunicação Social, as «atitudes radicais podem não servir a causa das melhores e mais razoáveis soluções, mas, pelo contrário, agravar as actuais realidades e comprometer desfechos construtivos».

Mesmo que haja acordo entre a «maioria» e a «minoría» socialista é bem possível que não surja uma lista conjunta daqueles dois sectores no V Congresso que se inicia na próxima sexta-feira no Pavilhão dos Desportos.

As negociações tendentes a aprovação de uma proclamação de princípios respeitantes à vida interna partidária prosseguem esta tarde e perdurarão, provavelmente, até ao congresso. As questões fulcrais deste acordo centram-se no exercício da democracia interna.

Os pontos mais polémicos no âmbito das negociações prendem-se com a política governamental. A direcção socialista pretende o apoio incondicional do ex-Secretariado, atitude que os elementos deste sector recusam determinadamente. No documento da Comissão Permanente que tem estado em discussão, a par da réplica apresentada pelo ex-Secretariado, há dois pontos que se referem àquele apoio. No primeiro lê-se: «a situação de crise geral vivida no País, herdada da gestão AD, ruínoza e irresponsável, as condições drásticas impostas e assumidas para a recuperação, a necessi-

dade de esta ter um sentido e abrir para perspectivas de que o PS possa reclamar-se, são factores que exigem um partido coeso, identificado em torno dos seus princípios, dinâmico, e descentralizado, plural na convivência das ideias, solidário na partilha das responsabilidades e na assunção das decisões tomadas pelo órgão competente».

No segundo ponto diz expressamente Mário Soares que «o apoio activo dos socialistas à acção política, governativa e parlamentar do PS, é condição de êxito para um programa de salvação nacional, empenhado designadamente, em dignificar o Estado...».

Três soluções

Evitar este vínculo tem sido o objectivo do ex-Secretariado, durante as negociações.

Conforme noticiámos na nossa edição de sábado, cerca de 70 delegados do ex-Secretariado ao Congresso reuniram-se, no fim-de-semana, em Lisboa, para debater a plataforma que está a ser negociada com a «maioria» e definir os critérios de candidatura aos órgãos nacionais do partido.

PS: conversações maioria/minoria prosseguem

Consenso pode implicar duas listas

Para o acompanhar os negociadores directos do acordo ao longo desta semana foi eleita uma comissão composta por quinze elementos.

Quanto à conclusão das negociações podem perfilar-se três situações: não há acordo quanto ao texto da proclamação e neste caso haverá obviamente uma lista da maioria e outra da minoria para a Comissão Nacional (a da Esquerda Laboral, seria a terceira); 2) há acordo quanto à proclamação e quanto à constituição de uma lista conjunta, o que parece difícil; e 3) há acordo quanto à proclamação mas não quanto a lista conjunta.

O problema da lista conjunta tem a ver não só com a densidade de cada um dos sectores, mas também com os nomes a indicar pelo ex-Secretariado, que não poderão ser vetados pela «maioria».

Ex-Secretariado — que peso?

De qualquer forma os principais dirigentes do ex-Secretariado têm lugar garantido na Comissão Nacional. «Não exigimos mais do que o peso que temos» — dizia-nos um dos membros do ex-

-Secretariado no final da reunião de sábado. A não haver lista conjunta, os elementos do ex-Secretariado estão convencidos de que a sua lista (já elaborada para o caso de não haver acordo a toda a linha) obterá a densidade de lugares a reivindicar nas negociações, na base dos delegados eleitos.

Conforme foi afirmado na reunião de sábado, quem parece ter mais receio de que se faça o consenso entre maioria/minoria são alguns elementos ligados ao sector de lugares a reivindicar nas negociações, na base dos delegados eleitos.

Em qualquer dos casos das listas (separadas ou não) Salgado Zenha, se quiser, entrará para a próxima Comissão Nacional. Será o cabeça de lista do ex-Secretariado. De resto, durante a reunião, foram designadas três pessoas para o contactar com vista a mostrar o empenhamento do ex-Secretariado, em que ele esteja presente no Congresso e aceite concorrer à Comissão Nacional.

Salgado Zenha tem estado ausente de Lisboa e, segundo corre em certos meios não está com vontade de participar no V Congresso.

Denuncia o Secretariado do MDP

Repressão económica nunca teve menores efeitos do que a repressão policial

São pouco optimistas as conclusões do MDP/CDE, que reuniu ontem o seu Secretariado Nacional, sobre a situação política e social do País, ao serem ultrapassados os famosos «100 dias» que foram, na campanha eleitoral, uma estrada de promessas dos dois partidos do Governo.

Em síntese, diz o MDP/CDE pela voz do seu porta-voz — economista, Mário Casquilho — que «a cem dias de governação, as promessas eleitorais do Partido Socialista ficaram pelo caminho com especial destaque para as cem medidas propostas ao eleitorado» e que, comparando o actual com o anterior Governo, «as diferenças que existem resultam de este Governo levar para a frente medidas que os da Aliança Democrática (AD) pretendiam mas não puderam concretizar».

Afirma também o MDP/CDE que, «como principal responsável do Executivo, o Partido Socialista esqueceu as suas promessas ao eleitorado e apresentou, no plano programático, uma conduta que mais se identifica com a vertente direita do PSD».

E adianta que «o que ainda é mais lamentável é que esta acção não seja orientada por necessidades governativas mas para aplanar o campo que permita a realização de projectos de ambição pessoal que nada têm a ver com os problemas do País».

«Hoje pode afirmar-se com toda a segurança que o Governo já falhou completamente na indispensável missão de entusiasmar, mobilizar as energias do País, missão indispensável quando se sabe que sem esse entusiasmo e energia não há projecto de reconstrução económica que vingue».

Debruçando-se sobre as medidas de emergência do Governo, o MDP/CDE diz que elas não se explicam, «apenas» nem «principalmente», pela necessi-

dade de ultrapassar dificuldades financeiras, «mas também para obter efeitos como intimidação social e como pressão política».

Mas a caracterização mais objectiva relativamente à situação que se vive em Portugal, e que soa como um sinal de alarme, surge quando aquele partido afirma textualmente: «Em situações de forte contestação social e política, a repressão económica nunca teve menores efeitos do que a repressão policial».

O Secretariado Nacional do MDP/CDE concluiu que a política do actual Governo de Coligação PS/PSD «no plano social traduz-se pela brutal acentuação das desigualdades sociais, no plano económico divisa-se um impasse desastroso e no plano político e cultural desenha-se o bloqueio da democracia».

O MDP/CDE aprovou também votos de congratulação pela próxima visita do presidente Samora Machel a Portugal e pela comemoração do aniversário da independência da Guiné-Bissau.

Também no plano internacional, condenou a utilização da força multinacional de paz no Líbano e a África do Sul pelas «agressões continuadas e descaradas aos países da África Austral, directamente ou através do apoio prestado à UNITA em Angola e à RNM em Moçambique».

Por outro lado o MDP/CDE recusa a utilização do território português para fins que ponham em perigo a segurança das populações ou que possibilitem a intervenção nos assuntos internos de outros países.

Eanes parte depois de amanhã

Visita presidencial assinalará início da ligação aérea entre todas as ilhas

A visita que o Presidente Eanes efectua aos Açores, esta semana, ficará a assinalar a cobertura integral das ligações aéreas entre as ilhas do arquipélago.

Com efeito, o Presidente da República inaugura quarta-feira a pista de aviação da ilha do Corvo, a última a ser construída dentro do plano de cobertura aeroportuária da região, desde a primeira hora um dos cavalos de batalha do gabinete de Mota Amaral.

Por este motivo, e apesar dos turbo-hélice da transportadora aérea regional não poderem operar nas reduzidas dimensões da pista, a inauguração é encarada como um dos pontos altos da visita.

Esta terá o seu começo terça-feira pela ilha Terceira, com as sequelas do terramoto de Janeiro de 1980 como pano de fundo.

O Presidente deslocar-se-á precisamente às zonas sinistradas da ilha, ao gabinete de apoio à reconstrução e aos monumentos em reconstrução na cidade de Angra do Heroísmo.

Na quarta-feira visita as ilhas das Flores, onde inaugura a escola secundária de Santa Cruz, e o Corvo, onde para além do aeroporto inaugura uma nova central telefónica.

Na quinta-feira de manhã visita a ilha de São Jorge, seguindo depois do almoço para a Graciosa, onde observará as obras de construção do porto da Praia.

A manhã de sexta-feira está reservada para a ilha do Pico,

visitando o PR, uma unidade fabril conserveira e encontrando-se com pescadores da frota atuneira no porto da Madalena.

Ao princípio da tarde, Eanes e a comitiva seguem de fragata para a ilha do Faial, sendo recebido em sessão solene na Assembleia Regional dos Açores.

Sábado, Ramalho Eanes desloca-se à ilha de Santa Maria, partindo a meio da tarde para São Miguel, visitando ainda nesse dia um centro de bovinicultura a que se segue uma reunião com lavradores.

E-lhe oferecido nessa noite um jantar de gala pelo presidente do Governo regional, Mota Amaral, após o qual assiste a uma recita de gala em sua honra.

No último dia da visita de seis dias aos Açores, Eanes assiste à missa dominical numa pequena ermida de Vila Franca do Campo.

Estará ainda de manhã presente num festival desportivo a realizar em Ponta Delgada e visita as obras do porto piscatório de Rabo de Peixe.

Antes da partida para Lisboa, ao fim da tarde, o Presidente concede audiências aos representantes dos três partidos com assento no Parlamento Regional — PSD, PS e CDS.

Ramalho Eanes e a esposa fazem-se acompanhar nesta visita pelo almirante Silva Horta, coronel Lencastre Bernardo, Joaquim Letria, major Barroco Monteiro e major Coutinho Ferreira.

Fogos deixam Centro do País mais pobre

Bombeiros regressam aos quartéis após quatro dias e quatro noites de combate

Um programa de medidas de emergência e de fundo para a defesa do património florestal nacional foi ontem pedido pela Confederação Nacional da Agricultura ao Governo, tendo em conta os milhares de contos de prejuízo provocados pelas chamas em vários pontos da Região Centro. Foram destruídas muitas centenas de hectares de florestas de pinho, eucalipto, vinhas, pomares e olivais. Não há ainda um cálculo visível dos prejuízos totais, porque nem sequer foi feito um levantamento tão aproximado quanto possível.

Os vários incêndios ateados na Região Centro por mãos criminosas provocaram dois mortos, exigindo das autoridades investigações aturadas que conduzam à descoberta e detenção dos seus autores. Há toda uma vasta área calcinada, danos consideráveis, pinhais para sempre irrecuperáveis e, além daquela duas vítimas mortais, viaturas danificadas (os bombeiros de Penela viram um dos seus carros despenhar-se na serra) e alguns feridos, entre eles três bombeiros.

Eduardo Pereira voltou ao Centro

Miranda do Corvo foi o concelho mais fustigado pelas chamas, como já tivemos ocasião de referir, embora Penela não lhe ficasse muito atrás. S. Gens, Tola, Casais de Cabra, Albarraz, Pessegueiro e Casal de Santo Estêvão foram algumas das povoações ameaçadas pelas chamas, cujos habitantes chegaram a estar praticamente cercados.

Durante quatro dias e quatro noites, bombeiros de vários concelhos do distrito de Coimbra quase não descansaram: fogo extinto num lado, fogo a irromper noutro. Estradas cortadas, chamas a liga-

rem ao seu alcatrão, tornando impossível o trânsito automóvel: o pânico instalado. O vento a soprar a uma velocidade quase ciclónica ajudou à propagação das chamas nos sítios mais altos. Vila Nova de Poiares foi uma das áreas que mais se ressentiu disso.

A calma tinha ontem voltado ao Centro do País, permitindo que os «soldados da paz» se refizessem do esforço despendido por mais de cem horas, alguns sem irem à cama.

Eduardo Pereira foi lá, andou de helicóptero e a pé, mas, apesar de toda a sua (aparente) boa vontade, não se furtou a algumas críticas. As mais contundentes, chegaram do comandante dos Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Poiares, Jaime So-

ares, que é o presidente da respectiva Câmara e o 1.º responsável pelo Comando Operacional de Emergência da zona: «Ele veio cá passear. Eu ando aqui há três dias e três noites e não o vi», afirmou.

O titular do MAI sobrevoara a zona em chamas no sábado e voltou lá, ontem, de manhã, vendo, a pé, o que em parte as chamas provocaram, acompanhado pelo presidente do Serviço Nacional de Protecção Civil, general Pires Cardoso, e por um elemento do Serviço Nacional de Bombeiros.

Duas vítimas identificadas

O Centro do País descansou os braços e o espírito

ontem de manhã, mas por poucas horas. Porque, ao fim da tarde, o fogo, que entre quarta-feira e sábado se espalhara por cerca de vinte frentes (facto que indicia origem criminosa) e dezenas de quilómetros de extensão, lavrava em florestas de Castelo Branco e Figueiró dos Vinhos. Nesta última área, chegou a causar preocupações às populações de Póvoa, Santo Antão e Castanheira de Pera. Um trabalhador rural não pôde escapar às chamas e foi a segunda vítima mortal dos pirómanos.

Esta manhã as chamas também estavam controladas naquelas duas áreas, disseram-nos informadores das corporações dos bombeiros locais. Na área de Castelo

Branco o fogo disseminou-se por vários pontos, desde Casal de Zebreira (concelho de Oleiros) a Cernache do Bonjardim, Vila Velha do Ródão e Vila do Rei. Embora a situação no distrito tendesse a agravar-se, foi felizmente controlada pelos bombeiros — adiantou-nos um responsável dos BV de Castelo Branco.

Almerinda Amaro, 57 anos, morreu carbonizada na sexta-feira, na sua residência de Quinta da Morada, em Penela. A segunda vítima foi o trabalhador rural Abílio Ascensão, de 80 anos, casado, agricultor, atingido pelas chamas que lavraram em Moinhos Cimeiros.

CNA: indemnizações

A Região Centro passou há quatro anos por momentos

como os que viveu a semana passada e é, por isso, objecto de especial atenção num comunicado da CNA sobre a problemática da floresta e dos incêndios florestais. Muitos agricultores foram então atirados para uma situação de verdadeira miséria. Aconteceu agora o mesmo: casas se habitam, com todo o seu recheio, foram igualmente consumidas pelos fogos nos concelhos de Miranda do Corvo, Penela e Figueiró dos Vinhos. Ainda não havia esta manhã um cálculo dos prejuízos entre tanto resultantes das chamas que se estenderam ao distrito de Castelo Branco, admitindo-se que não tenham comparação com os daqueles três concelhos do distrito de Coimbra.

A CNA solicita, por isso, que o Governo accione de imediato subsídios de sobrevivência para os agricultores que perderam os seus haveres e indemnizações justas pelos prejuízos que sofreram.

Todos os grandes incêndios estavam esta manhã extintos, apurou o «DL» junto do Centro de Prevenção e Detecção da Lousã, e os que ressurgiram no concelho de Figueiró dos Vinhos ou os que irromperam no distrito Castelo Branco, também controlados. Era também essa a situação no maciço central da Serra da Estrela, na área do concelho da Guarda, em que as chamas destruíram ontem uma extensa área de culturas, pinheiros e castanheiros nas localidades de Meios, Trinta, Fernão Joanes e Folgoso. Extintos também estavam os incêndios de Muchagata, Juncal e Chão de Tavares, no concelho de Fornos de Algodres, que foram combatidos pelos BV da vila, de Canas de Senhorim, Mangualde, Penalva do Castelo e Aguiar da Beira.

Ex-bombeiro é um dos suspeitos

O incêndio de Cortegaça foi ateado por três pirómanos

PORTO, 26 — A brigada da Polícia Judiciária encarregada de investigar os casos de «fogos-postos» chegou já à conclusão de que o incêndio que ocorreu na madrugada do último sábado, na fábrica «Lusotubo», em Cortegaça, que provocou um prejuízo da ordem dos 500 mil contos, teve origem criminosa.

Um dos suspeitos da autoria do crime — com quem os investigadores já tiveram uma longa conversa — dá pelo nome de Valentim Dias Oliveira da Costa, de 24 anos, e reside com os pais em Esmoriz. Em tempos pertenceu ao corpo de Bombeiros de Esmoriz e, segundo terá confessado, «ateava os fogos por duas razões: para ser o primeiro a chegar e para impressionar a namorada».

Valentim Dias esteve preso durante mais de dois anos, tendo saído da cadeia há cerca de meio ano. Mas pelos vistos, não tomou emenda. Os investigadores admitem como quase certo que foi ele o principal responsável pela acção criminosa que, durante a madrugada do último sábado conforme o «DL» noticiou pôs em pânico a laboriosa população de Cortegaça, perto de Ovar.

O primeiro foco de incêndio manifestou-se num amplo armazém de matérias-primas, tendo sido detectado pelo vigilante da fábrica cerca das duas horas da madrugada. Apesar da rápida comparência dos bombeiros, estes experimentaram sé-

rias dificuldades para debelar o sinistro, devido não só à natureza dos materiais em combustão, mas, sobretudo, por causa do fumo tóxico que os mesmos provocavam.

Sabe-se já, também, que o sinistro foi provocado com mechas de jornal, envolvidas por pequenas «bichas de rabiar». Entretanto, para além da recolha de todos estes dados, os investigadores da Polícia Judiciária desenvolveram diligências no sentido de obterem os elementos de prova suficientes para incriminarem os dois companheiros do ex-bombeiro, já que este se recusa a revelar as suas identidades.

Tanto quanto se sabe, o Valentim Dias andou na companhia de mais dois indivíduos até perto da uma e meia da madrugada, tendo deixado estes para se juntar a outros dois, com quem teria combinado a referida acção criminosa. Podemos adiantar, ainda, que durante o fim-de-semana os investigadores trabalharam activamente neste caso, tendo falado com dezenas de pessoas, incluindo os dois indivíduos, que inicialmente se apresentavam, também, como suspeitos e que, após um demorado interrogatório, foram mandados embora por nada se ter provado contra eles.

Por todo o dia de hoje e na sequência do trabalho iniciado algumas horas após os factos, os investigadores deverão deter todos os elementos envolvidos no «crime de fogo-posto».

Vamos ver o «Tollan» virar?

Nova tentativa esta tarde quando chegar a maré cheia

Nova tentativa para o «Tollan» virar será esta tarde tentada pelos homens da «Sealift», que ontem elevaram o porta-contentores a uma posição de noventa graus beneficiando da maré cheia. As previsões para a operação desta tarde, que deverá começar antes das 17 horas, são mais auspiciosas que as de ontem.

De acordo com o comandante do porto de Lisboa, esta manhã o «Tollan» estava numa posição de 70 graus o que, com a maré a encher, constituía bom augúrio para esta tarde. A maré cheia surgirá por volta das 17h26 e espera-se que o «Tollan», finalmente, «vire». Será assim a terceira tentativa, em dois dias, para pôr o porta-contentores a flutuar. E a quarta desde que a «Sealift» chegou a Lisboa. A primeira, como se deverão recordar, ocorreu em 29 de Agosto. Foi, mais uma, desde há dois

anos. E não mais de três que o «Tollan» se encontra perto da Ribeira das naus, entre o Terreiro do Paço e o Cais do Sodré.

Um dos protectores dos cabos foi esmagado na segunda tentativa de ontem para virar o barco, razão por que a operação se frustrou. Aliás, já o mesmo sucedera de madrugada, quando o «Tollan» chegou aos 90 graus. O navio está a rodar muito lentamente e, de experiência em experiência, os técnicos da «Sealift» vão ajustando os seus planos e corrigindo as suas falhas. «É uma operação que decorre muito devagar e que se baseia no jogo de marés», disse ao «DL» o comandante Bartolomeu Guimarães.

Depois das duas tentativas de ontem para endireitar o «Tollan», a equipa da «Sealift» tem grande fé na operação desta tarde, adiantou ao nosso jornal um dos

representantes da firma alemã em Lisboa. Para isso, e além de terem aliviado ontem o porta-contentores do peso excessivo dos tanques de lastro a bordo, mergulhadores recolheram ontem, com uma rede, algumas latas «despejadas» pelo «Tollan».

Os homens da «Sealift» desistiram de soldar a chapa que vedaria os tanques de lastro de bombordo, devido à presença de gases inflamáveis. A rotação do navio na tentativa desta tarde decorrerá no sentido oposto ao que inicialmente previam. O «Tollan» vai rodar sobre o seu lado de bombordo, justamente aquele que ficou mais pesado devido à entrada de seiscentas toneladas de água, aquando da primeira tentativa, em 29 de Agosto último. Entretanto, o prazo para a sua remoção foi prorrogado pela Capitania do Porto de Lisboa por mais quatro semanas, facto que

permitirá, se a operação desta tarde tiver o desfecho das anteriores, efectuar durante mais um mês novas tentativas.

A operação desta tarde começará antes das 17 horas, provavelmente três quartos de hora antes e prolongar-se-á até às 20/21 horas. O público, que ontem, de manhã e à tarde, acorreu em grande número à Ribeira das Naus — os mais optimistas continuaram lá até às 23 horas —, será mantido à distância, por uma questão de segurança. As autoridades de trânsito deverão resguardar a zona, de modo a que não haja transtornos de circulação.

A precaução das autoridades prende-se também com o facto do pontão do «Sealift-2» se encontrar agora amarrado a terra por fortes cabos de aço, visando assim evitar qualquer acidente no caso de alguns desses cabos rebentarem.

Mota Pinto: Agrobasto (e não só)

“Austeridade por interesse nacional”

O vice-Primeiro-Ministro, professor Mota Pinto, afirmou domingo passado na Câmara Municipal de Viseu que o Governo precisa de confiança, estabilidade e tempo para reequilibrar a situação económica de Portugal.

Numa análise política justificou, mais uma vez, a actual coligação «por interesses nacionais» e salientou a necessidade de rigor e austeridade.

«O rigor e austeridade são os meios de reequilibrar e acertar a situação económico-financeira do País, condição indispensável para a reestruturação, modernização e relançamento do País» — acentuou Mota Pinto.

O vice-Primeiro-Ministro considerou que a política de austeridade «é um dos pilares da ponte do futuro de Portugal», mas que tal política não é sinónimo de paralisação do País, «antes apenas uma consciencialização da gravidade do momento, que importa vencer para assegurar o futuro».

Cabeceiras de Basto

A presença de membros do Governo nas realizações efectuadas pelas autarquias do interior significa a atenção do Executivo quanto às reivindicações das regiões mais carecidas —

afirmaria Mota Pinto, por sua vez, em Cabeceiras de Basto, onde sábado se deslocou à Agrobasto 83, inaugurando o certame.

Acompanhado por outros membros do Governo, também aí Mota Pinto justificou as medidas de austeridade tomadas pelo Governo como «necessárias ao equilíbrio da situação financeira do País», que, disse ainda, «deve ficar equilibrada no decurso de 1983/84».

Respondendo às reivindicações referidas pelo presidente da autarquia, Mário Campilho, o vice-Primeiro-Ministro afirmou que o Governo está receptivo às questões levantadas pelos concelhos e regiões mais carecidas, mas «é preciso que todos ajudem a desbloquear as situações».

JSD

Num outro plano, a Comissão Política da Juventude Social Democrata (JSD) congratulou-se numa reunião política de dois dias, com a disponibilidade manifestada pelo ministro da Defesa Mota Pinto em discutir questões como o serviço militar obrigatório e o estatuto de objecção de consciência, que interessam aos jovens.

de ontem para hoje

Câmara de Loures critica ministro Eduardo Pereira



A Assembleia Municipal de Loures aprovou uma moção criticando uma carta enviada pelo ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, na qual se pede aos órgãos autárquicos e seus membros «comentários e sugestões que queiram fornecer sobre o pacote de propostas de alteração às leis que regem o Poder Local». Lamentando que o Governo PS/PSD não tenha utilizado a Assembleia da República para debater o assunto e que nem sequer tenha dado a conhecer as propostas de diplomas que pretende aprovar, a AML considera que «a consulta do MAI não é séria nem reflecte vontade de conhecer o comentário e sugestões das autarquias e dos seus elementos». No que se refere ao cumprimento da Lei das Finanças Locais, a AML denuncia mais uma vez o seu não cumprimento, considerando o concelho de Loures espoliado, nos últimos anos, em mais de três milhões de contos.

Caminha responsabiliza minas de Covas

O presidente da Câmara Municipal de Caminha afirmou que uma descarga das minas de Covas foi a causa principal da morte, a que nos referimos de milhares de peixes no passado dia 6 no rio Coura. Pita Guerreiro acrescentou que os dados até agora recolhidos são reveladores de tal indício causando fortes suspeitas de ter sido aquela indústria a causadora da morte de lampreias, trutas, enguias, solhas e bogas. A mesma fonte referiu que a edilidade já apresentou queixa ao delegado do Ministério Público da Co-

marca, aguardando agora os resultados das análises feita pelo Instituto Abel Salazar a fim de promover o respectivo processo crime contra os presumíveis responsáveis pela catástrofe. Pita Guerreiro assegurou entretanto que o executivo caminhense a que preside não irá «deixar esquecer o assunto levando-o até às últimas consequências». Registe-se que as minas de Covas têm necessidade de proceder à descarga de ácidos devido à lavagem de minério.

Violação frustrada perto de Gaia

Na estrada que liga Vilar do Andorinho ao Monte da Virgem, uma jovem estudante de 20 anos, Maria José, afirma ter sido abordada por um desconhecido que a tentou violar. Maria José, conseguiria no entanto, resistir e afastar o malandrim, tendo necessidade de receber tratamento a escoriações várias no Hospital de Vila Nova de Gaia.

Iate holandês salvo no Bugio

O iate holandês «Bolocan» encalhou, na madrugada de ontem, perto do Bugio. O salva-vidas «Patrão Chalandra» de Paço de Arcos recolheu as oito pessoas que se encontravam a bordo do iate, entre as quais três crianças e mais tarde ajudou o rebocador «Rana» dos pilotos da barra,

a desenganhar o «Bolocan». Depois de receberem assistência no Hospital de São José, onde se verificou não apresentarem fracturas ou ferimentos graves, os naufragos tiveram alta enquanto o iate era rebocado para a doca do Bom Sucesso.

Suspeita de assassinio na Amadora

A Polícia Judiciária investiga as circunstâncias em que ocorreu a morte de Amadeu Dias da Silva, de 50 anos, casado, natural da Régua e pai de três filhos, cujo corpo apareceu carbonizado na madrugada de anteontem no barracão que ocupava num prédio em construção, de que era guarda, na estrada para Caneças, na Amadora. Os investigadores suspeitam de que Amadeu tenha sido assassinado por alguém que depois deitou fogo ao barracão para ocultar o crime.

Condutor morre em choque de camiões

A morte do condutor de um dos veículos, e a interrupção do trânsito durante horas, foi o resultado do choque frontal entre dois camiões TIR, de matrícula portuguesa, ocorrido ontem à tarde na estrada que liga Celorico da Beira à Guarda. Os dois camiões transportavam respectivamente ma-

deira coprada e chapas metálicas. Durante o período em que a estrada esteve interdita a Brigada de Trânsito da GNR aconselhou o novo troço de auto-estrada entre Ratoeira e Celorico da Beira, ainda por inaugurar.

Suicidou-se na ausência do marido

Aproveitando a ausência do marido, a trabalhar na sua plantação de café, Maria Joana da Conceição, de 60 anos, pôs termo à existência por enforcamento, em Sabóia, no concelho de Odemira. Ao que afirmam familiares a extinta sofria há meses de uma grave enfermidade.

Semana de Moçambique no Estoril

Invulgar afluência de público nas exposições e espectáculos

No Casino Estoril continua a decorrer a Semana de Moçambique, uma iniciativa da Estoril-Sol, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Moçambique e da Secretaria de Estado da Cooperação, de Portugal, que engloba exposições de pintura, escultura, artesanato, fotografia e filatelia, além de uma mostra representativa da literatura moçambicana. Paralelamente decorre também uma Semana Gastronómica que visa dar a conhecer a cozinha moçambicana.

A Semana de Moçambique estará a caracterizar-se por um êxito que ultrapassou todas as expectativas, não só no que respeita ao nível de organização como à invulgar afluência de público. Ontem, as exposições foram visitadas pelo ministro da Indústria e Energia de Moçambique, dr. António Branco, pelo embaixador dr. João Baptista Cosme, pelo prof. Aquino de Bragança, director do Centro de Estudos Africanos, pelo secretário de Estado da Cooperação e pelo presidente da TAP, dr. Morbey Rodrigues, que depois participaram no jantar de gastronomia moçambicana e assistiram à exibição da Companhia Nacional de Canto e Dança, que tem alcançado êxito excepcional. Este agrupamento, que trouxe até ao público português novas expressões de canto e dança de Moçambique, recolhi-



Canto e dança de Moçambique um espectáculo inédito para o público português



Acompanhado pelo novo embaixador do seu país, o ministro da Indústria e Energia de Moçambique visitou ontem as exposições patentes na Galeria de Arte do Casino Estoril

apenas actuará hoje e amanhã, partindo na quarta-feira em digressão para a Europa.

Pena é que não tenha podido dar um grande espectáculo para o grande público de Lisboa e pelo menos outro no Porto, o que, sem dúvida constituiria um êxito seguro.

Quanto à Semana Gastronómica o sucesso foi completo. De tal modo que a Estoril-Sol decidiu prolongá-la até ao próximo sábado com exclusão de quinta-feira em que o salão restaurante do Casino estará reservado para um banquete.

Reunião convívio de artistas plásticos

Outra iniciativa de interesse é a reunião convívio de artistas portugueses e moçambicanos que terá lugar amanhã, pelas 18 horas, na Galeria de Arte do Casino Estoril.

Do programa previsto para este encontro cultural no qual participam também críticos de arte e jornalistas ligados ao sector, destaca-se a visita guiada à exposição de obras moçambicanas e um colóquio seguido de debate sobre Artes Plásticas naquele país de língua portuguesa, que terá como moderadores o pintor Malangatana Valente e o pintor Eugénio de Lemos.

Poderão participar nesta reunião todos os artistas plásticos interessados.

Em defesa da caça em Trás-os-Montes

Milhares de caçadores e lavradores desfilaram pelas ruas de Bragança

Caçadores e lavradores transmontanos manifestaram-se, no sábado, à tarde, em Bragança, solicitando ao Governo providências no sentido de proteger a caça na região.

Os caçadores e lavradores, em número de alguns milhares e representando os vários concelhos transmontanos, desfilaram pelas ruas da cidade, muitos deles fazendo-se transportar em automóveis ligeiros, camiões e tractores. Após o desfile, concentraram-se na Avenida do Sabor, exibindo cartazes com frases alusivas às suas reivindicações.

Ao fim da tarde, o governador civil de Bragança, Telmo Moreno, anuiu em receber uma comissão dos clubes de caça e de pesca e outra representativa dos lavradores, com quem dialogou demoradamente.

Após o encontro, o chefe do distrito declarou à ANOP «regosijar-se com a manifestação, por ter decorrido com civismo e pelo facto de as pessoas terem posto os seus problemas numa manifestação fundamentada e legalizada».

«Debateram-se problemas relacionados com a caça — disse — e estamos todos preocupados com a situação em Trás-os-Montes e pensamos que o novo projecto de lei da caça que subiu à Assembleia da República durante o mês de Agosto, vai regulamentar e vai trazer o sossego e a acalmia aos caçadores e lavradores transmontanos».

Os lavradores e caçadores de Trás-os-Montes pedem, nesse documento, dirigido aos governantes responsáveis pela caça, para serem ouvidos sobre a lei da caça que será discutida na

Assembleia da República em Outubro, em sua opinião, é «criminoso qualquer abate de espécies cinegéticas sem lhes dar tempo de tomarem corpo e se vestirem dignamente», como acontece com a febre e a perdid. Do mesmo modo consideram que a presente lei da caça «ameaça chacinar, mais uma vez, o pouco que ainda resta e seria lamentável que isso acontecesse». Defendem, por outro lado, que a caça abra a 23 de Outubro e feche a 25 de Dezembro.

A manifestação, de acordo com um comunicado distribuído em Bragança, teve por fim «sensibilizar os habitantes de uma região que, sabendo que a caça é uma riqueza, sentem que não se poderá adiar por mais tempo o início das discussões para a elaboração de uma nova lei da caça,

ajustada às realidades cinegéticas, geográficas, económicas e demográficas de cada região».

Por seu turno, um elemento da comissão coordenadora dos clubes de caça, que representa cerca de 30 mil caçadores, declarou à ANOP que se «receiam represálias no próximo dia 9 de Outubro, data do início da caça, porquanto os caçadores transmontanos deliberaram não caçar nem permitir que se venha a caçar na área de Trás-os-Montes, podendo vir a sair em defesa das espécies cinegéticas que ainda não atingiram o seu desenvolvimento total».

Entretanto, o governador do distrito apelou ao civismo por parte dos caçadores transmontanos para com todos quantos, nesse dia, possam vir aos distritos de Bragança e Vila Real para caçar.

Em jóias e dinheiro que tinha na residência

Presidente do CDS em Varzim roubado em vinte mil contos

Desconhecidos assaltaram a vivenda do eng. João Campos Cunha, presidente da Comissão Política do CDS na Póvoa de Varzim e ex-administrador da SOPETE (Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos, levando jóias e dinheiro no valor global de 20 mil contos.

O assalto verificou-se, na ma-

drugada de sexta-feira última, na ausência do locatário, tendo os autores do golpe escalado um edifício vizinho da vivenda, conhecida pela designação de «Palácio das Escórias» e localizada naquela cidade na Avenida Mouzinho de Albuquerque, 110.

Denotando um conhecimento perfeito do local, os assaltantes

acabaram por recolher todos os valores (jóias, relógios antigos, objectos de ouro e pratas), alguns dos quais, por sinal, colocados em pontos de difícil acesso. Tal, porém, não constituiu obstáculo para os autores da proeza.

Depois do roubo de que foi vítima um viajante, há uns anos, traduzido, então, em cerca de

três dezenas de milhar de contos, em objectos de ouro e jóias, não há memória de outro assalto tão rendoso na Póvoa de Varzim. Talvez por isso mesmo, as autoridades policiais não perderam tempo e iniciaram de imediato diligências tendentes a encontrar uma pista que possa, eventualmente, conduzir aos assaltantes.



Para 15 de Outubro

CGTP marcou jornada de luta nacional contra a política do Governo

A CGTP/IN convocou para o próximo dia 15 de Outubro uma jornada nacional de luta, com manifestações e concentrações a nível nacional, não excluindo a hipótese de uma greve geral posteriormente, contra a política do Governo PS/PSD.

A decisão foi tomada este fim-de-semana pelo plenário da Intersindical e visa concretamente «o pagamento dos salários em atraso, a defesa do direito ao trabalho, contra a lei dos despedimentos («lay-off»), a defesa das nacionalizações e da Reforma Agrária e a declaração de uma luta contra o aumento do custo de vida e contra a criação de novos impostos sobre quem trabalha».

O plenário deliberou encarregar o Conselho Nacional da CGTP de «requerer a declaração de inconstitucionalidade» da lei que impõe o aumento retroactivo dos impostos sobre os salários, aprovada

na sexta-feira pela Assembleia da República.

A CGTP/IN considera que o Governo chefiado pelo Primeiro-Ministro Mário Soares «tem levado a cabo, nestes primeiros cem dias de governação, uma política que só se diferencia da política da antiga Aliança Democrática (AD) por ser ainda mais violenta, mais ruinosa e mais destruidora para os interesses dos trabalhadores e do País».

Adianta que o actual Governo tem tomado «medidas extremamente gravosas», como a «autorização legislativa para alterar a lei de delimitação dos sectores (que a CGTP/IN considera «a favor dos antigos monopolistas»), estagnação ou mesmo decréscimo da actividade económica com agravamento incontrolável das taxas de juro, aumento dos despedimentos e do desemprego e plano de domesticação e manipulação da Comunicação Social, no-

meadamente através da repressão, da chantagem, da fome e da reposição da censura».

Aumento de dependência externa

«A política deste Governo é de submissão servil e total às exigências do Fundo Monetário Internacional» — afirmaram os dirigentes da CGTP, Kalidás Barreto, Manuel Carvalho e Manuel Lopes em conferência de imprensa realizada no final do plenário de sindicatos da confederação.

Adiantaram que o resultado dessa política e «a redução da produção e do investimento, a destruição da própria capacidade produtiva instalada, o aumento da dependência externa através de ataques às empresas públicas, nacionalizadas e participadas, a Reforma Agrária e a actividade

agrícola e de restrições ao crédito».

Denunciaram que a política do actual Governo no plano laboral «tem determinado o não pagamento de salários, nalguns casos há mais de um ano, a centenas de milhares de trabalhadores».

«Em vez do anunciado fomento da produção e do combate ao desemprego, o Governo pretende fazer crer aos portugueses que existem trabalhadores a mais quando estes sabem que o que falta é trabalho» — referiram.

O plenário, que teve a participação de 179 organizações sindicais, entre as quais 21 não filiadas na CGTP/IN, decidiu ainda «empenhar todo o movimento sindical, na realização do encontro dos trabalhadores das empresas públicas, nacionalizadas e participadas em 8 de Outubro próximo como forma de contribuir para a defesa deste importante sector económico».

Professores do 12.º Grupo e de Trabalhos Manuais ameaçam fazer greve

Os professores de Trabalhos Manuais e do 12.º Grupo prepararam-se para cumprir um dia de greve e participar numa reunião de âmbito nacional em Coimbra, em data a determinar.

A greve e outras formas de luta que venham a ser decididas têm por objectivo protestar contra o teste a que o ME pretende submetê-los em Novembro próximo.

Os cursos de complemento de formação destes professores, concebidos pelo Ministério da Educação, incluíam a realização de um seminário teórico-prático presencial, findo o qual os professores teriam de submeter-se a um teste.

Os docentes protestaram contra esta última exigência, que consideraram ilegal e injusta e rejeitaram em massa o teste: um número mínimo de professores — menos de uma dezena — dos cerca de 3500 de todo o País, não compareceram para prestar a prova.

O Ministério da Educação determinou, através do despacho 51/ME/83, substituir os seminários por palestras de hora e meia cada, a cargo de professores universitários da U. do Minho e Aveiro, após o que deveriam sujeitar-se a um teste em Novembro, sobre toda a matéria.

É contra esta decisão que os professores de Trabalhos Manuais e do 12.º Grupo se propõem fazer uma dia de greve e uma manifestação de protesto frente às instalações do ME, em Lisboa. Ao mesmo tempo exigem a revogação de toda a legislação contrária aos diplomas legais publicados e a revisão dos conteúdos dos próximos cursos, de modo a que sejam adaptados aos objectivos das disciplinas ou áreas dos professores a que se destinam.

Exigem igualmente que a organização dos cursos, o seu desenvolvimento e os métodos de avaliação a utilizar garantam «com dignidade o acesso ao escalão 1 de vencimentos, objectivo central da luta prolongada dos professores de T. M. e 12.º Grupo pela satisfação dos seus direitos inscritos no D. L. 94/82».

Encontro de 8 de Outubro visa “impedir a destruição do sector nacionalizado e participado” — diz a comissão organizadora

Prossegue em todo o país a eleição de delegados ao IV Encontro dos Trabalhadores das Empresas Públicas, Nacionalizadas e Participadas que, segundo a comissão dinamizadora, surge num momento em que o sector público está a sofrer «o pior e mais violento ataque da sua história».

O encontro, marcado para o próximo dia 8 de Outubro, decorrerá no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, tendo como objectivo fundamental «organizar a defesa daquela grande conquista de Abril, assim como os direitos e interesses dos trabalhadores».

Para a comissão dinamizadora do Encontro das Empresas Públicas, Nacionalizadas e Participadas, a actuação do actual Governo tem intensificado os ataques às nacionalizações lançados pelos anteriores Executivos.

A prová-lo, sublinha, está a lei dos despedimentos e a tentativa de abertura da Banca, dos Segu-

ros, dos Cimentos e dos Adubos ao grande capital privado. O acordo com o FMI e a intenção de reduzir drasticamente os investimentos produtivos, são mais dois pontos que se integram nessa ofensiva que vem desde 1976.

Para os trabalhadores do sector empresarial do Estado, o Governo PS/PSD tem recorrido «à chantagem, à pressão, aos serviços dos **divisionistas da UGT**» e à recusa de empossar os administradores eleitos pelos trabalhadores. Para destruir as nacionalizações, o Executivo tem também recorrido a expedientes como o não pagamento de salários, a tentativa de retirar as regalias fundamentais aos trabalhadores e o não pagamento das dívidas do Estado às empresas nacionalizadas.

No entanto, diz a comissão organizadora, o sector vai contribuir este ano com 32 milhões de contos para o Orçamento do Es-

Metalúrgicos voltam à luta pela revisão do CCTV

Vai reunir-se na quarta-feira o plenário da Federação da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, a fim de analisar o impasse nas negociações do CCTV e decidir novas formas de luta.

Os metalúrgicos, que estiveram em greve nos passados dias 22 e 23, com uma adesão que se situou entre os 70 e os 75 por cento, acusam as entidades patronais de bloquearem as negociações até o Governo satisfazer

as suas reivindicações. Acusam igualmente o Ministério do Trabalho de não desenvolver esforços para o desbloqueamento da situação.

As associações patronais do sector justificaram a suspensão da negociações contratuais com a «degradação da situação económica e financeira das empresas».

Entretanto, foi marcada para depois de amanhã nova reunião de conciliação no Ministério do Trabalho.

Comboios voltam a parar amanhã

Os maquinistas da CP voltam a paralisar amanhã, entre as 9 e as 21 horas, no prosseguimento da luta que têm vindo a desenvolver pela reintegração dos 37 trabalhadores despedidos e reformados compulsivamente, na sequência da requisição civil decretada quando da greve da Páscoa.

A semelhança das anteriores greves, esta paralisação afectará a circulação de comboios em todo o País, sendo a paragem total nas linhas de Cascais, Sintra e Azambuja.

A CP assegurará apenas transportes alternativos para as ligações internacionais. Os passageiros do «Sud Express» e do «Lusitânia Express» farão de autocarro o percurso até à fronteira.

De referir que, sobre a reintegração dos maquinistas despedidos o Governo considerou «definitivamente decididos os processos que não foram objecto de interposição de recurso e aguarda a decisão do Supremo Tribunal Administrativo» relativamente aos outros, «acatando a sua decisão, qualquer que seja».

Entretanto, os maquinistas têm marcada para a próxima sexta-feira, dia 30, nova greve, com o mesmo horário.

Gelmar

Os trabalhadores da Gelmar, paralisada há seis meses, vão reunir-se amanhã em plenários,

para discutirem a situação da empresa e as medidas a tomar para a sua viabilização e o pagamento imediato dos salários em atraso.

As organizações representativas dos trabalhadores decidiram em reunião continuar a lutar pela «satisfação urgente» das reivindicações imediatas dos trabalhadores, que também passam pela garantia dos postos de trabalho e pela demissão do presidente da comissão administrativa.

Decidiram igualmente exigir que o secretário de Estado do Comércio Interno dê conhecimento do estudo económico e financeiro sobre a empresa e que a Presidência do Conselho de Ministros responda à pergunta que os trabalhadores entregaram quando ali se concentraram no passado dia 20.

Mompur

Os cerca de 1160 trabalhadores da Mompur cumprem a partir de hoje paralisações de duas horas diárias, no início do segundo período de trabalho, contra a repressão na empresa e pelo pagamento integral dos salários relativos ao mês de Agosto.

Segundo um porta-voz sindical, o pessoal da Mompur, empresa que se dedica a montagens industriais e depende directamente do IPE, manterão a paralisação até à satisfação das suas reivindicações.

Pescadores da Póvoa voltaram ao mar

PORTO, 26 (Da nossa delegação) — Os pescadores da pesca da sardinha da Póvoa de Varzim, que se encontravam em greve desde o passado dia 7 deste mês, voltaram ontem à noite ao mar. Esta decisão fica a dever-se à cedência do patronato (armadores) que ontem de manhã chegou a um acordo com

os sindicatos representativos daqueles trabalhadores.

Quer isto dizer que o patronato cedeu às pretensões dos pescadores: «200 escudos de caldeirada por maré, desde que haja peixe, dois cabazes da melhor qualidade para a tripulação comer e, a partir dos cem, sete cabazes para a tripulação».

CASINO ESTORIL

SEMANA DE MOÇAMBIQUE

(23 de Setembro a 10 de Outubro)

Diversas exposições * de Artes Plásticas (Pintura, Escultura e Desenho), Artesanato, Literatura, Filatelia e Fotografia nas Galerias do Casino.



No Salão Restaurante
(de 24 a 27 de Setembro)

JORNADAS GASTRONÓMICAS

Apresentação de culinária moçambicana a cargo de cozinheiros vindos expressamente de Moçambique.

Durante as «Jornadas Gastronómicas», actuará, no Salão Restaurante, das 23 às 24 horas, a Companhia Nacional de Canto e Dança, constituída por 38 elementos.

Reserve a sua mesa através do tel. 268 45 21

* As exposições estarão abertas ao público, diariamente, das 15 às 24 horas. No dia da inauguração (23), abrem ao público às 22 horas.



A semelhança da prática na CEE

Industriais reclamam que o Estado dê o exemplo a "comprar português"

Divulgação atempada dos concursos de compras abertos pelo sector público, conhecimento, pela indústria nacional, com a necessária antecedência, do programa de investimentos a realizar e garantias de reciprocidade ou contrapartidas de compensação nas aquisições do sector público ao estrangeiro, sempre que tal situação se verifique por impossibilidade de fornecimento pela indústria nacional, foram as três principais exigências apresentadas ao Governo pelos industriais portugueses, em documento entregue recentemente, exigindo uma tomada de posição sobre a política de compras do sector público e empresarial do Estado.

Esta exposição, como que em resposta à campanha do Ministério da Indústria e Exportação "Compre Português", insiste na necessidade de a legislação e a prática do sector público apontarem, no mínimo, para igualdade de condições nos concursos, aos fornecedores nacionais, para

uma colaboração eficaz e concreta da indústria nacional com o sector público no domínio das compras do Estado.

As pretensões dos industriais foram transmitidas ao Governo pela AIP (Associação Industrial Portuguesa) e fundamenta-se no que chamam **uma total desarticulação entre o planeamento das compras a efectuar pelo sector público e o planeamento das empresas.** Isto tem tido como consequência o **abastecimento de produtos importados adquiridos no estrangeiro com os inconvenientes óbvios, quer em termos de balança comercial, quer em termos de desenvolvimento da actividade tecnológica e industrial.**

As empresas não podem, muitas vezes, satisfazer as exigências de compras do sector público e empresarial do Estado, apenas por falta de informação, em devido tempo, das suas necessidades e programas. Ou então, a abertura de concursos, com

prazos diminutos, ou também, com cadernos de encargos extremamente detalhados e direccionados, inviabiliza, na prática, o acesso ao contrato em condições concorrenciais.

A questão põe-se, sobretudo, relativamente a bens e capital, que encontram no Estado, o principal cliente. Relativamente a estes produtos, a exigências da economia de escala implicam a adequação da procura à oferta, em termos e prazo e de planeamento. Só assim se garante a qualidade, a preços concorrenciais, e dentro de um volume adequado de produção.

A prática corrente na CEE aponta para a prioridade concedida ao parque industrial nacional, por parte do sector público de cada um dos países membros, sem que isso envolva qualquer espécie de discriminação contrária ao Tratado de Roma. Pelo contrário, nos países da Comunidade, mais de 95% do valor global de investimento é de origem nacional, o que terá como efeito directo, ainda, o desenvolvimento das indústrias e a rentabilização dos investimentos.

«Entre nós, pelo contrário — comenta a Associação Industrial — nem a prática, salvo algumas excepções, apontam para soluções deste tipo, quando o gigantismo do sector público e empresarial do Estado, por um lado, e a própria necessidade de desenvolvimento do parque industrial, por outro, mais justificariam o apoio às empresas privadas nacionais.»

Esse apoio, aliás, seria feito em termos basicamente empresariais, isto é, através de um relacionamento económico oferta/procura «normal».

«Ora, o que se verifica é que o Estado luta em conceder incentivos financeiros, fiscais e creditícios às empresas, quando, através de um programa normal de compras, lhes facultaria o mais directo, simples e natural (em termos empresariais) dos incentivos», conclui a AIP.

De hoje até 1 de Outubro

Indústria automóvel francesa procura acordos de cooperação

Uma importante missão económica francesa inicia, hoje, em Lisboa contactos com as principais firmas do sector automóvel no nosso país para negociarem futuros acordos de cooperação industrial.

Esta missão manter-se-á em Portugal até ao dia 1 de Outubro e inclui representantes de seis fábricas da região de Rhône-Alpes, produtoras de revestimentos, cintos de segurança, plásticos e pneumáticos. Organizaram-na a Expora (Sous-Traitance Automobile), a Actim (Agence pour la Cooperation Technique Industrielle e Economique) e a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa.

O acentuado crescimento verificado nos últimos anos em Portugal nas indústrias do sector automóvel, faz com que os encontros que esta missão irá realizar se revistam de elevado interesse para ambas as partes.

No dia 29, no seguimento de um encontro que manterão com os representantes da banca portuguesa, os industriais franceses darão uma conferência de imprensa nas instalações da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa.

Nesta conferência serão analisados pelos visitantes os contactos tidos com os industriais nacionais do sector.

Barrind/83

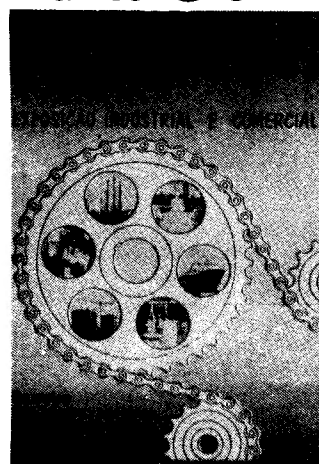
Feira industrial do Barreiro abre no dia 30

A Câmara Municipal do Barreiro vai promover de 30 de Setembro a 9 de Outubro a realização da Barrind-83, uma feira que pretende ser a amostra das potencialidades do concelho nos domínios industrial e comercial.

A Feira Industrial e Comercial do Barreiro ocupará uma área de sete mil metros quadrados, num recinto melhorado em relação aos anos anteriores, por sugestão dos expositores, especialmente quanto à qualidade das instalações.

Para além de expositores nacionais, prioritariamente dos limites do concelho, vão participar na Barrind-83 algumas empresas estrangeiras com destaque para as da cidade búlgara Stara Zagora, com a qual o Barreiro tem um acordo de geminação.

A Comissão Organizadora é composta por Emídio Esteves, José Francisco, Álvaro Barracosa e Calado Mendes. A coordenação pertence ao pelouro das actividades económicas da Câmara Municipal do Barreiro, autarquia de que depende administrativa e financeiramente a Barrind-83.



"Sinais exteriores de riqueza"

Vêm aí mais impostos: agora para segunda habitação

O secretário de Estado do Tesouro afirmou ontem que o Governo está a programar uma nova tributação para os sinais exteriores de riqueza a incluir no imposto complementar.

Alípio Dias falava na Rádio Renascença, ao programa «De Fio a Pavio», numa entrevista em que apresentou justificações para o pacote de impostos lançado pelo Governo e em que adiantou as principais causas da dívida pública portuguesa.

«O que pedimos aos portugueses é essencialmente o sacrifício de um ano» disse, acrescentando não prever uma diminuição de sacrifícios para 1984. Trata-se de materializar,

atribuindo-lhe a força de lei fiscal, a ameaça recente de Mário Soares dirigida, em especial, aos detentores de duas casas, uma de habitação e outra de vilegiatura. O Governo pretenderá, com esta legislação em trabalhos de parto, penalizar mais fortemente a segunda habitação de todos os que vivendo na cidade e aí habitam casa própria, sejam ainda proprietários de vivendas no campo ou na praia.

Pensa-se também que o Governo visa com a referência genérica aos sinais exteriores de riqueza penalizar os proprietários de barcos de recreio, aviões e carros de luxo.

«Os portugueses têm de deixar

de viver acima do seu nível de vida» frisou Alípio Dias acrescentando que «para sair da situação deficitária em que se encontra é necessário que o País incremente a produção particularmente na agricultura e nas pescas».

Como principais causas do aumento da dívida pública que Alípio Dias considerou ter começado em 1975, apontou a admissão de pessoal, a criação de novos serviços públicos, e o desvio de verbas ocasionadas pela aplicação da lei das finanças locais.

As dotações orçamentais para as empresas públicas, a transferência para as regiões, o Serviço

Nacional de Saúde, a evasão fiscal e os juros que foi necessário imputar na dívida pública foram outras das causas apontadas pelo secretário de Estado.

Lembrou que o Governo tenciona arrecadar 18 milhões de contos com a aplicação do pacote fiscal, mais de 10 milhões recolhidos por tributação directa aos trabalhadores.

Afirmou que se for invocada pelo Presidente da República a inconstitucionalidade dos novos 7 tributos isso significará que «o Estado não obterá a receita prevista e que num futuro próximo, este ou outro Governo, terão que tomar medidas ainda mais graves».

Apesar das cedências norte-americanas

Torneira do FMI mais fechada para os países endividados

Um compromisso alcançado de madrugada pelo directório do Fundo Monetário Internacional, sob pressão directa dos Estados Unidos, restringe o acesso aos fundos para as nações com problemas financeiros e de dívida externa.

Ao fim de mais de 15 horas de debates e de conciliação de critérios, foi decidido que os programas de acesso alargado só se aplicam quando a situação dos países chegue a «extremos graves».

Mesmo nesse caso, os países com graves problemas na sua balança de pagamentos só poderão ter acesso aos recursos do fundo numa proporção de 125 por cento da sua quota como membros do FMI, ficando reduzidos os restantes países a apenas 102 por cento da sua quota.

O actual acesso alargado, fixado provisoriamente em 1981, estabelecia o acesso aos recursos do fundo numa proporção de 150 por cento da respectiva quota.

Delegados participantes nos exaustivos debates declararam que os Estados Unidos exigiram que o FMI volte à política original para que foi criado há mais de três décadas.

As mesmas fontes afirmaram que tanto o secretário norte-americano do Tesouro, Donald Reagan, como o presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, insistiram que «o FMI não pode ser mais uma instituição financeira, mas tem que voltar ao seu papel de instituição directora».

Os limites estabelecidos esta madrugada em Washington aplicar-se-ão dentro do oitavo período de reposição de quotas, que

deve entrar em vigor no próximo ano, com um aumento dos fundos de 32 000 milhões de dólares.

Uma fonte latino-americana acrescentou que «dadas as actuais circunstâncias, os países da região poderão ter acesso ao limite superior da nova norma».

Ficou claro que as nações que, como o México, a Argentina, o Peru e outras, tenham subscrito compromissos com o FMI de acordo com as regras até agora vigentes dos 150 por cento, têm a garantia de continuar a receber os recursos prometidos pelo fundo.

A China, a Argélia e a Índia protestaram contra o novo nível fixado para o futuro acesso alargado e exigiram que a sua oposição conste do comunicado final que será difundido hoje.

O «grupo dos 24», que repre-

senta os países em vias de desenvolvimento, opôs-se tenazmente à redução do limite máximo, de 150 por cento para 125 por cento.

Com a aprovação de uma política de ajustamento económico mais drástica do FMI nos seus acordos com os países com problemas financeiros, conseguiu-se a garantia de que os países industrializados, principalmente os Estados Unidos, tornem efectivo o aumento de quotas de 32 000 milhões de dólares, dentro do novo período de operações do fundo.

A delegação norte-americana tinha exigido um limite de 102 por cento para todos, argumentando que é imprescindível sanear a economia internacional mediante uma severa política de ajustamento que contribua para

garantir uma recuperação muito mais sólida.

Várias delegações interpretaram esta posição como um sinal evidente da vontade de Washington de, por um lado, manter o seu prestígio e liderança e, por outro, de demonstrar ao congresso que exigirá o cumprimento estrito do papel atribuído ao FMI.

Sectores influentes do congresso norte-americano opõem-se à contribuição de 8400 milhões de dólares para as quotas do fundo, quantia que representa a parte dos Estados Unidos no aumento das quotas em 32 000 milhões de dólares acordado no passado mês de Fevereiro.

O director-executivo do FMI, Jacques de Larosière, dará hoje uma conferência de imprensa para informações sobre a reunião que, antes de ser aprovada a solução de compromisso, este-

ve ameaçada de fracasso em muitos momentos, devido à posição norte-americana e à oposição das nações em vias de desenvolvimento.

A reunião teve de ser suspensa na tarde de domingo para dar aos delegados a oportunidade de tentar atingir um compromisso.

Larosière aproveitou um jantar privado com os ministros de Economia e Finanças participantes na reunião do comité interino para tratar de superar as dificuldades. O jantar demorou quase quatro horas.

As sessões do comité interino, que foram consideradas chaves para o futuro do FMI, marcam a orientação para a trigésima oitava assembleia anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial que terça-feira se inaugura em Washington.

APROVADO PELOS ALUNOS *

APROVADO PELOS ALUNOS *

APROVADO PELOS ALUNOS *

SENECA T:40092 SENECA T:822776 SENECA

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Indiferentes à guerra

A "dolce vita" de Beirute-Oeste

O murmúrio das ondas tapa o barulho das explosões na montanha. Passam mulheres maquiadas, dançando em cima de saltos bem altos. No ar quente flutuam odores de cremes para bronzear e de perfumes caros. O mar está tranquilo o Sol martela e as bebidas matam a sede. A guerra, isso passa-se no fim do mundo... A três quilômetros. Beirute está gravemente ferida, no meio da loucura, mas também indecente e indiferente. O Sol do fim de Setembro ainda está quente, a água do Mediterrâneo revigora a pele. Contra isto, não há granadas que valham. Os estabelecimentos de banhos instalados no litoral da capital libanesa estão cheios.

O Sporting Club é o mais chique. Construído sobre uma ponta, com os alicerces na água, na extremidade Oeste

de Beirute, este vasto complexo de «tempo livres» restaurante, piscinas, ténis, solárium — manteve-se, com raras exceções, sempre aberto, mesmo nas horas mais trágicas de 1976, durante a Guerra Civil, e de 1982, quando da invasão israelita e do bombardeamento da cidade. Este ano, em que a montanha libanesa não passa de um vasto campo de batalha o Sporting Club já está.

No parque de estacionamento, os cromados dos automóveis de luxo da clientela rica do Sporting brilham sob o olhar vigilante dum guarda que nunca se distrai. Nem as granadas ousam cair aqui. Ouve-se os pássaros cantar, as armas ficam na cabina de banho. Em torno das piscinas, os corpos enlanguescidos, deitados em cadeiras de cores vivas, saciam a sua fome de raios ultravioletas.

A maior parte das mulheres usa fato de banho de uma só peça. Em contrapartida, as cabeleiras são de espanto: «brushing» e «permanentes», «minivagas» e «cortes selvagens» rivalizam, tudo isto sublinhado por maquiagens de noite. Crianças gritam e brincam na pequena piscina que lhes é reservada. Os homens fumam cigarros americanos, bebem latas de cerveja francesa e usam pesados fios de ouro à volta do pescoço. Relógios e pulseiras, caros cintilam nos seus pulsos.

Tal como uma cidade de província, toda a gente parece conhecer-se nesta alta sociedade de Beirute-Oeste. As pessoas saúdam-se, sem grande efusão, trocam-se algumas palavras púdicis sobre o cessar-fogo que tanto demora, depois fala-se dos negócios e a conversa nunca

mais acaba.

Criados afadigam-se entre as cadeiras-longas servindo as bebidas, propondo pratos de peixes multicolores para o almoço.

Grupos de adolescentes gingam em redor da piscina. Comparam músculos e dão saltos perigosos para a água. Os abdominais contraem-se quando uma jovem passa. O síndrome do guerreiro dá os seus frutos. Esconde-se a timidez atrás de uns óculos de sol de aros dourados.

Adiante, as massas cinzentas de enormes navios de guerra americanos, os que bombardearam posições de forças antigovernamentais na montanha, vão e vêm. De tempos a tempos helicópteros do Exército libanês passam em rasante. Não prestam atenção, faz parte da paisagem.



Serviço especial de assistência a gordos

Um senhor «forte» acaba de lançar em Pittsburgh (Pensilvânia) um serviço de pequenos anúncios para ajudar os seus irmãos na gordura, que tenham fome de ternura, a encontrarem a «alma gémea».

Milton Beckner, que tem 31 anos e pesa 111 quilos, é casado com uma mulher que pesa 87. Mas reconhece ter sofrido muito em tempos com o seu excesso de peso. «Compreendo», disse, «a solidão das pessoas fortes e o ostracismo a que são votadas e que as faz sofrer». «Em qualquer altura», acrescenta «numa conversa, surge a observação:

«que belo você não seria se perdesse 10 ou 20 quilos...»

Desde a criação da sua agência de encontros para pessoas «fortes», há semanas, Milton Beckner recebeu cerca de 300 apelos, na sua maior parte de mulheres de 25 a 62 anos, pesando, muitas vezes, algumas dezenas de quilos a mais.

Nos últimos anos, os gordos dos EUA têm afirmado o seu amor próprio. Uma associação de apoio aos americanos de «formas mais cheias» foi criada e organizou o ano passado, em São Francisco, um congresso dos «gordos e felizes por serem-nos».

Agitação no Brasil

Motins alastram a Manaus

Nas passadas quarta e quinta-feiras violentos incidentes opuseram manifestantes e polícias em Manaus, capital do Estado brasileiro da Amazônia, Nordeste do país, indica a Imprensa do Rio de Janeiro.

Na realidade, a situação social agravou-se em todo o país na semana que agora terminou, com a revolta de pessoas pobres e o saque de estabelecimentos comerciais em várias cidades, numa altura em que o país está mergulhado na crise económica.

Segundo a Imprensa brasileira, os manifestantes de Manaus, na sua maioria estudantes, protestavam contra o aumento dos preços dos bilhetes dos transportes públicos. Os contestatários provocaram grandes estragos em 95 autocarros e numerosos automóveis, tendo ferido dez polícias. O governador da Amazônia acusou os dirigentes do Partido Comunista Brasileiro (clandestino) de terem incitado os estudantes à revolta.

No Rio de Janeiro, pilhagens, fome e mendicância entraram na vida quotidiana da população. Desde o princípio deste mês foram presas mais de 200 pessoas, na sua maior parte desempregados, na sequência dos saques a supermercados e armazéns de víveres na zona mais pobre da cidade, onde se encontram 22 favelas.

Na opinião do governador do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT-oposição), a vaga de pilhagens foi provocada por elementos de direita que tentam desestabilizar o seu Governo, aproveitando-se da situação miserável de uma parte da população.

Em São Paulo, onde o desemprego não pára de aumentar, bandos de esfomeados atacaram três supermercados e fugiram antes da Polícia chegar ao local. Se se tiver em conta o número de desempregados que vivem nos arredores da cidade, os polícias esperam novos actos de violência face aos quais se confessam impotentes. «A Polícia não dispõe de qualquer meio para controlar esta situação, provocada pela fome», indica-se de fonte policial.

*Oito anos depois*

Condenados responsáveis pela tragédia de Seveso

A catástrofe ecológica de Seveso podia ter sido evitada. Ao proceder ao julgamento dos cinco dirigentes da fábrica (IC-MESA) culpados de terem omitido, voluntariamente, as medidas de segurança, o tribunal de Monza pronunciou uma sentença exemplar, sete anos depois da explosão de um reactor e da emissão da nuvem de dioxina.

Pela primeira vez nos anos da justiça italiana, as penas infligidas são de cinco anos de prisão, para os dois dirigentes alemães-federais, de quatro, para os dois suíços, e dois anos e meio («desastre por imprudência») para o italiano.

A catástrofe de Seveso já tinha sido, ela própria, exemplar: instantaneidade do drama, lentidão no alerta à população, ignorância em que esta se encontrava relativamente a um possível perigo, evacuações maciças de mais de 700 pessoas, 8 mil cabeças de gado abatidas, 350

hectares de terras contaminadas — que tiveram de ser decapadas mais tarde e enterradas noutra sítio — os rostos deformados de crianças sofrendo de cloroacne.

Tudo o julgamento girou à volta da questão: o desastre era previsível? Dizendo de outra maneira, os dirigentes da «Ic-mesa» e os da sociedade suíça «Givaudan» tinham tomado todas as medidas para se evitar qualquer «acidente»?

Na opinião dos advogados dos réus, a explosão no reactor era perfeitamente imprevisível. Para o Ministério Público e para o representante da federação sindical da zona, se os dirigentes tivessem tomado as medidas de segurança na produção de triclorofenol, a tragédia teria sido evitada.

A sentença, pronunciada no termo de deliberações difíceis — 30 horas — serve como exemplo, considera o presidente da região Lombarda. «Depois do epílogo

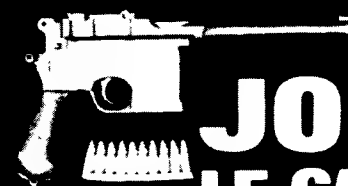
de Seveso, ninguém se arriscará a fazer «um caso» economizando na segurança das instalações industriais», disse.

Se o presidente lombardo se felicita com a sentença, a sociedade «Givaudan» considera, pelo contrário, ao mesmo tempo que reconhece a «correção» do julgamento, que a condenação não é «apropriada». O seu ponto de vista é o seguinte: a acusação não apresentou «provas suficientes para apoiar a tese» segundo a qual os dirigentes omitiram as medidas de segurança.

Pelo contrário, alguns meios ecologistas e o diário dissidente comunista «Manifesto» pensam que as penas são demasiado «ligeiras». E isto tanto mais que os três anos de adiamento de pena fazem com que ela seja na realidade de dois e de um ano de prisão para os quatro acusados estrangeiros.

JÁ NAS
LIVRARIAS

O SENSACIONAL
ROMANCE
DE ESPIONAGEM



JOHN
LE CARRÉ

Do mesmo autor nesta colecção:
O VENERÁVEL ESPÍO
O AMANTE INGENUO E SENSACIONAL

A
GENTE
DE
SMILEY

...NADA HÁ DE MAIS PERIGOSO
DO QUE UM VELHO ESPÍO APRESSADO

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

24 horas

Morreu Leopoldo III

O rei Leopoldo III da Bélgica, de 81 anos, pai do actual soberano desta país, morreu hoje em Bruxelas, vítima de ataque cardíaco.

Leopoldo III fora internado ontem num hospital de Bruxelas, para ser submetido a uma intervenção cirúrgica.

Esta operação tinha por objectivo corrigir uma insuficiência de irrigação do miocárdio. Recorda-se que, quando os nazis invadiram, em 1940, a Bélgica, Leopoldo III comandou o seu Exército, mas apenas resistiu 18 dias, após o que capitulou, motivando críticas dos aliados (Grã-Bretanha e França) e, inclusive, do seu governo. Entretanto, refugiado em território francês. Nesse mesmo ano encontrou-se com Adolfo Hitler, o que foi muito mal visto pelos seus compatriotas.

Sam Nujoma na Jugoslávia

O presidente da «SWAPO» (Organização do Povo do Sudoeste Africano), Sam Nujoma, chegou ao fim da tarde de ontem a Belgrado, a convite da Aliança Socialista do Povo Trabalhador da Jugoslávia.

Na altura da chegada, o presidente da «SWAPO» declarou à agência oficial jugoslava «Tanjug» que «só a aplicação da resolução 435 (das Nações Unidas) pode conduzir a uma verdadeira descolonização da Namíbia».

Filho de Astúrias

O filho do escritor guatemalteco, Miguel Angel Astúrias, prêmio Nobel da Literatura em 1967, Rodrigo Astúrias, dirigia, sob o nome de «Gaspar Ilon», o mais importante dos movimentos de guerrilha da Guatemala, a Organização do Povo em Armas (ORPA), soube-se de fonte não oficial.

Submarino nuclear brasileiro

O Brasil começará em 1990 a construção do seu primeiro submarino a propulsão nuclear, anunciou o ministro brasileiro da Marinha, o almirante Maximiano Fonseca, em declarações feitas à imprensa no sábado passado. Por seu

lado, o almirante Paulo Bonoso Duarte Pinto, comandante das operações navais da Marinha brasileira, disse que o submarino à propulsão nuclear é «um tipo de navio de guerra necessário».

Eleições para o Senado francês

As eleições de ontem para o Senado francês representam uma «vitória sensível» para os partidos da oposição, dizem hoje observadores em Paris. A oposição — os gaullistas de Jacques Chirac e giscardianos — ganharam 16 lugares (oito cada um), os socialistas três, e o Partido Comunista não perdeu nem ganhou nenhum lugar, tal como os radicais de esquerda. Os chamados «diversos» de direita perderam cinco lugares. Os três lugares ganhos pelos socialistas contam-se entre os onze novos lugares que entraram agora pela primeira vez em disputa, por razões demográficas. Contudo, isso não oculta a sensível diminuição de votos sofrida a nível nacional pelo partido maioritário, dizem os observadores. As primeiras consequências das eleições são que as candidaturas comuns resultaram, tanto a nível da maioria como da oposição. Por outro lado, os interesses estritamente «políticos» dominaram as afinidades provinciais ou regionais, contrariamente à tradição deste tipo de eleições.

Pablo Neruda

Seis pessoas, pelos menos, foram presas, sábado passado, junto ao cemitério geral de Santiago, depois das cerimónias do 10.º aniversário da morte do poeta chileno Pablo Neruda. Centenas de pessoas cobriram de cravos a campa do poeta, Prêmio Nobel em 1971, considerado como um dos maiores representantes da literatura latino-americana.

Depois da cerimónia, grupos de jovens abandonaram em cortejo os limites do cemitério, lançando «slogans» a favor do partido comunista (proibido) e contra o regime do general Augusto Pinochet. A polícia, que se mostrara discreta, interveio de seguida e, segundo testemunhas, prendeu vários manifestantes. Mais de seis, segundo informações recentes.

«Conduta indecente»

Quatro polícias de Belfast foram suspensos das suas funções na sequência de «alegações de conduta indecente», anunciou hoje um porta-voz da Polícia na capital do Ulster. Tratar-se-ia de um caso de carácter sexual, segundo uma fonte próxima da Polícia. Os quatro agentes foram suspensos há uma semana, estando em curso um inquérito.

«Unidade nacional» em Israel?

A direcção do Partido Trabalhista de Israel, após cinco horas de debate agitado, decidiu por maioria aceitar o convite de Isaac Shamir para uma reunião destinada a estudar a eventual formação de um governo de unidade nacional. Trinta e sete membros da comissão política, incluindo o secretário-geral, Shimon Peres, pronunciaram-se a favor do encontro com o primeiro-ministro indigitado, enquanto 24 membros votavam contra. Quando Shimon Peres disse que o chefe de oposição não pode deixar de aceitar o convi-

te para se encontrar com o primeiro-ministro, outro dirigente trabalhista interrompeu-o para sublinhar que aceitar o encontro não significa necessariamente aceitar um governo de coligação com o partido Likud. Segundo afirma a imprensa local, os trabalhistas aceitarão como base mínima para uma coligação governamental a retirada imediata das forças israelitas do Líbano e negociações com a Jordânia. Entretanto, o Partido Socialista MAPAN anunciou já não aceitar quaisquer negociações com o Likud.

Eleições em Bremen e no Hess

Dupla vitória do SPD

A oposição social-democrata (SPD) obteve no domingo uma vitória nítida sobre os cristãos-democratas (CDU) do chanceler Helmut Kohl em duas eleições regionais que constituíram o primeiro teste político na RFA desde o êxito da coligação de centro-direita de Kohl nas eleições gerais de Março último.

Em Hess, a região de Francoforte, o SPD reconquistou o lugar de primeiro partido do estado, perante a CDU. Segundo as primeiras estimativas da televisão, obteria 46,1 por cento dos votos contra 42, nas eleições regionais de 26 de Setembro de 1982, ou seja um ganho de 3,3 num ano. A CDU ficaria creditada com apenas 39 por cento dos sufrágios contra 45,6 há um ano, ou seja, uma perda de 6,6.

Em Bremen, o SPD obteve a maioria absoluta dos sufrágios com, segundo as mesmas estimativas, 51,9 por cento, contra 49,4 nas últimas eleições regionais de 1979, ou seja, um avanço de 2,5. Ultrapassaria, assim, niti-

damente a CDU, que obteria 32,5 dos votos (contra 31,9 em 1979, ou seja um avanço de 0,6).

Os liberais do FDP, aliados do chanceler Kohl, em Bona têm uma subida sensível no Hess, onde obtêm, ainda segundo as estimativas da TV, 7,9 por cento dos votos, depois de, há um ano, terem sido eliminados por não terem conseguido passar a barra dos 5 por cento necessários para entrarem no Parlamento. Mas foram afastados em Bremen, onde tinham contraído uma aliança a nível local com o SPD, pois obtiveram apenas 4,5 dos votos contra 10,8 em 1979.

Os ecologistas-pacifistas, os «Verdes», continuam representados nos dois Parlamentos, apesar de um duplo recuo. No Hess, obtêm, segundo a TV, 6,1 dos votos contra 8 o ano passado. Em Bremen, onde apresentavam três listas concorrentes, a fracção próxima dos «Verdes» eleitos em Março último para o «Bundestag» obteria 5,4 dos sufrágios contra 5,1 para a lista unida de 1979.

No Hess, 4,1 milhões de eleito-

res eram chamados a designar um novo Parlamento regional depois de o escrutínio de Setembro de 1982 não ter permitido a formação de um Governo estável. Em Bremen, cidade autónoma, 520 mil eleitores elegiam os seus representantes regionais no termo normal da legislatura de 1979. Os sociais-democratas estão no poder no Hess e em Bremen desde o fim da guerra.

Seis meses e meio depois da sua pesada derrota ao nível nacional a 6 de Março último, os sociais-democratas venceram no Hess e em Bremen, obtendo um êxito importante que certamente tem a ver com o seu apoio ao movimento pacifista. No plano regional, a campanha incidiu sobre o tema da ingovernabilidade no Hess e na crise dos estaleiros navais em Bremen. Mas, a menos de três meses da instalação prevista dos primeiros euroministros na RFA, onde o movimento pacifista é o mais forte da Europa Ocidental, não há dúvida que este problema pesou.

Irlanda do Norte

Fuga da prisão de Maze

Um guarda prisional foi morto e seis outros foram feridos, um deles com gravidade, durante uma evasão — sem precedente no Reino Unido — de 38 detidos do IRA, no domingo, na prisão de Maze, perto de Belfast.

Segundo o Ministério para a Irlanda do Norte, um guarda morreu depois de ter sido esmurado. Entre os feridos, cinco foram atingidos à facada e o sexto, cujo estado é grave, foi atingido por uma bala na cabeça.

Alguns presos foram também feridos, mas o seu número não era conhecido pelas 23 h (TMG;

Lisboa). A incerteza continuava a reinar.

A essa mesma hora quanto ao número de detidos recapturados pela Polícia.

O Ministério avançou o número 15, mas fonte informada indicava que seriam apenas 11. Segundo as diversas fontes, havia portanto no domingo ao fim da noite 23 a 27 fuggitivos.

O secretário britânico para a Irlanda do Norte, James Prior, que se encontra actualmente na província, teve uma reunião de urgência com os principais responsáveis e anunciou ter orde-

nado um «inquérito imediato, rigoroso e aprofundado sobre as circunstâncias da evasão colectiva».

Esse inquérito terá por finalidade determinar como os detidos de uma zona de alta segurança, como o bloco H de onde escaparam militantes do Exército Republicano Irlandês, podiam estar na posse de armas.

Os 38 presos estiveram perto de realizar uma evasão a 100 por cento, soube-se de boa fonte. Depois de neutralizarem os guardas os presos republicanos apoderaram-se de um camião

Vinte mortos e 300 feridos nas Filipinas

Agravam-se as relações entre a Igreja e a ditadura

Morreram 20 pessoas e mais de 200 ficaram feridas, quando, sem razão determinada, explodiram três granadas de fragmentação em Davao City, Sul das Filipinas, na ocasião em que se realizava um concurso de «misses». Quando a «miss» vencedora estava a ser coroada, deu-se o estrondo. A «miss» foi atingida por fragmentos das granadas. Aconteceu o mesmo a algumas autoridades de Davao City. Segundo estas, em declarações prestadas depois de terem sido assistidas no hospital mais próximo, foram presos dois suspeitos de pertencerem ao Novo Exército Popular. Na opinião das autoridades daquela cidade, os rebentamentos foram provocados por guerrilheiros comunistas.

Arcebispo de Manila

O arcebispo de Manila, cardeal Jaime Sin, declarou-se ontem consternado por constatar que o presidente filipino, Ferdinand Marcos, «recorreu às ameaças e às medidas de intimidação» depois das manifestações contra a ditadura registadas na semana passada.

Durante uma conferência de imprensa dada no aeroporto de Manila antes de seguir para Roma, onde deve assistir à VI

Assembleia do Sinodo Episcopal — cujos trabalhos deverão começar na próxima quinta-feira, no Vaticano —, o cardeal Sin indicou que «notava uma vaga de cólera e de ressentimento contra o governo, não apenas entre os estudantes, mas também no seio dos trabalhadores e nas classes médias».

«Estou consternado quando vejo que, em vez de se tentar eliminar as causas da crise, a direcção do país recorreu à ameaça e a outras medidas de intimidação», declarou o arcebispo de Manila, aludindo ao discurso televisivo pronunciado por Ferdinand Marcos, no qual o presidente qualificou os filipinos «abastados» de «traidores», acusando-os de se aliarem aos comunistas com vista a derrubar o seu regime.

O cardeal também comentou, pela primeira vez, o encontro que teve na passada sexta-feira com o presidente Marcos, durante o qual lhe propôs a instauração de um comité de reconciliação nacional.

«O presidente telefonou-me e pediu-me para o ir ver», declarou mons. Jaime Sin, precisando que «sugeriu que a visita fosse adiada para mais tarde, pois tinha muitas outras coisas a fazer».

«Mas ele insistiu, dizendo-me que a entrevista não duraria mais

de 30 minutos. Fiquei cerca de uma hora com ele», declarou. «O presidente parecia estar perturbado. Falamos francamente e ele comunicou-me as suas preocupações pessoais», acrescentou o cardeal.

O arcebispo de Manila afirmou que não confessara o presidente Marcos: «Evocamos questões pessoais, das quais não posso falar, não por as ter ouvido em confissão, mas sim porque sou um padre, estando por isso ligado pelo segredo», concluiu o cardeal Jaime Sin.

Marcos e os «ricos»

Ferdinando Marcos qualificou as pessoas ricas das Filipinas de se aliarem aos comunistas para criarem uma «atmosfera revolucionária» e derrubar o seu regime, no poder há 18 anos.

Marcos, de 66 anos de idade, declarou que aceitava a instauração de um comité de reconciliação nacional, para tentar «desactivar» a crise em que o país vive desde o assassinio do dirigente da oposição Benigno Aquino, no passado dia 21 de Agosto. O discurso de Marcos foi transmitido pela TV local.

«Sediciosos e subversivos»

O chefe das Forças Armadas

O acordo de cessar-vigor, oficialmente, às 6 todas as frentes da «marcha» tuindo o primeiro «cadáver» cação em cinco pontos a envolvidas, o cessar-fogo semanas de combates e deve permitir a preparação cional de Reconciliação.

A NUNCIADO ontem em Beirute, pouco antes da meia-noite, pelo primeiro-ministro libanês, Chafic Wazzan, e, conjuntamente, em Damasco, por Abdel Walim Khaddam, vice-presidente do Conselho e ministro sírio dos Negócios Estrangeiros e pelo emissário saudita, Emir Bandar Ben Sultan, o acordo não fez no entanto com que os confrontos parassem imediatamente.

Com efeito, registaram-se violentos bombardeamentos na região de Beirute, no litoral, na montanha do Metn e do Kessuane (a nordeste e a norte da capital) e caíram dezenas de granadas de morteiro, entre a meia-noite e as 5 h da manhã (hora local), nas posições do Exército regular em Kalde (à entrada sul de Beirute) e no perímetro estratégico de Yarze-Baabda-Fayadieh, onde estão situados o palácio presidencial e as residências dos embaixadores de França e dos Estados Unidos.

filipinas, general Fabian Ver, ordenou, sábado passado, a prisão de 52 pessoas, acusadas de sedição e incitação à rebelião no decorrer das manifestações de Manila, indicou a agência de imprensa filipina.

A identidade dos presos não foi revelada, mas 22 deles são estudantes, segundo a France Presse.

Na opinião do general Ver, são activistas dos «grupos subversivos» os responsáveis pelos violentos confrontos nos diferentes bairros da capital.

Onze pessoas, recorde-se, foram mortas e uma centena de outras ficaram feridas no decorrer da mais violenta manifestação da oposição ao presidente Ferdinand Marcos, que reuniu cerca de meio milhar de pessoas.

O chefe das Forças Armadas apelou, indicou a mesma fonte, «aos cidadãos pacifistas» para que «cooperem» com as Forças Armadas para a manutenção da «ordem», e pediu às forças policiais para «conservarem o sangue frio e a sua firmeza perante os insultos e as agressões físicas».

O general Ver autorizou igualmente a revista a veículos e pessoas suspeitas de transportar explosivos ou armas de fogo, uma vez que as autoridades calculam que haja novas manifestações.

Após três semanas de combates

Entrou hoje em vigor cessar-fogo no Líbano

— Em preparação Congresso de Reconciliação Nacional

O cessar-fogo no Líbano entrou em vigor às 6 h da manhã de hoje, em Beirute. O cessar-fogo foi anunciado de um plano de pacificação aceite pelas várias partes em conflito. O cessar-fogo assinala o termo de três meses de bombardeamentos e de preparação de um Congresso Nacional.

Primeira etapa de um plano de pacificação, a cessação dos combates e, depois, a consolidação do cessar-fogo, devem permitir a preparação de um Congresso Nacional de Reconciliação. Segundo fontes bem informadas em Beirute, o chefe do Estado libanês, Amine Gemayel, enviará hoje os convites às personalidades que irão compor um comité encarregado de preparar esse Conselho.

Camille Chamoun e Pierre Gemayel, em representação da «Frente Libanesa» (partidos conservadores cristãos), Walid Jumblatt, Soleiman Frangie e Rachid Karamé, pela «Frente de Salvação Nacional» (oposição), Nabih Berri, pelo Movimento Político-Militar Chaita «Amal», bem como Saeb Salam (suníta), Raymond Edde (cristão) e Adel Osseirane (chiita) são as personalidades que devem formar esse comité, indicou Chafic Wazzan.

Além disso, assistirão dois delegados — um sírio e um

saudita — às reuniões do comité, que incluirá também o presidente Gemayel e representantes dos poderes executivo e legislativo, precisou Chafic Wazzan.

Reações ao cessar-fogo

Durante uma conversação telefónica que teve ontem à noite com o presidente Americano, Amine Gemayel afirmou que o cessar-fogo não constitui um objectivo em si, mas «sim um primeiro passo na via da paz».

«Este primeiro passo permitir-nos-á realizarmos os nossos objectivos, que continuam inalteráveis: a retirada de todas as forças estrangeiras do território libanês e a recuperação, pelo Líbano, da sua soberania», acrescentou o chefe do Estado libanês.

O presidente Reagan reafirmou nessa ocasião «o apoio total dos Estados Unidos aos objectivos declarados do presidente Gemayel». Em contrapartida, o chefe da Casa Branca mostrou-se prudente, ainda que optimista, ao falar, depois, em Nova Iorque, perante alguns participantes na 38.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. «Espero que as armas se caleem por fim» declarou Ronald Reagan, reconhecendo ao mesmo tempo que «ninguém pode subestimar a

amplitude do desafio que falta vencer no Líbano».

O presidente Reagan afirmou que a mediação saudita e a «cooperação» síria tinham sido «indispensáveis», sublinhando por outro lado que o acordo de cessar-fogo é apenas um «primeiro passo» para a solução da crise libanesa.

Em Damasco, o mediador saudita, Emir Andar Ben Sultan, fez por seu turno votos, durante uma conferência de imprensa, para que o acordo «abra a via à resolução da crise libanesa».

O ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Abdel Halim Khaddam, que também participava nessa conferência de imprensa, declarou que o acordo deve permitir a definição de um quadro «apto a restabelecer a unidade nacional do povo libanês e a permitir-lhe voltar a encontrar o seu lugar natural no seio do Mundo árabe».

O ministro sírio recordou, contudo, que a causa dos últimos combates era o acordo libano-israelita assinado em Maio último.

Com efeito, a Síria nunca ceitou tal acordo e prometeu conceder todo o seu apoio às partes libanesas que se opusessem a ele.

Em Paris, o porta-voz do ministério francês das Relações Exteriores declarou,

assim que o acordo foi anunciado, que «o cessar-fogo e a convocação de uma Conferência libanesa agrupando, junto do governo legal, todas as grandes tendências políticas nacionais, constituem o ponto de partida indispensável desse país, sem a presença de forças estrangeiras, no respeito da sua unidade, da sua diversidade e da sua independência».

Por seu lado, numa declaração à Imprensa, o porta-voz do Partido Socialista Progressista de Junblath em Damasco (sublinhou) que o cessar-fogo constituía o primeiro passo de um projecto de pacificação do Líbano.

Entretanto, ainda não se registou até agora qualquer reacção na União Soviética, ao cessar-fogo que entrou em vigor no Líbano.

O «Pravda», único jornal que é publicado na segunda-feira, aludiu ainda aos combates registados ontem, numa correspondência e num artigo da agência oficial TASS, não evocando contudo o que nessa altura era ainda a eventualidade de um cessar-fogo.

O mesmo artigo da agência TASS foi lido hoje de manhã na rádio Moscovo. Trata-se de uma nova denúncia da atitude de Washington em relação ao Líbano, país que se encontra «entre a espada americana e a parede israelita».

Para restabelecer «diálogo estratégico»

Weimberger está em Pequim

Restabelecer o «diálogo estratégico» com a China, é o principal objectivo da visita do secretário da Defesa dos Estados Unidos a Pequim, que ontem se iniciou e que terá a duração de quatro dias.

A chegada à capital da República da China, Caspar Weinberger foi recebido pelo seu homólogo chinês, Zhang Aiping, na companhia do qual passou revista ao contingente militar que lhe prestou honras, frente ao museu militar chinês.

A visita de Weinberger realisa-se numa fase «positiva» das relações sino-americanas, iniciada com a liberalização da exportação de alta tecnologia civil e militar americana para a China.

O restabelecimento do «diálogo estratégico» entre os dois países passa, na perspectiva norte-americana, pela venda de material de guerra, ao Exército chinês, que sendo o mais numeroso do Mundo é também dos mais mal equipados.

Nas negociações que efectuará sobre este ponto, Caspar Weinberger vai encontrar certamente a resistência derivada da política de Pequim de fazer reflectir na sua própria economia a modernização do equipamento

das suas tropas e de continuar a não depender do exterior em matéria de defesa.

O chefe do Estado-Maior do Exército, Yang Dezhi, disse recentemente que da modernização do armamento das suas forças dependem o desenvolvimento económico e o crescimento da indústria do armamento da China.

É provável, no entanto, que, dadas as suas necessidades essenciais no campo da defesa e as falhas na sua capacidade de produção, a China aceite comprar aos Estados Unidos armas antiaéreas e antitanque.

Observadores em Pequim afirmam que, mesmo que o quisesse, a China não teria capacidade financeira para uma importação massiva de armamento.

Einberger iniciou ontem as suas conversações com Chang, avistando-se nos próximos dias com o «homem forte» do regime de Pequim, Deng Xiaoping, e com o primeiro-ministro Zhao Ziyang.

A visita do secretário da Defesa americano e das 26 pessoas da sua comitiva constitui uma «operação de desanuviamento» que os dois países pretendem aproveitar ao máximo.

As tensões provocadas pelo fornecimento de armas americanas a Taiwan, reduto dos chineses anticomunistas, haviam já inviabilizado a visita aos Estados Unidos, em 1981, do então ministro da Defesa chinês, Gen Biao.

Agora, não só Weinberger chega a Pequim como também o ministro dos Negócios Estrangeiros, chinês, Wu Xuekian, que se encontra em Nova Iorque para assistir à Assembleia Geral da ONU, visitará oficialmente Washington, onde contactará o seu homólogo George Shultz e o presidente Reagan.

Toni Negri anuncia o seu regresso a Itália

O professor Toni Negri, deputado radical italiano, acusado de participação activa no terrorismo, e procurado pela polícia desde que foi anulada a sua imunidade parlamentar, anunciou no sábado à tarde o seu «regresso» próximo, através da rádio radical.

«Em breve, dentro de alguns dias, dentro de algumas semanas, voltaremos a ver-nos e estaremos juntos», afirmou o ideólogo da Autonomia Operária aos seus «camaradas de prisão» e aos ouvintes italianos, sem especificar a data do seu «regresso».

Negri não forneceu qualquer dado acerca do local onde se encontrava, limitando-se a dizer: «falo-vos de um pouco longe, mas estou muito perto de vós todos».

«Não fugi» acrescentou Negri, «muito simplesmente estou prestes a lançar um combate que considero fundamental, contra o processo do 7 de Abril» e por uma nova «relação com as instituições».

Encarcerado a 7 de Abril de 1979, com cerca de 70 militantes da Autonomia Operária, sob a acusação de participação activa no terrorismo Negri tinha sido libertado depois de eleito deputado em Junho último, nas listas do Partido Radical. A câmara dos Deputados defendera na passada terça-feira a anulação da sua imunidade parlamentar, mas Negri desaparecera entretanto.

Noticiário em colaboração
com as agências ANOP,
France Presse, Inter Press
Novosti, Prensa Latina

**ENSINE
O SEU FILHO**

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Concluídos os testes do 'Pershing 2'

O Exército norte-americano concluiu «com êxito» os testes com o míssil de médio alcance «Pershing-2», dispondo-se a instalar 108 deles em território alemão-federal.

O míssil, caracterizado pela sua extrema precisão e rapidez, foi no entanto criticado pelo fracasso ocorrido em cinco dos 18 testes efectuados.

Entre os críticos está o próprio chefe do Estado-Maior norte-americano, que este Verão se lamentou do «fraco controlo de qualidade» observado na produção.

Mas apesar disso o Exército norte-americano disse não ter encontrado defeitos básicos que impeçam o «Pershing-2» de «cumprir a sua missão» ou que justifiquem o adiamento da instalação na Europa.

Um total de 108 rampas de lançamento, transportadas em camiões de cinco toneladas, foram instaladas em Dezembro no Sul da Alemanha Federal, organizadas em baterias de nove e cada uma delas acompanhada de vários veículos de controlo, segurança e manutenção técnica.

Segundo os planos, os 13 primeiros mísseis estarão operacionais numa data ainda não determinada do mês de Dezembro, se até lá os Estados Unidos e a União Soviética não chegarem a um acordo nas negociações de Genebra sobre a redução dos euromísseis.

As avarias verificadas no míssil durante as experiências foram fugas de combustível, problemas hidráulicos, curto-circuitos e peças mal colocadas, problemas que, segundo o Exército não se repetiram em testes posteriores.

As maiores críticas surgidas sobre estes mísseis são do tipo político: os «Pershing-2» levarão entre 12 a 14 minutos para alcançarem objectivos em países do Leste e possuem um dispositivo especial de direcção que lhes dá uma margem de erro de apenas 20 a 40 metros, inclusive depois de percorrer os 1600 quilómetros que são o seu raio de acção.

Isso justifica os receios de Moscovo e dos grupos pacifistas europeus, que alegam que a União Soviética, temerosa de ataques surpresa, se veja obrigada a adoptar um sistema para que os seus mísseis sejam disparados automaticamente após serem atacados.

Também em Dezembro, a NATO instalará em Greenham (Sul de Inglaterra) e Comiso (Sicília) os primeiros 16 mísseis «Cruise» sobre um total de 464 que serão colocados em cinco países europeus.

Ambos os tipos de mísseis são nucleares, mas os «Cruise» gastam várias horas a atingir o objectivo apesar de terem um alcance capaz de chegar até Moscovo.

Após a «dupla decisão» da NATO, o Exército norte-americano acelerou os planos de construção do «Pershing-2» e os primeiros modelos operacionais foram construídos antes de terminar o período de testes.

Muitos críticos têm dito que os testes foram incompletos, pois só foi utilizada uma das duas etapas do foguete por razões de segurança.

Os testes de precisão foram feitos na base de White Sands (estado do Novo México) e os de

voo em Cabo Canaveral (Flórida).

Em dois dos testes — o último dos quais em 17 de Julho — o míssil explodiu em pleno voo.

Cada «Pershing-2» custa cerca de dois milhões de dólares e o Exército norte-americano planeia comprar cerca de 220 unidades, além das destinadas à Aliança Atlântica.

O míssil está equipado com uma sofisticada ogiva (manobrável) chamada «veículo de re-entrada» (MARV).

Depois de uma trajetória balística normal, quando a arma se estiver a aproximar do objectivo, entra em funcionamento um sistema de direcção que combina dados programados anteriormente com os que receber por radar sobre as condições em Terra.

Esse sistema de direcção dá-lhe uma precisão várias vezes superior à de qualquer míssil actualmente existente, permitindo-lhe alcançar o objectivo com uma margem de erro de apenas 20 a 40 metros.

Federações do SPD contra instalação

Duas federações do Partido Social Democrata oeste-alemão (SPD) pronunciaram-se, sábado, em congresso, contra a implantação dos euromísseis americanos na RFA sejam quais forem os resultados das negociações euroestratégicas de Genebra.

A federação de Hamburgo, um dos feudos do SPD, adoptou por 154 votos contra 150 uma resolução recusando qualquer implantação de novas armas atómicas antes mesmo de ser co-

nhecido o resultado das negociações entre americanos e soviéticos. A NATO decidiu, em 1979, começar a colocar na RFA os primeiros dos 108 foguetões «Pershing II» desde o fim de 1983, se não houvesse acordo até esta data em Genebra.

O congresso da federação do Schleswig Holstein, no Norte da RFA, votou também por unanimidade uma resolução radicalmente hostil à instalação de novos foguetões nucleares sejam quais forem os resultados das negociações de Genebra.

A federação de Berlim-Oeste pronunciou-se, sábado, de maneira condicional contra os euromísseis e antes três outras das 11 federações do SPD declararam-se também hostis. O Partido deverá reunir-se no fim de Novembro em congresso nacional extraordinário para apreciar a situação.

Entretanto, no discurso que hoje fará na Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova Iorque, o presidente do Estado Unidos da América, Ronald Reagan, anunciará as novas posições americanas para «fazer avançar» as negociações de Genebra sobre os euromísseis e os sistemas estratégicos.

Segundo fontes bem informadas da Casa Branca o tema fulcral da intervenção de Reagan será a «causa da Paz» e o controlo de armamentos. No sábado à tarde, na sua alocução semanal, excepcionalmente transmitida para os países do Leste europeu pela cadeia da «Voz da América», o presidente dos EUA acusou Moscovo de fechar a porta às propostas americanas formuladas em Genebra.

**ARMÁRIOS
ESTANTES
ROUPEIROS**

**E OUTROS MÓVEIS
EXECUTAMOS TODOS
MODELOS E MEDIDAS**

MÓVEIS JORGE
Avenida Almirante Reis, 35
(junto à Igreja dos Anjos)
Telef. 83 21 61

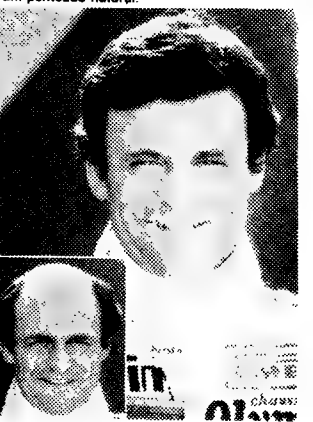
PARA REENCONTRAR OS SEUS CABELOS EXISTIA:

Em 1960: a peruca
Em 1970: a prótese capilar fixa
Em 1980: a micro pele

A novidade actualmente são
OS CABELOS DE CONTACTO

Hairskin

Um novo processo que permite
adquirir e conservar
um penteado natural.



Legenda: Bernard Darniche
escolheu os cabelos Hairskin

Contacte CABELEIREIRO LORDE
AV. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 23
Telef. 562287 - 536462
1000 LISBOA

Informações confidenciais
e sem compromisso.

JUNTA DE FREGUESIA DE AMORA

1.ª Publicação

AVISO CEMITÉRIO PAROQUIAL DE AMORA

António Manuel da Silva Marquês, presidente da Junta de Freguesia de Amora faz público, nos termos da alínea j), do art.º 33.º, da Lei 79/77 de 25 de Outubro, que atribui competência à Junta de Freguesia em declarar prescritas a seu favor as sepulturas constantes neste aviso, se até 30 dias após a data da sua publicação, os concessionários ou familiares dos cidadãos falecidos e nelas sepultados, não se apresentarem na secretaria desta Junta de Freguesia, todos os dias úteis das 10.00 às 13.00 e das 15.00 às 19.00 horas, dentro do prazo referido neste aviso.

Mais de faz saber que nos termos da lei e findo o prazo acima estabelecido, se os interessados não comparecerem ou não promoverem qualquer diligências nesse sentido junto dos serviços desta Autarquia, serão feitas as exumações das ossadas, sendo as mesmas removidas para local apropriado no cemitério.

SECÇÃO N.º 8 3.º TALHÃO	
COVAL N.º	DATA
12	1.10.70
16	28.10.70
31	24.03.71
32	9.04.71
33	15.04.71
40	25.09.71
47	8.12.72
50	18.12.72
53	5.01.72
55	15.01.72
57	24.01.72
62	24.03.72
66	17.04.72
73	29.06.72

SECÇÃO N.º 9 3.º TALHÃO	
COVAL N.º	DATA
59	2.12.73
60	19.12.73
64	—
67	—
68	—
76	—
124	—

Campa Jazigo
n.º 52(3.º Talhão)

SECÇÃO N.º 10 3.º TALHÃO	
COVAL N.º	DATA
2	11.07.72
6	17.08.72
11	—
13	20.10.72

Amora 23, de Setembro de 1983

O Presidente da Junta de Freguesia
António Manuel
da Silva Marquês

Re-visitar a XVII

Continuação da pág. 3

to» na posição de recusa do provisório, mas reivindica consciência e destemor.

Parece-me que estamos de acordo; foi a isso que eu chamei garbo e atrevimento. Aliás fi-lo como um elogio, embora com certas reservas que continuo a pôr: é que precisamente não terá sido «culturalmente rendível» em todos os núcleos, e por isso não terá sido sensato assumi-lo como princípio, e por isso não terá também sido inteligente como atitude.

Sobre a MADRE DE DEUS posso sublinhar que me pareceu ler «hesitação» e timidez», não certamente na diversificação espacial do núcleo, que todos sabemos não ser da responsabilidade da XVII, mas sim na não-leitura desse complexo espacial que a exposição ali organizada revelava, bem como na própria não-coerência interna do discurso expositivo.

Sobre a CASA DOS BICOS direi que estou de acordo, e também, sem «quaisquer dúvidas» que a intervenção neste tipo de situação deve «expressar e testemunhar a época da intervenção» mas que não basta isso para qualificar a intervenção levada a cabo, resta saber o como fazer. E este é o ponto em discussão.

Por isso que o testemunhar e expressar de uma intervenção, significa também expressão e testemunhar as limitações e insuficiências relativas, presentes na época dessa intervenção. E é isso que quanto a mim a Casa dos Bicos regista, testemunha e expressa.

Sobre a TORRE DE BELÉM chamo a atenção a SFS não ter eu dito que ela era «fácil para uma intervenção de salvaguarda». O seu espanto talvez tenha sido ligeiramente extemporâneo e excessivo, não lhe permitindo a calma releitura do que lá está escrito de facto, e que correspondia à tentativa de chamar a atenção dos eventuais leitores, para os aspectos fáceis e difíceis dessa intervenção, como duas vertentes opostas que depois, melhor ou pior, passei a analisar.

Quanto ao murete de meia-maré que rodeia a Torre, e que não referi nos artigos (aliás propositalmente), parece-me solução pouco feliz, até por colocar a Torre de Belém no meio de um espelho de água o que será situação adequada para um restaurante, mas que me parece pouco conforme com uma peça que apesar da sua factura delicada, não deixa de ser um baluarte fortificado, que agora nos vai surgir em metade do tempo sentado numa pocinha de água com um aspecto ligeiramente edulcorado quase quase ridículo. A solução técnica não é, nunca é, isolável em si.

Quanto aos detritos detectados em torno, verifiquei no local: achei-os um pouco maiores do que aqueles que SFS indica.

Sobre o MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS critiquei o núcleo ali organizado, ao que parece «ferozmente».

Não acredito na ferocidade da crítica, acredito na sua melhor ou pior adequação e coerência. Interpreto portanto que esta não terá sido adequada nem coerente.



Jerónimos

No entanto, quase todos os argumentos aqui invocados por SFS, são sobre a legitimidade moral da crítica feita; e voltarei a esse tipo de argumentos no fim.

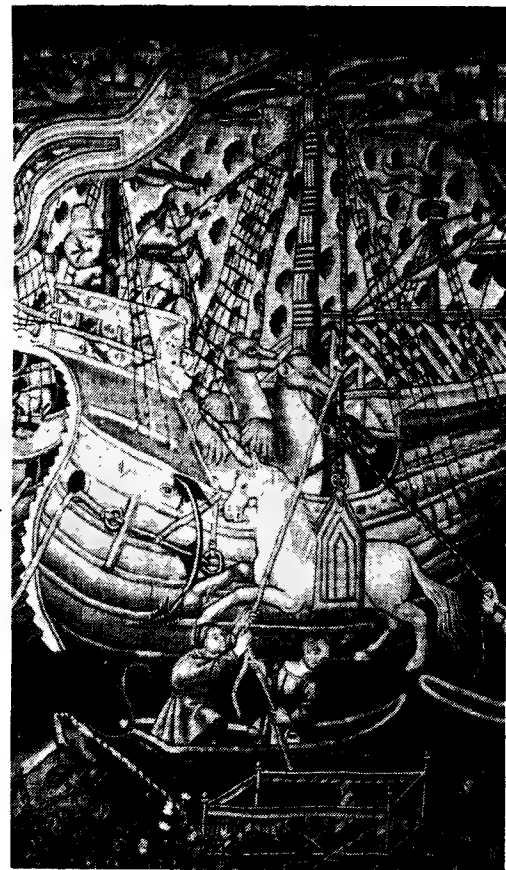
Fica no entanto a questão da articulação entre os Jerónimos (Igreja e Claustro) e a exposição ali realizada, e aqui decididamente não entendo SFS. Se de facto a Igreja e Claustro dos Jerónimos não se articulavam com o subtema da Exposição (que seria a Cartografia, a Ciência Náutica, etc.), o que ali não tinha cabimento era o subtema escolhido, e parece-me um pouco surpreendente, o poder considerar-se que ali a Igreja e o Claustro estavam a mais no discurso expositivo.

Sobre o último artigo, SFS rebate algumas considerações que fiz sobre iluminação e ventilação, demorando-se particularmente na rejeição do «ar condicionado» como se me estivesse a responder, e eu tivesse falado em tal. Não falei. Confesso no entanto que ignorei os cartões que informavam a retirada das peças por motivos técnicos, mas o próprio SFS confirma que por este motivo foram só duas ou três peças, o que justifica o ter-me parecido dispensável o detalhe. O que agora de bom grado corrijo.

Sobre o MUSEU DAS JANELAS VERDES (gosto mais deste nome que do nome oficial) parece que teria elogiado este núcleo «com o objectivo de diminuir em paralelo os restantes».

Além de pouco simpático para comigo, parece-me esta suposição pouco simpática também para com os autores do projecto. Gostaria por isso de garantir aos próprios (o que certamente lhes será indiferente, mas enfim), que o elogio que fiz do seu trabalho corresponde precisamente ao que dele penso. É aqui quanto posso fazer.

Referi-me em último lugar a



Museu das Janelas Verdes

este núcleo das Janelas Verdes, porque o próprio SFS explica o porquê da qualidade que ele apresenta, e o porquê da falta de qualidade dos outros.

Parece ter havido aqui um «verdadeiro trabalho de equipe», o que nem sempre terá sido possível nos outros núcleos por circunstâncias várias, «fruto da nossa ainda grande dificuldade de assim trabalhar».

Ora bem, é isto mesmo; e estamos portanto de acordo uma vez mais, só que SFS além de ter uma ideia da qualidade relativa de cada núcleo, sabe o porquê dessa diferença e tem a autoridade para o referir, coisa que mais ninguém poderia ter.

Afinal parece-me que alguma razão eu tenho quando penso que uma equipa não funciona por si, sem haver quem a oriente, e é essa a tal margem de liberdade que tanto incomodou SFS no início desta troca de ideias.

Finalmente sobre os aspectos que SFS afirma insistentemente nas suas notas eu dever saber e ter escamoteado, quer sobre projectos, quer sobre relações de trabalho, quer ainda sobre detalhes técnicos.

Acontece que de facto sei alguns dos dados que SFS cita, e até outros que ele não refere só que por um mínimo de disciplina própria, procurei não me servir na crítica à XVII, de informações a que tivesse tido acesso através de contactos e funções profissionais, tal como me recusei a falar da XVII, antes de ela estar patente ao público.

Isso levou a comportar-me como visitante atento mas necessariamente «desinformado», aliás tendo falhado as algumas poucas tentativas de recolha de informação extra a que procedi.

Por isso mesmo, e porque essa informação ganharia culturalmente em ser pública, discordo de SFS ainda neste ponto, e deixava até como sugestão (ao

Comissariado por exemplo) a publicação, na íntegra e por ordem, de todos os estudos e projectos realizados no âmbito da XVII, bem como de todos os pareceres que sobre esses estudos recaíram.

Quanto à minha intervenção directa no processo de apreciação dos projectos recuso ter sido o primeiro motor de fosse o que fosse, já que o organismo no qual dou colaboração, funciona em regime colegial e até hoje rigorosamente por consenso, e com pessoas não «motorizáveis» com facilidade. (1)

Sem misturar portanto as coisas, e voltando aos meus artigos, direi que sempre defendi que a crítica só ganha credibilidade moral quando o crítico nela se comprometa tanto quanto o autor do objecto criticado nela se comprometeu. De aí que a crítica que me interessa fazer seja deliberadamente não isenta, o que por vezes a leva a ser pouco cómoda e pouco agradável.

Parafraseando SFS quando refere a (não) legitimidade da minha crítica pessoal sobre a XVII, e que o leva a escrever «Assim não», eu diria a SFS que «assim sim» e se calhar «só assim é que sim».

É que a crítica não é um exercício de troca social de amabilidades, mas um exercício de rigor, de todo o rigor possível.

Acabo com as sabedoras palavras com que começa o LXXI poema do TAO: «As palavras agradáveis não são verdadeiras as palavras verdadeiras não são agradáveis».

(1) Acerca dos seis meses de espera pelo parecer sobre o Mosteiro dos Jerónimos (de que eu teria sido o relator), os factos não parecem confirmar essa espera: o primeiro processo foi apreciado em 10 dias, o segundo em 20 dias, o terceiro no próprio dia em que foi entregue.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a parar sempre no passeio antes de atravessar a rua.



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



PRECISA-SE ENGENHEIRO CIVIL PARA DIRECTOR DE ESTALEIRO

Com grande experiência, para dirigir importante obra de pontes.
Possibilidade de continuidade de emprego e de ascensão dentro dos quadros da empresa.

RESPOSTA AO N.º 24 903

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Almirante Reis 173-17 (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

DESPORTO

Ibero-Americanos: vieram 21 medalhas

Não atingiram a expressão desejada, especialmente dadas as muitas ausências dos atletas mais credenciados, nos Jogos Ibero-Americanos que se desenvolveram em Barcelona e colocaram Portugal em 4.º lugar entre as 20 potências concorrentes a este «meeting» de atletismo.

Foi proveitosa a viagem portuguesa: um total de 19 medalhas conquistadas, com duas de ouro para Aurora Cunha (9m 14,10 nos 3000 obstáculos e 4m 15,55 nos 1500 metros). Medalhas de prata para Carlos Cabral (1.49,32 nos 800), Fernando Miguel (30.58,12 nos 10 mil), Manuel Miguel (4.50 na vara), José Pinto (20 quilómetros marcha em 1 h 31 m 03 s), Oscar Santos (2 h

33 m 41 s na maratona), Carlos Cunha (69,94 no dardo), Álvaro Silva (49,61 nos 400), Fernando Couto (8 m 47 47 s 80, nos 3000 obstáculos), Ezequiel Canário (13 m 59,68 s nos 5000), Luís

Cunha (21,74 nos 200), Hélder de Jesus (3 m 54 s 49 nos 1500), Teresinha Vaz (47,56 no dardo), Ana Oliveira (6.13 no comprimento), Virgínia Gomes (24.59 nos 200) e a estafeta 4x100, constituída por Ana Oliveira, Vera Lisa, Conceição Alves e Virgínia Gomes (49,81). Medalhas de cobre: Luís Azevedo (15.51 no triplo salto), António Vermeilho (7.07 m no comprimento), Vítor Mendes (2.12 em altura) Adília Silvério (13.34 no peso).

Golfe: azar em duas tacadas

O português Domingos Silva foi o melhor golfista do torneio, totalizando 148 pancadas nos 36 buracos, enquanto que (por equipas), Portugal faliu por duas pancadas a qualificação para a fase final do 30.º mundial de golfe, dando-se assim por terminada a segunda prova de apuramento que se realizou no Clube Dom Pedro, em Vilamoura (Algarve). Esta fase europeia de qualificação foi extremamente disputada, sendo triunfante a Suécia. Portugal obteve o 6.º lugar. Suécia, Holanda, Áustria e Dinamarca asseguraram a presença na fase final (em Djakarta, de 8 a 11 de Dezembro) tendo os dinamarqueses vencido os gregos, após desempate, por apenas um buraco, o que demonstra bem a competitividade de que a prova se revestiu até à última tacada, mantendo público e participantes em verdadeiro «suspense» até ao fim.

O outro português (Rogério Valente) esteve francamente abaixo das suas reais possibilidades, classificando-se em 21.º, com 162 pancadas entre 24 concorrentes. A Suécia (apenas 300 pancadas) triunfou sem margem para dúvidas, após a 2.ª volta do torneio, enquanto se desenrolava uma luta renhida para os lugares seguintes, que davam o passaporte para a derradeira fase deste «mundial».

«Portugal faliu a qualificação por mera infelicidade», afirmou Tony Barnabé, presidente da Associação de Golfe Profissional (APGP). Enquanto Domingos Silva confirmou as suas aptidões para a modalidade, Rogério Valente acusou o peso da responsabilidade do «mundial» e faliu redondamente no «green».

Domingos Silva, que recebeu um troféu no valor de 3000 dólares (cerca de 360 contos), pelo triunfo individual, manifestou-se satisfeito pelo êxito e comentou: «Se não fosse o azar de Rogério, não tínhamos sido eliminados e Portugal iria à Indonésia.»

A selecção vencedora recebeu um prémio de 500 dólares (62,5 contos); a 2.ª classificada de 200 (25); a 3.ª de 150 (18); e a 4.ª de 100 (12,5), cabendo ainda a cada equipa 50 contos como prémio de presença.

«Mas não saíram divisas de Portugal e foi uma jornada turística de grande divulgação do nosso ensolarado Algarve», frisou Tony Barnabé, o verdadeiro «cérebro» deste mundial e principal responsável pela sua realização em terras de Portugal. Para o dirigente da APGP, a realização da prova entre nós provocou uma maior consciência profissional nos nossos jogadores. Adiantou (ainda) que só foi de lamentar o problema surgido com a federação da modalidade: «Mas (disse) estou consciente

de que mais uma vez contribui para a divulgação do golfe e espero que dentro em breve sejam devidamente resolvidos estes problemas sobre a realização de provas e escolha de jogadores, porque apenas a modalidade ganhará com isso.»

Classificação final da fase europeia do mundial de golfe, concluída nas instalações do Clube D. Pedro, em Vilamoura (Algarve): 1.º Suécia (O. Sellberg e M. Persson), 300 pancadas; 2.º Holanda (J. Dorrestein e W. Lemmons), 306; 3.º Áustria (F. Laimmer e O. Gartenmaier), 307; 4.º Dinamarca (P. Greve e H. Hansen), 308; 5.º Grécia (B. Karaytasee e Karatzas e L. Zafiropoulos), 308; 6.º Portugal (Domingos Silva e Rogério Valente), 310; 7.º Suíça (P. Bagnoud e F. Salmir), 314; 8.º Bélgica (P. Toissant e A. Van Damme), 315; 9.º Nigéria (P. Akakasiaka e T. Uduimoh), 321; 10.º Islândia (G. Kristinsson e U. Jonsson), 323; 11.º Marrocos (F. Mousa e M. Malroux), 327; 12.º Noruega (P. Haugrud e T. Fredriksson), 327.

José Manuel N. de Sousa

Andebol europeu: fracasso dos clubes portugueses

O Benfica foi claramente batido, por nove golos de diferença, na 1.ª mão da eliminatória inicial da Taça dos Campeões Europeus em andebol masculino. E com a agravante de o jogo se ter disputado no pavilhão da Luz, o que (praticamente) anula todas as probabilidades de os «encarnados» prosseguirem na prova, após o jogo da segunda mão, a realizar sábado próximo, na Áustria.

A nível de países, a qualidade do andebol austríaco é sensivelmente igual à nossa. Já no que aos clubes diz respeito, a inferioridade lusa é notória por inexistência de bons valores provenientes de outros países. Acontece que o Biro Graz actuou na Luz com dois húngaros de excelente craveira: casos de Hertelendi e Zass. Eles, mais o «internacional» austríaco Niederlicher, foram os sustentáculos da vitória do Biro Graz.

O Benfica, que no 1.º tempo se aguentou bem (ao intervalo 11-11) foi claramente dominado na 2.ª parte, em que os visitantes, a despeito da veterania de alguns dos seus jogadores, denunciaram a fraca física que lhes possibilitou uma eficaz organização defensiva (ao contrário do Benfica) e espantosa força atacante. Foi assim construindo um resultado que, pelo desnível de golos, possibilitará (quase de

Mundial de Fórmula 1

Piquet mais próximo do título com vitória em Brands Hatch

A má classificação de René Arnoux e o abandono de Patrick Tambay, no Grande Prémio da Europa de Fórmula 1, reduziram as hipóteses de vitória no Campeonato Mundial apenas a Alain Prost e a Nelson Piquet.

Piquet ganhou a corrida seguida de Prost, enquanto Arnoux, depois de um despieste sensivelmente a meio da prova, não conseguiu pontuar e Tambay saiu da pista, desistindo, quando era quarto classificado.

Brands Hatch transformou-se, assim, num circuito do qual a Ferrari não guardará, este ano, boas recordações.

O mesmo não acontecerá, no entanto, com o inglês Nigel Mansell, que levou o seu Lotus à terceira posição, e com o seu compatriota Derek Warwick e o italiano Bruno Giacomelli, que colocaram os dois Toleman nas quinta e sexta posições, respectivamente.

A prova decidiu-se, praticamente, na altura em que Piquet ganhou o comando da corrida, depois do seu companheiro de equipa Ricardo Patrese ter comandado durante as primeiras voltas, seguido pelo Lotus de Elio de Angelis que, contudo, desistiu muito cedo.

Quando o brasileiro da Brabham alcançou o primeiro lugar, Alain Prost colocou-se na posição imediata e nenhum deles esteve sequer em risco de ser despojado dessa classificação.

As surpresas da corrida surgiram com as classificações obtidas por Nigel Mansell, Lotus, e por Derek Warwick e Bruno Giacomelli, ambos em Toleman.

René Arnoux, depois de ter arduado até cerca de metade da corrida nos lugares pontuáveis, sofreu os efeitos de um ligeiro despieste acabando numa posição modesta e despedindo-se, em definitivo, da possibilidade de ser, este ano, campeão do mundo, o mesmo tendo acontecido com o seu compatriota e companheiro de equipa Patrick

Tambay.

A última prova do campeonato será o Grande Prémio da África do Sul a disputar em Kyalami, a 9 de Outubro.

Classificação final

1 Nelson Piquet, Brasil — Brabham BMW — 1h. 36:45.865; 2 Alain Prost, França — Renault Elf — 1h36:52.436; 3 Nigel Mansell, G. Bretanha — Lotus Renault — 1:36.52.436; 4 Andrea de Cesaris, Itália — Toleman — 1h37:20.261; 5 Derek Warwick, G. Bretanha — Toleman, 1h37:16.198; 6 Bruno Giacomelli, Itália — Toleman, 1h37:38.855; 7 Riccardo Patrese, Itália — Brabham BMW — 1h37:58.549; 8 Manfred Winkelhock, Alemanha Federal-ATS — a 1 volta; 9 René Arnoux, França — Ferrari, a 1 volta; 10 Eddie Cheever, EUA — Renault Elf, a 1 volta; 11 Thierry Boutsen, Bélgica — Arrows, a uma volta; 12 Roberto Guerrero, Colômbia — Theodore, a uma volta; 13 Jonathan Palmer, G. Bretanha, Williams, a duas voltas; 14 Ste-

fan Johanson, Suécia — Spirit Honda, a duas voltas; 15 Raul Boesel, Brasil — Ligier Gitanes, a três voltas.

Classificação do Mundial

1 Alain Prost, França, 57 pontos; 2 Nelson Piquet, Brasil, 55; 3 René Arnoux, França, 49; 4 Patrick Tambay, França, 45; 6. John Watson, Irlanda, 22; 7 Eddie Cheever, EUA, 21; 8 Niki Lauda, Áustria, 12; 9 Jacques Laffite, França, 11; 10 Michelle Alboreto, Itália, 10; 11 Nigel Mansell, Inglaterra, 10; 12 Andrea de Cesaris, Itália, 9; 13 Derek Warwick, Inglaterra, 7; 14 Ricardo Patrese, Itália, 4; 15 Marc Surer, Suíça, 4; 16 Mauro Baldi, Itália, 3; 17 Elio de Angelis, Itália, 2; 18 Danny Sullivan, EUA, 2; 19 Johnny Cecotto, Venezuela, 1; 20 Bruno Giacomelli, Itália, 1.

Classificação por marcas

1. Ferrari, 89 pontos; 2. Renault, 78; 3. Brabham, 54; 4. Williams, 36; 5. McLaren, 34.

Motociclismo

Hupperich (RFA) e Cardus (Espanha) campeões europeus de 125 e 250 cc

O alemão Federal Willi Hupperich e o espanhol Carlos Cardus sagraram-se ontem campeões europeus de motociclismo nas categorias de 125 e 250 centímetros cúbicos, após a última prova do torneio, no circuito de Hockenheim.

Hupperich somou 62 pontos, seguido do italiano Ezio Gianola, com 60, e do também italiano

Luca Cadalora, com 53.

A prova de Hockenheim de 125 cc foi ganha por Ezio Gianola.

Em 250 cc Cardus sagrou-se campeão europeu ao totalizar 65 pontos seguido do belga Stephan Mertens com 53, e do italiano Fausto Ricci, com 47.

A prova de ontem foi ganha pelo alemão federal Reinhold Roth seguido de Stephan Mertens.

Correr à beira Tejo

A Estrada Marginal irá ser o cenário de uma das mais belas provas do atletismo nacional. Isso acontecerá às 10 horas de 16 de Outubro, num percurso fácil, rápido e agradável, com um traçado de prova servido por uma excelente paisagem sobre o Tejo. Trata-se da 3.ª Corrida do Tejo, organizada pela Câmara Municipal de Oeiras. Uma prova desportiva de corrida em estrada na distância de 10 km, com o seu início em Algés e conclusão em Oeiras, em frente ao edifício da respectiva Câmara Municipal.

Este ano realizar-se-á a 3.ª edição da prova, tendo as anteriores um presença superior a 2000 atletas (provenientes de todos os pontos do País) e contado com a participação de alguns dos nossos melhores atletas. É, para além disso, uma prova que se integra nos dois únicos calendários de provas de estrada existentes no País: o Troféu Spiridon e o Torneio das Localidades do Concelho de Oeiras.

O interesse que a prova tem revelado no meio desportivo nacional está patente no elevado número de participantes.

Importa referir que, pese embora o facto de os custos de organização com a prova serem integralmente suportados pela CMO, algumas entidades têm-se associado à organização, patrocinando a sua realização. Informações e inscrições: Pelouro do Desporto da CMO 2780 Oeiras (telefone 2431500, ext. 208) e Revista Spiridon: Av. do Uruguai, 39, 5.º Esq. 1500 Lisboa (telefone 711487).

Placard

Faro: lutas amadoras

A União Desportiva Messinense, a Sociedade Filarmónica Silvense e o Grupo Desportivo de Beira-Mar (com o apoio da DGD) constituíram a Associação de Lutas Amadoras do Distrito de Faro (R. Oliveira Martins, 63 — 8900, Vila Real de Santo António).

EXTERNATO ALFA GARANTIA DE ÊXITO ESCOLAR

INÍCIO DAS AULAS

Avisam-se todos os alunos inscritos no Externato ALFA que o calendário do início das aulas para o Ano Lectivo de 1983/84 é o seguinte:

Dia 4 de Outubro:

CURSO GERAL DOS LICEUS

Dia 6 de Outubro:

CICLO PREPARATÓRIO e CURSO COMPLEMENTAR DOS LICEUS

Dia 10 de Outubro:

12.º Ano (VIA DE ENSINO).

Convidam-se os alunos a frequentarem as aulas com toda a ASSIDUIDADE desde o seu início, porquanto é necessário continuar, senão mesmo aperfeiçoar, este maravilhoso binário ALUNOS-PROFESSORES que no Externato ALFA tem permitido os mais significativos ÊXITOS ACADÉMICOS.

Todos os esclarecimentos relativos ao funcionamento do Ano Lectivo 1983/84 no ALFA serão prestados pela Secretaria na R. Rodrigo da Fonseca, 31 1.º (à Braamcamp) ou pelos tel. 572754 - 576362

Benfica-Belenenses abre «nacional»

Uma partida entre dois «grandes» (Benfica-Belenenses) constará da jornada inaugural (em 8 de Outubro) do campeonato da divisão de honra de andebol. Os restantes jogos são os seguintes: Desportivo de Portugal-Sporting de Espinho, Salgueiros-Académico do Porto, Académica de Coimbra-Sanjoanense, Académica de S. Mamado-FC Porto (Zona Norte), Sporting-Almada, Passos Manuel-Vitória de Setúbal e Caselas-Caramão (Zona Sul). De salientar o regresso do «velho» Salgueiros para junto dos «grandes», numa modalidade em que o clube de Vidal Pinheiro foi o 1.º campeão regional do Porto (em 1952).

MICROSCÓPIO

Ténis: circuito satélite

O norte-americano Marc Flur ganhou o quinto torneio do Circuito Satélite de Ténis ao bater na final o brasileiro Nelson Aerts, por 2-1. Flur venceu em três «sets» com os parciais de 3/6, 7/5, 6/3. Em pares a vitória coube aos belgas Brichant e Vanlangendonck que bateram na final o par constituído pelo norte-americano Neuhart e pelo argentino Ingaram, com os parciais de 6/3 e 6/1.

certeza) a permanência dos austríacos na prova.

Arbitraram os espanhóis Martinez e Arguilla.

BENFICA (20): Orlando (Santa Bárbara), João Gonçalves (4), Rui Ferreira (5), Almeida (1), José Manuel (1), Vasco (4), Veríssimo (1), Moraes (1), Luís Lopes (1), Mário Gentil (1) e Bernardo (1).

BIRO GRAZ (29): Wolf (Hoffer-nig), Plander (2), Hojdevic (4), Zass (5), Hovermeyer (1), Niederlicher (6), Hertelendi (4), Winkler Hubber (4), Reiter (3) e Gerlitz.

Entretanto, para a «Taça dos Campeões Europeus» (sector feminino), a Associação Desportiva de Oeiras foi batida pelo Iber (de Valência, Espanha) por 9-29. Sob a arbitragem da dupla francesa constituída por Abribat e Guérin, alinharam e marcaram: IBER: Santana; Cristina, Mayo, Koninckxs (4), Sória (6), Capilla (1), Mercedes (4), Cano (6), De Pinedo (3), Maria José, Rosa, Esperança e Maria Luísa (5).

OEIRAS: Conceição Rufino; João (2), Pina, Rufina, Mena (3), Paky (1), Guida, Margarida Bariga, Isabel Cruz, Fernanda (3), Lena e Laura.

Por seu lado, o Académico do Porto era também derrotado, em Madrid pelo Legano por 23-15, na «Taça das Taças» feminina.

DESPORTO

Nacional de futebol

Benfica e Porto arredam Sporting



Luz: Nené versus Jorginho



Diamantino: grande penalidade convertida no 2-0

Benfica. 2-Águeda, 0

A estranha tática do super-campeão

As tremendas dificuldades com que luta a manobra benfiquista nos últimos jogos voltou a colocar em polvorosa a multidão que, no parque «encarnado», somente respirou fundo aos 75 minutos de jogo, quando Manniche apontou o tento n.º 3 da sua presença entre nós, face a um Águeda onde Jorginho chegava e so-
brava para todos os ataques dos campeões nacionais.

Foi esse golo do dinamarquês Manniche que abriu (finalmente) caminho à difícil vitória (por 2-0) do Benfica sobre o Águeda, recém-vindo do escalão inferior.

O Benfica, que chegou ao intervalo empatado a zero, teve que esperar até ao minuto 75 por uma jogada do sueco Glen Stromberg que, já dentro da grande área, teve arte e força para se desembaraçar de três adversários e centrar para o local exacto onde estava Manniche o qual, com o pé esquerdo, desferiu um remate indefensável para Tibi.

Não acabaram aí as dificuldades do Benfica, a jogar com pouca velocidade e sem soluções para romper a defesa do Águeda onde pontificava Jorginho, que não perdeu uma única bola alta durante todo o encontro.

Aos 86 minutos, Diamantino foi derrubado e o árbitro assinalou a marca de grande penalidade. O próprio Diamantino encarregou-se da transformação do castigo máximo, conseguindo assim (aos 87 minutos) o 2.º golo do Benfica.

O Recreio de Águeda mostrou ser uma equipa consciente de que jogar à defesa não significa postar onze jo-

gadores dentro da sua grande área.

A equipa treinada pelo ex-jogador sportinguista José Carlos («magriço» de 66), esta época promovida à 1.ª divisão, demonstrou saber dominar as situações mais perigosas para a sua baliza sem ter que recorrer ao sistemático antijogo. Pode o Benfica queixar-se de si mesmo, pelo tempo que passou com o marcador sem funcionar, já que o Águeda nunca foi uma equipa perigosa no ataque.

Sistematicamente a bola pelo ar para a defesa contrária, o Benfica continua enfiado a um confuso estilo de jogo que só resulta quando um precalço bate à porta dos contrários. As faltas de Chalan (em convalescença de uma intervenção cirúrgica) e de Humberto Coelho (que esta semana será operado a um joelho) não disfarçam totalmente a péssima manobra benfiquista na chameira defesa-ataque, que vive de «raides» pessoais ou de golpes de acaso.

Sob a arbitragem de Francisco Silva (de Faro) que mostrou o cartão amarelo a Craveiro (aos 11 minutos), Carlos Manuel (42) José Luis e Simão (70) as equipas alinharam:

Benfica: Bento; Veloso, Oliveira (Sheu, 62), António Bastos Lopes e Alvaro; Carlos Manuel, Stromberg, Diamantino e José Luis; Nené e Manniche.

Águeda: Tibi; Rodrigues Dias, Paulo César (Alberto, 62), Jorginho e Simão; Candeido (Belo, 3), Cambraila, Noqueira e César; Craveiro e Flávio.

Benfica e FC Porto lideram o campeonato de futebol da 1.ª divisão, após a 4.ª jornada, em que o Sporting perdeu o primeiro ponto. Os clubes da Luz e das Antas permanecem invictos (8 pontos), enquanto o Sporting os persegue (com 7, tal como o Vitória de Guimarães), depois de ter empatado a um golo na sua deslocação ao campo do Salgueiros.

Após quatro rondas, FC Porto e Vitória de Guimarães ainda não sofreram um único golo e ambos venceram ontem por 1-0. O FC Porto deslocou-se a Braga e bateu a equipa local com um golo do irlandês Walsh (aos 43 minutos), enquanto o Guimarães ia a Espinho ganhar com um tento de Eldon (aos 31 minutos).

O Benfica recebeu (sábado) o novo primodivisionário Águeda no Estádio da Luz e os seus milhares de adeptos só descansaram aos 75 minutos, quando o dinamarquês Manniche marcou o 1.º golo, para depois Diamantino concretizar a grande penalidade que deu o difícil triunfo de 2-0 aos campeões nacionais. Também no sábado o Sporting (de Venglos) esteve em apuros para não perder um encontro que o Salgueiros (de Octávio) poderia ter justamente ganho, com uma excelente exibição na 2.ª parte do duelo realizado no Campo de Vidal Pinheiro. O Sporting fez uma primeira parte razoável, que terminou a vencer por 1-0 (golo de Oliveira) mas, sempre a jogar a passo, viu-se e desejou-se para aguentar a igualdade no 2.º tempo, depois de Constantino ter empatado.

A 4.ª jornada do nacional foi de certo modo caracterizada por vitórias fora. FC Porto e Guimarães venceram, respectivamente em Braga e Espinho, mas também o Portimonense conseguiu uns inesperados 3-2 no campo do Bessa (frente ao Boavista) e o Rio Ave venceu em Penafiel, por 1-0. No Bessa, o belga Cadourin inaugurou o marcador para a equipa algarvia (aos 10 minutos) mas ao intervalo os axadrezados venciam por 2-1, com golos de Teixeira e Jorge Silva, aos 24 e 26 minutos. Na 2.ª metade, porém, o Portimonense reagiu e igualou (aos 59 minutos) de grande penalidade marcada por Pedroto, para Norton de Matos, cerca da meia hora, estabelecer o resultado final (2-3) e a inesperada vitória da turma de Portimão. O triunfo do Rio Ave em Penafiel ficou a dever-se a um golo de Adérito, aos 21 minutos de jogo.

O Vitória de Setúbal foi (entretanto) empatar à Póvoa de Varzim, primeiro marcou o Vitória (aos 12 minutos, por intermédio de Freire) resultado que se registava ao intervalo: no período complementar a equipa da casa igualou, com um golo de Waldeimar (aos 73 minutos).

Finalmente, o Farense conseguiu uma vitória em casa, sem



Belenenses não conseguiu melhor que um nulo em Sacavém

grande dificuldade, sobre o Estoril (3-1, com 1-0 ao intervalo). Logo no 1.º minuto José Rafael fez 1-0 para os algarvios. Na 2.ª parte o mesmo jogador elevou para 2-0 (aos 65) e Gil fez 3-0 (aos 73). O Estoril reduziu aos 88 minutos, por intermédio de Vitor Madeira.

Concluída a quarta jornada do campeonato, quatro equipas ocupam o último lugar, apenas com um ponto: Estoril, Varzim, Espinho e Águeda.

A seguir

O nacional da 1.ª divisão tem a a jornada n.º 5 marcada para sábado (dia 1 de Outubro) porque, quarta-feira (dia 4) Portugal joga na RFA a contar para o Torneio Olímpico. Esta jornada tem os encontros seguintes: Sp. Braga - Benfica, FC Porto - V. Guimarães, Águeda - Farense, Estoril - Penafiel, Rio Ave - Varzim, V. Setúbal - Boavista, Portimonense - Salgueiros e Sporting - Espinho.

Marcadores

José Rafael, que marcou dois dos três golos com que o Farense derrotou o Estoril (3-1), passou a liderar a lista dos melhores marcadores do campeonato de futebol da 1.ª divisão. Classificação: José Rafael (Farense), 5 golos; Eldon (V. Guimarães), 4; Manuel Fernandes (Sporting), 4; Jorge Plácido (V. Setúbal), 3; Freire (V. Setúbal), 3; Walsh (FC Porto), 3; Carlos Manuel (Benfica), 3; Jordão (Sporting), 3; Gomes (FC Porto), 3.

2.ª Divisão

Rodou-se a 2.ª etapa do campeonato da 2.ª divisão, que (na Zona Norte) forneceu os desfechos seguintes: Feirense - P. Ferreira, 2-1; Vizela - Tirsense, 3-2; Fafe - Leixões, 0-1; Famalicão - S. Martinho, 1-1; A. Viseu - Riopole, 0-0; Lixa - Gil Vicente, 0-0; Valonguense - Chaves, 0-0; e Valdevez - Sanjoanense, 0-1.

	V	E	D	G	P
Leixões	2	-	-	4-2	4
Riopole	1	-	-	3-0	3
Chaves	1	-	-	1-0	3
Valonguense	1	-	-	1-0	3
P. Ferreira	1	-	-	4-2	2
Gil Vicente	2	-	-	1-1	2
Acad. Viseu	2	-	-	1-1	2
S. Martinho	2	-	-	1-1	2
Sanjoanense	1	-	-	1-1	2
Feirense	1	-	-	2-2	2
Tirsense	1	-	-	3-3	2
Vizela	1	-	-	5-5	2

Classificação

	J	V	E	D	G	P
FC Porto	4	4	0	0	8-0	8
Benfica	4	4	0	0	10-3	8
Guimarães	4	3	1	0	7-0	7
Sporting	4	3	1	0	10-4	7
Braga	4	2	1	1	4-2	5
Rio Ave	4	2	1	1	3-2	5
Farense	4	2	1	1	7-5	5
Portimonense	4	2	1	1	7-5	5
Setúbal	4	1	1	2	9-6	3
Salgueiros	4	1	1	2	2-6	3
Boavista	4	0	2	2	5-7	2
Penafiel	4	1	0	3	2-11	2
Estoril	4	0	1	3	2-8	1
Varzim	4	0	1	3	1-6	1
Espinho	4	0	1	3	1-7	1
Águeda	4	0	1	3	0-6	1

A: Prado-Monção, 1-0; Taipas-P. Barca, 2-2; Limianos-Felgueiras, 0-0; Mirandela-Cerveira, 1-0; Valenciano-Bragança, 2-1; Freamunde-Vianense, 3-0; Aves-Merelinense, 1-1 e Mogadourense-Moreirense, 3-1. Guia: Mirandela, 4 pontos.

Série B: Esmoriz-Paredes, 0-0; Cesarense-U. Lamas, 3-2; Régua-Marco, 2-2; Vilanovense-José Alves, 2-1; Ermesinde-Paiense, 1-0; Leça-Lamego, 1-0; Amarante-Ovarense, 2-0 e Lourosa-Valadares, 3-0. Guia: Amarante, 4 pontos.

Série C: S. Romão-Tondela, 1-1; Barco-Oliveira Bairro, 0-2; Estarreja-Mangualde, 1-0; Marialvas-Viseu Benfica, 1-0; Oliveirense-Vildemoinhos, 1-1; Poiares-Tortosendo, 7-0; Santa Combadão-Sourense, 0-0 e Mealhada-Gouveia, 1-0. Guia: Poiares, Oliveira do Bairro e Estarreja, 4 pontos.

Série D: Nisa Benfica-U. Almeirim, 0-1; Alferrarede-E. Portalegre, 0-4; Alcains-SL Marinha, 0-3; Marinhais-Nazarenos, 1-1; Marrazes-Atouguesense, 0-0; Marinhense-S. Bernardino, 3-0; Santarém-Bombarralense, 1-1 e Portalegrense-Alpalhoense, 4-1. Guia: SL Marinha e U. Almeirim, 4 pontos.

Série E: SL Olivais-Santa Clara, 3-2; Lusitânia-Oriental, 1-0; A. Cacém-Campomaiorense, 4-0; Casa Pia-Bucelenses, 0-0; Montijo-Samora Correia, 1-1; Almada-Sintrense, 3-1; Benfica Águia-Vialonga, 0-2 e Atlético-U. Tires, 0-0. Guia: Vialonga, 4 pontos.

Série F: Desportivo Beja-Trafaria, 3-0; Vasco da Gama-Juventude, 1-1; Torralta-Seixal, 3-0; Alvorense-Lusitano V. Real, 2-1; C. Indústria-Campinense, 1-2; Paio Pires-Quarteirense, 1-1; E. Vendas Novas-GD Quimigal, 0-0 e Canavians-Moitense, 0-3. Guia: Campinense e Torralta, 4 pontos.

Atenção, portugueses

Comportamento dos quatro clubes que tocam a portugueses nas provas europeias: Lindfield, 2-Glontoran, 3; Dinamo de Zagreb, 2-Olimpia, 0; Sevilha, 3-Osasuna, 0 e Aston Villa, 1-Southampton, 0.



Clube Desportivo da Cova da Piedade: nunca esteve na 1.ª

Otto Glória: 66 anos de idade

Vários leitores que notaram declarações recentemente tornadas públicas por Otto Glória ficaram admirados com a idade (57 anos) declarada pelo veterano técnico brasileiro. Aqui vai a verdade: Otto Martins Glória, filho de Laudelina e João Martins Glória, nasceu a 9 de Janeiro de 1917 no Rio de Janeiro. Avós de naturalidade portuguesa: paterno dos Açores e materno de Vila Nova de Gaia. Idade real de Otto: 66 anos.

DESPORTO

Braga, 0-F.C.Porto, 1

Com saber e muita sorte

Foi um espectáculo deveras emotivo, oferecido por bracarense e portistas, no Estádio 1.º de Maio, a cerca de 25 mil pessoas. Emoção que despontou logo na primeira jogada do desafio, quando os locais, num lance de «laboratório» fizeram tremer Zé Beto: um lançamento longo para José Abrantes que, depois de burlar Eurico, atirou à base do poste da baliza adversária.

A resposta dos pupilos de Pedroto não se fez esperar e, logo na jogada imediata, foi a vez de Walsh provocar sensação, ao atirar à rede lateral, na sequência de um passe de «bandeira» de Jaime Pacheco. Cada equipa tinha exibido as suas credenciais no espaço de um minuto sintomático; Pena foi que o «mote» não tivesse sido «glosado» com a frequência anunciada. Com efeito, «queimados» que foram os trufos iniciais, as equipas enveredaram por uma toada mais calculista, numa obediência «cega» às táticas impostas pelos respectivos técnicos. Para Pedroto, o objectivo era ganhar o meio-campo, para daí lançar o ataque ao extremo reduto contrário. Por sua vez, Quinino pensou que a melhor maneira de salvar a água ao seu moinho seria impedir que os «motores» portistas funcionassem. Daí a marcação cerrada de que foram alvo Rodolfo, Gomes, Walsh e

Jaime Pacheco, por parte (respectivamente) de Jorge Gomes, Paris, João Cardoso e Serra. Foi uma luta tenaz, travada a meio-campo, onde portistas e bracarense concentravam os seus esforços para dar corpo ao plano idealizado pelos técnicos, à iniciativa de ataque dos portistas contrapunham os «arsenalistas» um esquema de contra-ataque, com Vando e Jorge Gomes sempre na berlinda. Mais afoitos, os «azuis e brancos» forjaram algumas oportunidades, sendo certo, porém, que as mais flagrantemente resultaram de «fifias» da defesa local.

Como corolário lógico desse pendor mais ofensivo, os portistas acabaram por marcar quando faltavam apenas dois minutos para o intervalo, por intermédio de Walsh que apareceu com rara oportunidade no «miolo» da área bracarense, para finalizar da melhor maneira uma bela jogada que começou em Sousa e «tabelou» em Gomes. Golo que surgiu alguns minutos depois de os portuenses terem reclamado «penalty» por carga de Paris sobre Gomes, quando o «bota de ouro» se aprestava para finalizar mais um lance da sua equipa. A jogada desenrolou-se um pouco longe do local onde nos encontrávamos, pelo que não podemos dizer (em consciência) se houve ou não intenção de Paris

em derrubar o seu adversário.

Antes do descanso, os bracarense estiveram na iminência de restabelecer a igualdade, na sequência de um pontapé de canto, apontado do lado esquerdo por João Cardoso e concluído com uma cabeçada de Serra, que fez o esférico roçar a barra da baliza de Zé Beto.

Os minutos iniciais do período complementar mostraram-nos um FC Porto disposto a segurar a magra vantagem, através de um «mastigar» constante e, por vezes, arriscado, na sua zona intermediária. Em contrapartida, o Braga surgiu mais inconformado do que nunca. Mas, aparentemente seguros de si próprios, os «azuis e brancos» cometeram, então, alguns erros que podiam ter sido fatais para as suas aspirações. Estamos a recordar-nos (por exemplo) daquela «fifia» de João Pinto que não conseguiu segurar o esférico e permitiu a entrada fulgurante de Dito, a causar calafrios na numerosa falange de apoio portista.

O objectivo de Pedroto era claro: segurar a bola o máximo tempo possível e obrigar os miñotos a correrem, a desbaratarem energias e abrirem brechas no seu bloco defensivo. Ainda que por breves instantes, os portistas deram conta do recado e estiveram, até, à beira de consolidarem a sua vantagem. Acontece, porém, que Walsh precipitou-se no momento do remate e o golo (certo) acabou por se perder. Foi por assim dizer o «canto do cisne» dos portuenses que, a partir de então, jamais lograram criar situação idêntica.

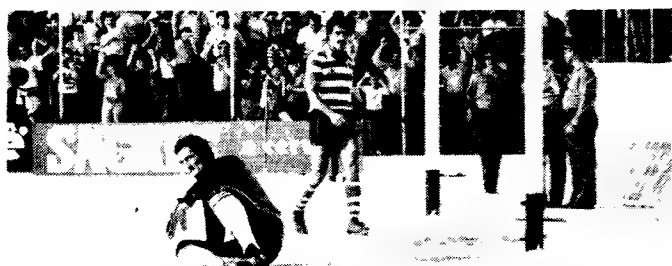


Zé Beto versus Jorge Gomes: muita energia

Num último fôlego, os bracarense tentaram a divisão de pontos; que viria a gorar-se por culpa de Zé Beto e seus pares, que fecharam a sete chaves todos os caminhos que pudessem conduzir à sua cidadela. De nada adiantaram as entradas de Zinho e Malheiro para os lugares (respectivamente) de Serra e Vítor Santos, mas, em contraste, foram de uma utilidade extrema os dois reforços (Jaime Magalhães e Costa) que Pedroto utilizou na hora das «apertadinhas», quando o Braga crescia a olhos vistos e Walsh e Sousa já não tinham mais para dar.

A arbitragem não esteve isenta de erros. Falhou num ou noutro lance em que o infractor saiu beneficiado e, do mesmo modo, errou também na marcação de algumas deslocacões. No cômputo geral (todavia), pode considerar-se suficiente para uma partida sem grandes casos para resolver.

MANUEL NETO



Constantino: o golo, espanto de Katzirz, festa salgueirista

Salgueiros, 1-Sporting, 1

“Leões” em dificuldade

O desgaste físico e psicológico quase ia atraíndo a turma leonina, na sua deslocação ao «pelado» de Vidal Pinheiro, agora emoldurado por uma nova bancada para mais 5500 espectadores, cuja estreia foi assinalada por foguetes e «bombos dos mareantes» do rio Douro (vestidos de «azul e branco»). Sem a esgotar lotação, o campo de Paranhos apresentou contudo poucas clareiras, o que traduzido em números dará qualquer coisa como cerca de 15 mil pessoas.

Tal como se previa, o Sporting experimentou sérias dificuldades não só para se adaptar ao terreno, mas sobretudo para encontrar o tempo e espaço de manobra, frente a uma equipa que lutou sem destemor do 1.º ao último minuto. Se é certo que no dealbar da partida os «leões» conseguiram de certo modo controlar o ímpeto dos salgueiristas, não é menos verdade que, nos minutos finais, a falta de fôlego da turma de Alvalade ia deitando tudo a perder.

Venglos explicaria mais tarde o «colapso» da sua equipa: A participação de oito jogadores do Sporting nas equipas nacionais provocou, naturalmente, um certo desgaste físico. Depois, havia que actuar calmamente hoje (sábado), por causa do jogo de 4.ª-feira, frente ao Sevilha. tudo conjugado, implicou (como é óbvio) uma concentração especial dos atletas e uma diminuição de rendimento na parte final do encontro com o Salgueiros.

Efectivamente, os «leões» chegaram ao fim, como se diz de «gatas». Depois do golo do empate, obtido pelo Salgueiros aos 65 minutos, a turma sportinguista pareceu perturbada e não foi capaz de encontrar soluções para sacudir a pressão encarnada, que chegou a ser asfixiante.

O melhor período do Sporting foi aquele que culminou com a obtenção do 1.º tento. digamos que o primeiro quarto de hora, já que, logo a seguir ao golo de Oliveira (marcado à passagem dos 11 minutos) o Sporting ainda teve nova oportunidade de aumentar a contagem, antes do seu opositor passar para a mó de cima.

Pode dizer-se (até) que o Sporting só voltou a dar um ar de graça quando iam decorridos 76 minutos, por intermédio de Futre, que entrara a substituir Jordão (ao intervalo). Uma descida rápida de Lito pela direita, possibilitou ao «menino bonito» de Alvalade um remate que encontrou a barra no caminho, com Fidalgo manifestamente batido.

Uma hipótese apenas a contrastar com uma série delas forjadas pela equipa portuense, num arremesso surpreendente que fez delirar a plateia «encarnada». Na hora das «aflições», o Sporting foi uma equipa humilde e, ao mesmo tempo, afadigada na defesa do magro pecúlio que, na circunstância, bem poderá considerar-se um ganho precioso. Aliás, depois do que vimos no sábado, ficámos na convicção de que vai ser muito difícil a qualquer equipa pontuar em Vidal Pinheiro. Daí que o empate alcançado pelo Sporting se possa considerar um ponto ganho por Venglos.

Com alguns deslizes na marcação dos fora-de-jogo, a arbitragem não esteve, em nosso entender, à altura do encontro. Podia ter comprometido tudo, já que cortou algumas jogadas perigosas e deixou passar outras em claro que só não deram golo por acaso. Mas, verdade se diga, parece que nenhuma das equipas se ficou a rir...

M. N.

Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal), mal auxiliado por João Luz (ataque do Sporting) e Rui Manuel (dianteira do Salgueiros).

SALGUEIROS: Fidalgo; Eliseu, Germano, Soares e Jorginho; Luís Pereira (António Manuel, aos 79 m.), Silva, Carvalho e Santos Cardoso (Vassalo, na 2.ª parte); Penteado e Constantino.

SPORTING: Katzirz; Gabriel, Zéinho, Virgílio e Mário Jorge; Lito, Festas (Kostov, aos 24 m.), Oliveira e Romeu; Manuel Fernandes e Jordão (Futre, na 2.ª parte).

Ao intervalo: 0-1. Marcadores: Oliveira (11 m.) e Constantino (67 m.). Cartão amarelo: Lito (84 m.) e Romeu (86 m.).



Walsh: mais alto que a concorrência

Franceses desertam do palco

Basquetebol: “Pioneer” em casa

O Queluz foi o imprevisível vencedor do «III Torneio Pioneer» (sucendo ao Benfica e ao Caja Ronda, de Málaga, os anteriores conquistadores) ao bater na final a fortíssima equipa do Stade Français. A jornada derradeira começou com o jogo FC Porto - Benfica, para os 3.º e 4.º lugares, que os azuis e brancos venceram tangencialmente após renhido despique em que a incerteza quanto ao vencedor foi uma constante: vitória dos portistas, por 85-84.

O 2.º encontro foi decidido só após prolongamento (74-74 no tempo regulamentar) em que o Queluz viria a bater o Stade Français, por 87-81. Logo de início, um dos jugoslavos dos franceses, Kikanovic (apontado como um dos cinco melhores jogadores da Europa) lesionou-se e a equipa gaulesa sentiu em demasia a falta do «patrão» e estratega-mor do «cinco». Com as forças em luta mais equiparadas devido à prematura saída daquele talentoso jogador, o Queluz «sentiu» que poderia vencer o jogo e movimentou-se com evidentes cuidados defensivos, ora marcando homem-a-homem, ora à zona, com flutuações para junto dos mais perigosos lançadores contrários. Mas, no 1.º tempo, os franceses marcariam ascendente pontual e ao

intervalo venciam por 44-36. Já era uma diferença considerável de anular, tanto mais que os gauleses (mesmo sem Kikanovic) formam um conjunto poderoso. Porém, nos primeiros momentos do reinício, as coisas correram de feição para Carlos Lisboa e seus pares. E, ao mesmo tempo que o Queluz actuava com notória confiança nos seus recursos, o Stade mostrava-se intranquilo. Nos últimos momentos do tempo regulamentar o Queluz vencia por dois pontos, mas os franceses logriam empatar ao assinalar dos 40 minutos regulamentares.

Foi, naturalmente, em clima de emoção que decorreram os cinco minutos do prolongamento, período em que os queluzenses souberam controlar bem a bola, conseguir quatro pontos de vantagem e depois seis (87-81). Quando faltavam dez segundos para o encontro terminar, o técnico norte-americano dos gauleses mandou os seus jogadores abandonarem as quatro linhas, embora permanecendo no recinto para depois da cerimónia de distribuição de prémios. O treinador (um temperamental) insurgiu-se algumas vezes contra a arbitragem em termos que, efectivamente, justificaram as duas faltas técnicas marcadas pelos juizes: e o seu

«mau perder» levou-o a uma censurável atitude de mandar os atletas abandonar o terreno de jogo, já quando não teriam hipótese de «dar a volta» ao resultado. Foi uma vitória magnífica do Queluz, surpreendente mas perfeitamente justa.

Árbitros: Luís Machado e António Pimentel (Lisboa).

Queluz (87): Polido (2), Lisboa (26), Cardoso (22), Baganha (17), John Moniz (4), Rui Pinheiro (24), David Duarte (8) e

Ulisses (4).

Stade Français (81): Kikanovic (22), Ewlagier (2), Vernieres, Cham (19), Garnier (2), Otrant (17), Boistol (22), Deganis (11) e Radovanovic (27).

Classificação final: 1.º Queluz; 2.º Stade Français; 3.º FC do Porto; 4.º Benfica. Na fase de apuramento participaram, ainda, Olivais de Coimbra, Sangalhos, Imortal de Albufeira e Belenenses.

viagem à

URSS

COMEMORAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

VIAGEM ESPECIAL, por ocasião das comemorações do 7 de Novembro, incluindo estadias em KHARKOV, VOLGOGRADO (antiga Estalinegrado), ODESSA (Mar Negro) e MOSCOVO (7 de Novembro).

PARTIDA 25 DE OUTUBRO - 15 dias de viagem - pensão completa, todas as visitas e transportes incluídos

Peça programa detalhado

65000\$00

AGITURISMO

Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 LISBOA
Telefone: 37 51 10 11
ab. op. 414

DESPORTO

Na sua agenda

CICLISMO: Circuito da Malveira (com a atracção Joaquim Agostinho) a 2 de Outubro, pelas 13 horas. Mais tarde, na Pista «Túlio Pereira», prova «open». Ainda do desporto do pedal: campeonatos lisboetas de pista a 15 e 16 de Outubro, na «Túlio Pereira».

ANDEBOL: assembleia geral extraordinária da Associação de Lisboa no dia 3 de Outubro.

CAÇA SUBMARINA: nas águas de Sines, a 1 e 2 de Outubro, a Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas promove o campeonato nacional individual de caça submarina, para seniores.

ATLETISMO: Meia Maratona Internacional de Tróia, pelas 11 horas de 2 de Outubro, numa iniciativa da Interline Club of Portugal, TAP-AIR Portugal, Torralta e «Correio da Manhã».

A 9 de Outubro, pelas 10 horas, outra prova de atletismo: a meia maratona que a Junta da Freguesia do Barreiro (em colaboração com várias entidades do concelho) está a erguer.

TÊNIS: A Federação Portuguesa promove, de 3 a 9 de Outubro, o 2.º Torneio Diplomático, com provas de singulares homens e pares mistos, no Estádio Nacional. Inscrições até 29 do corrente (no Estádio Nacional ou no Centro de Ténis de Monsanto) abertas a diplomatas, actuais e antigos membros do Governo e deputados.

TÊNIS-DE MESA: a 22 e 23 de Outubro, em Faro, a Associação local organiza o 11.º Grande Torneio Aberto «Feira de Santa Iria», que conta para a classificação nacional dos praticantes.

VOLEIBOL: assembleia geral extraordinária da Associação de Lisboa pelas 20 horas e 30 do dia 3 de Outubro.

XADREZ: Torneio Aberto Internacional de Viana do Castelo de 1 a 5 de Outubro, organizado pelo Viana Taurino Clube no Complexo Turístico Luziámar.

VELA: a 1 e 2 de Outubro, ao largo de Leixões, têm lugar as IV Regatas Tintas Diera (para a classe Laser) numa organização do Sport Clube do Porto e responsabilidade directa do eng.º Manuel Maria Maciel Meneres, director da Secção de Vela do prestigioso clube de Matosinhos.

HÓQUEI EM CAMPO: reunião dos clubes lisboetas pelas 21 e 30 do dia 4 de Outubro, com muitos temas em agenda.

TOTO BOLA
a chave

1. Braga-Porto 2
2. Salgueiros-Sporting x
3. Farense-Estoril 1

4. Penafiel-Rio Ave 2
5. Varzim-V. Setúbal x
6. Boavista-Portimon. 2

7. Espinho-V. Guimarães ... 2
8. Feirense-P. Ferreira 1
9. Fafe-Leixões 2

10. União Tomar-Académico x
11. Peniche-U. Leiria 1
12. Sacaven-Belenen. x
13. Amora-Marítimo x

Totobola:
previsões

O concurso do Totobola poderá ter apenas um totalista, enquanto as estimativas apontam para 10 a 15 boletins com 12 resultados certos. Caso não haja totalistas, prevêem-se entre 150 e 200 boletins com 11 símbolos correctos. O valor de cada prémio deste concurso é de 18 182 731 escudos e 50 centavos.

O concurso extraordinário, relativo a jogos da próxima 4.ª-feira (para as taças europeias de clubes) terá como valor de cada prémio 2 373 636 escudos. Foram feitas 2 115 540 apostas, em 255 041 matrizes.

Distinção para o «DL»

Neves de Sousa: «Prémio Alvo»
pelo quarto ano consecutivo

De há cinco anos a esta parte que os programas radiofónicos «Alvo» e «Alvorecer», realizados por Trindade Guedes e Jorge Peixoto aos microfones da Rádio Renascença (FM, Norte e Centro) elegem, através dos votos vindos dos seus ouvintes, os nomes mais destacados em diversos campos da actividade desportiva. Uma tradição que (segundo os promotores) vai encerrar este ano com festividades no Porto, a 10 de Outubro.

Pelo 4.º ano consecutivo Neves de Sousa (nosso companheiro de redacção, responsável pelo sector desportivo do «DL») é distinguido pelos ouvintes da Rádio Renascença: como pode ver-se foi agora considerado o 2.º jornalista desportivo do nosso país, logo a seguir de Cruz dos Santos e antecedendo Carlos Arsénio. A lista completa dos distinguidos é a seguinte: Treinador profissional de futebol: 1.º José Maria Pedroto (20 537 votos); 2.º Henrique Calisto (8403); jogador profissional: 1.º Gomes, do FC Porto (11 920); 2.º Oliveira, do Sporting (8433); 3.º Humberto Coe-

lho, do Benfica (5422); 4.º João Pinto, do FC Porto (1124); árbitro de futebol: 1.º Raul Nazaré, de Setúbal (16 482); 2.º Raul Ribeiro, de Aveiro (3970); 3.º Mário Luís, de Santarém (3957); relator desportivo: 1.º Ribeiro Cristóvão, da Rádio Renascença (13 845); 2.º Gomes Amaro, do Quadrante Norte (11 323); 3.º Fernando Correia, da Rádio Comercial (3260); jornalista desportivo: 1.º Cruz dos Santos, de «A Bola» (7437); 2.º Neves de Sousa, do «Diário de Lisboa» (7123); 3.º Carlos Arsénio, do «Record» (3800); atleta amador masculino: Vítor Hugo, hoquista do FC Porto (10 120); 2.º Carlos Lopes, fundista do Sporting (7323); atleta amador feminino: 1.ª Rosa Mota, do CAP (9234); 2.ª Aurora Cunha, do FC Porto (7121).

A entrega dos troféus é no dia 10 de Outubro, no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, às 21 horas. Nesse mesmo dia, haverá, como é tradicional, um jogo de futebol (no Estádio do Bessa) que possibilitará a confraternização entre homens da Imprensa, Rádio e TV, no qual

participarão os futebolistas mais votados (dois de cada equipa). Será dirigido por Raul Nazaré, que terá como auxiliares Raul Ribeiro e Mário Luís, estando em disputa as taças «Rebello Carvalheira» e «António Matos», para as duas equipas, e o troféu «Justino Lopes», para o melhor marcador.

Uma iniciativa que se aplaude, merecendo o melhor incentivo a profissionais da Rádio que, como Trindade Guedes e Jorge Peixoto, anualmente reúnem em seu redor companheiros de trabalho e vedetas dos estádios, numa confraternização que apenas tem paralelo (entre nós) nos «Troféus Gandula», de Wilson Brasil.

A propósito dos prémios da «Alvo» recordemos que o nosso camarada Neves de Sousa recebe o 4.º galardão consecutivo: duas vezes eleito «o melhor comentador desportivo radiofónico», foi também, em 1982, «o melhor jornalista desportivo português», uma honra que distingue o nosso jornal e que registamos gostosamente.

Bibliografia desportiva

Revista Atletismo

Dirigida por M. Arons de Carvalho, o n.º 22 da «Revista Atletismo» prossegue na divulgação de feitos e factos de uma das mais belas disciplinas desportivas debruçando-se sobre os êxitos extrafronteiras dos nossos mais creditados campeões mas, logicamente, dissecando a «Taça da Europa» e os melhores nomes dos «mundiais» disputados em Helsínquia. Destaque muito especial para artigos de carácter técnico: «O treino de Svetlana Ulmasova recordista mundial de 3000 «metros». «A formação do jovem lançador» e «Diário do treino» (pelo dr. Renato Graça). Ainda na «Revista Atletismo»: cartaz das provas que vão ter lugar e muitos conse-

lhos úteis aos jovens praticantes.

Jornal de Tróia

Com responsabilidade autoral do jornalista Mário Miranda, o «Jornal de Tróia» prossegue não apenas funcionando como tribuna defensora das populações e dos interesses sociais e económicos da zona litoral que vai da margem sul do Tejo até Sines e da grande região alentejana que tem o núcleo dinamizador em Tróia, mas, muito especialmente, divulgando todas as iniciativas que incluem práticas desportivas, com especial realce para o recente Torneio Internacional de Futebol Juvenil, uma obra do Grupo Desportivo da Torralta que redundou em êxito para o nosso futebol.

Colectividades

Sp. Espinho: eleição

Os novos corpos gerentes do Sporting de Espinho serão eleitos na noite do próximo dia 4 de Outubro, a única lista, a sancionar, tem Américo Padrão indigitado para a presidência da direcção, Lito Gomes Almeida como presidente da assembleia geral e Carlos Padrão no conselho fiscal. Fernando Costa regressa à chefia do Departamento de Futebol, em substituição de José Mendes.

Clube Recreativo
do Bairro Janeiro

O Clube Recreativo do Bairro Janeiro abre inscrições para as seguintes modalidades: judo, ginástica (de manutenção, rítmica e pré-desportiva infantil), andebol, esgrima e ténis de mesa. Inscrições às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs (das 21 e 30 às 23 e 30) na Praça D. João I, 10-C (telefone 93 60 24), 2700 Amadora.

Bilhar: prestígio para Portugal

Henrique Verol Marques, presidente da Federação Portuguesa de Bilhar, foi eleito presidente-adjunto da União Mundial de Bilhar (para um mandato de quatro anos), vice-presidente honorário da Confederação Europeia e recebeu ainda a garantia de que a assembleia da CEB de 1985 terá lugar em Lisboa.



Bonita foi a passagem de modelos desportivos que a «Sportima» (Silva Pereira e José Augusto, Ld.), a «Diadora» e a «Spalding» apresentaram no Hotel Tivoli, com modelos que seguiram coreografia de Rui Marques. Moda desportiva e vestuário para desporto foram vedetas durante duas horas de ameno convívio com a imprensa

Futebol: a pior equipa
do mundo

O título de «pior equipa de futebol do mundo» deve ser o menos desejado mas, apesar disso, o Ibis Sport Clube do Recife não consegue deixar de ser o seu detentor. A equipa Brasileira, que desde 1979 perdeu 63 dos 70 jogos que efectuou, empatando seis e ganhando apenas um, vê-se agora na contingência de ter que viajar com esse infeliz título já que foi convidada para jogar nos Estados Unidos.

Na passada semana o Ibis perdeu, por 0-12, frente ao Central, prevendo-se para hoje nova goleada na partida com o poderoso Sport Recife. Estes resultados (nada animadores) e o título de «pior equipa do mundo» que lhe está subjacente, não impediram o empresário Paulo Alves de oferecer ao Ibis a soma de 30 mil dólares (cerca de 4 milhões de escudos) para efectuar três jogos nos Estados Unidos no princípio de 1984, com a condição de a equipa se apresentar como detentora daquele título.

Resta acrescentar que Paulo Alves é conhecido como «caçador de espectáculos estranhos», e por isso, a sua aposta na equipa do Ibis que, além de obter péssimos resultados, parece ter uma falta de sorte fantástica: não tem massagista, nem médico, nem campo próprio, nem sequer um autocarro para a transportar. A última vez que viajou num autocarro, fê-lo no do seu único conhecido associado fanático: o resultado da viagem não foi brilhante pois a meio do caminho o veículo perdeu as quatro rodas...

manda o campeonato italiano de futebol após a 3.ª jornada. Resultados da ronda: Avellino - Udinese, 2-1; Catania - Sampdoria, 1-1; Fiorentina - Ascoli, 2-1; Génova - Lazio, 0-0; Inter - Torino, 0-0; Juventus - Nápoles, 2-1; Roma - Milão, 2-0; Verona - Pisa, 2-0. Classificação: 1.º Roma, 6 pontos; 2.º Juventus, 5; 3.º Udinese, Torino, Fiorentina, Avellino e Verona, 4.º Lazio e Sampdoria, 3; 10.º Milão, Ascoli, Catania e Génova, 2; 14.º Pisa, Nápoles e Inter, 1.

São Paulo

Desfecho da 9.ª jornada da 2.ª volta do campeonato paulista: Palmeiras - Corinthians, 1/1; Ferroviários - Santos, 3/0; São Bento - Santo André, 0/0; Taubate - Taquaritinga, 0/1; Botafogo - XV de Jaú, 0/0; São José - América, 3/1; Marília - Internacional, 0/0; Ponte Preta - Juventus, 1/1. Por causa da chuva não foram disputados os encontros São Paulo - Comercial e Portuguesa de Desportos - Guarani. Classificação geral no grupo «A»: 1.º Juventus, 26 pontos; 2.º Santos e Marília, 25 pontos; 4.º Ponte Preta, 24 pontos; 5.º São José, 19 pontos. Grupo «B»: 1.º Corinthians, 37 pontos; 2.º Taquaritinga, 27 pontos; 3.º São Bento, 26 pontos; 4.º Botafogo e Ferroviária, 23 pontos. Grupo «C»: 1.º São Paulo, 37 pontos; 2.º Portuguesa de Desportos, 30 pontos; 3.º XV de Jaú, 26 pontos; 4.º Internacional, 25 pontos; 5.º Taubate, 20 pontos; Grupo «D»: 1.º Palmeiras, 36 pontos; 2.º Santo André, 34 pontos; 3.º Comercial, 27 pontos; 4.º América e Guarani, 23 pontos.

Taça América

O Chile não disputará as meias-finais da «Taça América» embora tenha conseguido um nulo (0-0) na Venezuela. Os chilenos para se qualificarem para as meias finais, tinham de ganhar à Venezuela, como tal não aconteceu, será o Uruguai a estar presente. Classificação final: 1. Uruguai, 6 pontos; 2. Chile, 5; 3. Venezuela 1.

Bayern, 12 pontos; 2.º Bayer Uerdingen, 11; 4.º Borussia Mönchengladbach e Estugarda, 10; 6.º Werder Bremen, 9; 7.º Fortuna, Bayer Leverkusen e Arminia, 8; 10.º Colónia, Bochum e Waldhof Mannheim, 7; 13.º Kaiserslautern, Nuremberga, Eintracht Braunschweig, Kickers Offenbach e Borussia Dortmund, 6; 18.º Eintracht Frankfurt, 5.

Holanda

O Ajax de Amsterdão mantém o comando do campeonato de futebol holandês, apesar do seu empate em Haarlem (3-3), na 8.ª jornada. Outros resultados: Utrecht - DS-79, 3-1; Willem II - Sparta, 1-2; Pec Zwolle - Excelsior, 2-0; Volendam - Roda, 1-1; Helmond - PSV, 1-5; Fortuna - AZ-67, 0-0; Feyenoord - Go Ahead Eagles, 2-0 e Den Bosch - Groninga, 0-0. Classificação: Ajax, 14 pontos; Feyenoord, 13; Roda e PSV, 12; Sparta, 11; Go Ahead Eagles e Utrecht, 10; Groninga, Haarlem e Pec, 8; Willem II, 7; AZ-67 e Fortuna, 6; Den Bosch, 5; Volendam, 4; Excelsior e DS-79, 3; Helmond, 2.

Itália

O Roma, onde alinham os brasileiros Falcão e Cerezo, co-

Campeonato espanhol

Resultados da 4.ª jornada do campeonato espanhol: Valência - Bétis, 3-1; Real Sociedad - Real Madrid, 1-3; Barcelona - Atlético de Bilbao, 4-0; Atlético de Madrid - Maiorca, 3-0; Sevilha - Osasuna, 3-0; Salamanca - Múrcia, 2-2; Cadiz - Valladolid, 5-1; Málaga - Espanhol, 2-1; Saragoça - Gijón, 4-1; Classificação actual: 1.º Atlético de Madrid, 8 pontos; 2.º Valência, 7; 3.º Barcelona e Múrcia, 6; 5.º Málaga, 5; 6.º Sevilha, Saragoça, Bétis, Atlético de Bilbao (um jogo a menos) e Real Madrid, 4; 11.º Valladolid, Salamanca e Gijón, 3; 14.º Cadiz, Real Sociedad, Espanhol e Maiorca, 2; 18.º Osasuna, 1.

RFA

Resultados da 8.ª jornada do campeonato alemão-federal: Kickers Offenbach - Kaiserslautern, 3-2; Werder Bremen - Hamburgo, 0-0; Fortuna Düsseldorf - Borussia Dortmund, 7-0; Eintracht Braunschweig - Eintracht Frankfurt, 4-3; Arminia Bielefeld - Bayer Uerdingen, 3-1; Bayer Leverkusen - Estugarda, 1-1; Borussia Mönchengladbach - Colónia, 4-2; Bochum - Bayern Munique, 3-1; Waldhof Mannheim - Nuremberga, 1-0. Classificação actual: 1.º Hamburgo e

19

A ilha dos cães

Desenho Florenci Clavé

Texto Guy Vidal



Continua

Erupção do vulcão Chichonal está a modificar o clima do mundo

A gigantesca nuvem de fumo e cinzas lançadas pelo «Chichonal», um vulcão mexicano que entrou em erupção em Abril do ano passado, no Sul do país, está a alterar o clima do México e também a nível Mundial, segundo antecedentes recolhidos por cientistas locais.

A dramática conclusão figura num estudo conjunto elaborado por especialistas do Serviço Meteorológico Nacional e do Instituto de Geofísica da Universidade Nacional Autónoma do México, cujas hipóteses coincidem com as de cientistas norte-americanos, europeus e latino-americanos.

Uma síntese dessas investigações, a que a IPS teve acesso, foram dadas a conhecer oficialmente numa reunião internacional de meteorologistas e vulcanólogos, efectuada recentemente em Hamburgo, na Alemanha Federal.

As inusitadas temperaturas e quedas de neve que se registaram em fins do ano passado nas montanhas dos estados fronteiriços do Norte do México, tradicionalmente quentes, inclusive em zonas onde predomina um clima quente tropical, são atribuídas aqui à erupção do «Chichonal».

As águas inopinadamente revoltas nas costas do Brasil, Peru, Argentina e parte do Chile e as temperaturas excepcionalmente frias nos Estados Unidos, Canadá, Finlândia e União Soviética são também relacionadas com o mesmo fenómeno, segundo os cientistas desses países.

O «Chichonal», vulcão conhecido entre os indígenas do sul do México como «piowa-we» (a velha que arde), entrou em erupção em Julho do ano passado.

As suas emanções de lava, fumo e cinza causaram várias centenas de mortos, desaparecidos e milhares de afectados, e devastaram uma superfície estimada em 150 mil hectares nos estados de Chiapas e Tabasco, no Sudeste do país.

A nuvem vulcânica, que virtualmente obscureceu a luz solar durante vários dias, subiu a uma altitude de 20 a 30 quilómetros, altitude jamais alcançada por uma nuvem vulcânica, nos últimos 70 anos, segundo a Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA) dos Estados Unidos.

O meteorólogo mexicano Sérgio Serran Castelan é de opinião que o pó e o fumo da atmosfera pelo «chichonal» se concentraram nas camadas altas da atmosfera, formando ali uma espécie de receptor que começou a reter a radiação solar.

Na sua deslocação para outras latitudes, de acordo com estes estudos, a nuvem vulcânica desequilibrou o conteúdo de ozono da atmosfera, gás considerado vital para a vida humana.

Como é sabido, o ozono actua na atmosfera superior como uma camada de segurança da Terra, evitando a passagem excessiva dos pe-

rigosos raios ultravioletas emitidos pelas radiações solares.

Este excesso de raios ultravioletas pode destruir os microrganismos e as células de plantas e animais, ameaçando também danificar a composição das células genéticas, segundo o programa das Nações Unidas para o meio ambiente (PNUMA).

Pelo contrário, um aumento de ozono na troposfera, isto é, ao nível do solo, pode causar danos de monta nas colheitas agrícolas.

Os especialistas mexicanos Serra Castelán, Javier Oraola e Ignacio Galindo concordam em assinalar que existe uma estreita ligação entre a nuvem do «Chichonal» e as alterações visíveis nas temperaturas registadas no México, onde desde há um século não são tão violentas.

Admite-se, no entanto, que os estudos sobre os efeitos deste fenómeno se tenham tornado algo confusos em virtude da presença nas costas do México, em meados do ano passado, da corrente oceânica baptizada pelos cientistas como «El Nino».

Este fluxo de água morna, que costuma aparecer em frente do Peru e Equador e se desloca rumo ao Norte, produz chuvas pouco habituais em zonas costeiras e origina danos desastrosos na fauna marinha.

As dúvidas que cientistas mexicanos mantinham em relação aos efeitos climáticos da erupção do «Chichonal» foram dissipadas ao que parece pelos relatórios dos especialistas estrangeiros, para os quais este impacto é indubitável e será ainda mais notório nos próximos dois a três anos.

Bion Toom, especialista da NASA, informou os seus homólogos mexicanos que não restam dúvidas de que esse fenómeno vulcânico é a causa das temperaturas extremamente frias que se registaram no ano passado, em grande parte dos Estados Unidos.

O serviço meteorológico da Finlândia atribuiu à mesma causa o facto de as temperaturas de Inverno no país terem sido 5 graus mais elevadas do que habitualmente, o que fez com que o Inverno do ano passado fosse o mais quente dos últimos 50 anos.

Uma informação semelhante foi enviada ao México pelo Instituto de Ciências da União Soviética.

Por seu turno, o Observatório Nacional do Rio de Janeiro chegou à conclusão de que as chuvas torrenciais que este ano caíram no Brasil — as mais intensas dos últimos anos — são atribuídas à erupção do vulcão mexicano.

O especialista, Murray Mitchell, da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica de Washington, afirmou num documento que a radiação solar directa que chega à Terra diminuiu desde Outubro do ano passado entre 15 e 20 por cento e que a nuvem vulcânica gerada pelo «Chichonal» esfriaria a atmosfera do mundo durante os próximos 20 anos.

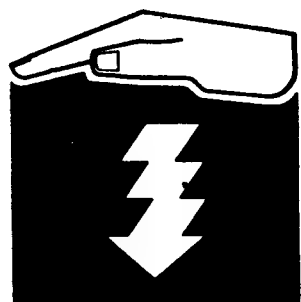
As palavras perdulárias

Continuação da pág. 2

— Uma tragédia, meus senhores. Uma tragédia. Isto é obra dos comunistas. Mas o Estado não se atemoriza e tudo fará para devolver o rio à sua imagem. Sem essa barcota subversiva que a maioria enjeita.

— Anda cá, vê se consegues.

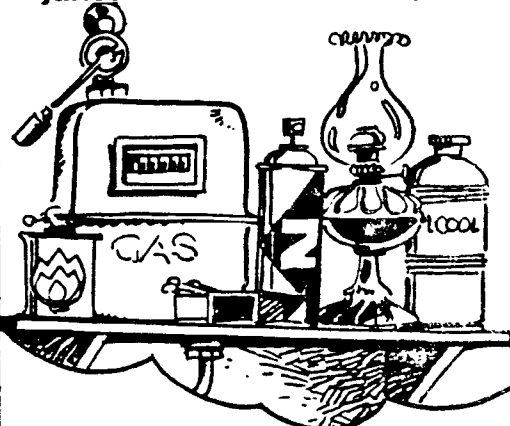
A prevaricadora nau desafiava. Lá se observava, sobre o espelho levemente ondulado, provocando agonias em certos habitantes do Cais. A noite ia alta. Um fiozinho de lua adelgava as sombras. Lisboa, soberba, esplêndida, ao perto e ao longe, num rumor de claridades.



POUPE ELECTRICIDADE

Direcção Geral de Energia
Campanha de poupança de energia

Não coloque produtos inflamáveis ou de acção corrosiva junto do contador. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS



Igor Sampaio, Fernanda Borsatti e Vitor Ribeiro num ensaio do «Auto de Santo António»

Autos quinhentistas no Nacional

António Anjos, António Sarmiento, Lourdes Norberto, Carlos Pimenta, Alberto Vilar, Igor Sampaio, Lúcia Maria, Paula Mora, Victor Ribeiro, António Banha, Fernanda Borsatti, Nuno Franco, Maria Amélia Matta, Fernanda Alves, Irene Isidro, Carlos Duarte e Barroso Lopes são os actores que, sucessivamente, farão a sua aparição em cena, no «Auto de Santo António» de Afonso Alvares e no «Auto de Vicente Anes Joeira» de autoria anónima, com que o Teatro Nacional de D. Maria II vai abrir brevemente a presente temporada teatral.

Carlos Guerreiro, Nuno Torka e Tentúgal são os políinstrumentos.

boa.

Os figurinos, da autoria de Moura Pinheiro, enquadrados no cenário concebido por Fernando Filipe, servem como o restante, a leitura actualizada desta obra quinhentista que contou com dramaturgia e encenação de Castro Guedes.

Do primeiro auto, de temática religiosa, desprende-se o confronto entre duas concepções da mesma confissão, sublinhadas pela alegria da eterna luta entre o Bem e o Mal.

A partir da narração de um episódio (milagre) da vida de Santo António, põem-se em confronto uma religiosidade assente no valor da sua própria sinalética,

pode reter como caracteres do século XVI, mas também como ancestrais das «personagens» actuais do nosso Mundo.

Todos movidos pelo dinheiro e pelos interesses carniais do sexo num corropio, enganam-se, encontram-se e desencontram-se. Eles são uma falsa ingénua grávida, «um ratinho» sabido, uma mãe-general, uma comadre coscuvilhadeira, um pai dorminhoco, dois intelectuais de café, um médico exótico, um criado hipócrita...

A representação assumida como tal propõe ao espectador um jogo teatral permanente em que ele, não se alienando da sua consciência de espectador, pode «a posteriori» reencontrar-se com a emoção através das lágrimas e do riso...

Um espectáculo polifacetado para públicos diferentes... Polémico possivelmente, mas sem dúvida mais uma inovação na Casa de Garret, na sequência da política de reportório e artístico que a direcção decidiu encetar assumindo-se este espectáculo como uma ponte de temática religiosa à profana, do «sério» ao «cómico», do histórico ao contemporâneo.

Duas peças de Samuel Beckett

Entretanto, prosseguem os ensaios do espectáculo com que o Teatro Nacional de D. Maria II, em co-produção com a Companhia de Teatro de Lisboa, quer prestar homenagem a Samuel Beckett, o precursor das maiores alterações formais do teatro moderno. Com efeito, é intenção dos responsáveis por esta apresentação de duas significativas peças do Beckett, «Not I» e «Play» (no título original) dar a conhecer ao público português estas obras que contêm o que há de essencial na dramaturgia do grande escritor, e criar um acontecimento cultural em torno do autor de renome mundial.

A encenação das referidas peças que está a cargo de Carlos Quevedo, conta com o trabalho de Eunice Munõz, Jacinto Ramos e Graça Lobo. Serão convidados a vir a Lisboa entidades estrangeiras para darem o seu testemunho sobre Beckett o seu significado na cultura e na evolução dos valores dramáticos.

em que o formal e o convencional contam mais que a convicção e uma outra maneira de crer, amando a vida e nela reencontrando os valores íntimos de um cristianismo de raiz.

No segundo auto, uma farsa profana, um jogo de acontecimentos sucessivos e de enredos paralelos à intriga central, desfilam figuras típicas psicológicas e socialmente que o espectador



Maria Amélia Matta e António Anjos num ensaio do «Auto de Vicente Anes Joeira»

tistas que ao longo das quase duas horas de representação executarão as partituras de José Prata, ao vivo, num conjunto de cerca de sessenta instrumentos musicais diferentes entre bombos, ocarinas, gaitas de foles, chifres, denónios da floresta, sinetas e alaúde, de onde se destaca ainda uma sanfona portuguesa, cópia única da existente no Museu de Etnologia de Lis-

Filme franco-alemão rodado no Alentejo

O filme «Quartéis de Inverno», uma co-produção franco-alemã, começou a ser rodado em Cuba, distrito de Beja, onde as filmagens se prolongarão até finais de Novembro.

Baseado no romance homónimo do escritor argentino Os-

valdo Soriano, o filme — dirigido pelo realizador alemão federal Peter Lilienthal — será também rodado em Beja e Reguengos de Monsaraz (Evora).

A acção de «Quartéis de Inverno» desenrola-se numa imaginária cidade da pampa argentina, figurando as localidades

alentejanas onde o filme é rodado como cenário alternativo à realização da película.

Falado em espanhol, o filme conta com a participação de actores argentinos, espanhóis, franceses, alemães e portugueses.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Os Aventureiros do Fim do Mundo” de Brian G. Hutton

Não bastam os meios técnicos e financeiros para fazer cinema. Esta verdade, digna do senhor de La Palisse, é mais óbvia quando se assiste a um filme como *Os aventureiros do fim do mundo*.

É claro que este título (bem diferente do original, *High Road to China*) joga numa imediata conotação com o do imparável filme de Spielberg. E, se se souber que Tom Selleck (o protagonista) foi o primeiro actor a quem George Lucas e Steven Spielberg quiseram entregar o personagem de Ludiana Jones, vê-se bem o objectivo de Brian G. Hutton (o realizador) e da casa de produção (a Golden Harvest que, entre outras produções, é responsável por grande parte do cinema de Hong-Kong — daí o nome de Raymond Chaw como produtor executivo).

Traços objectivos é bem fácil, cumpri-los é menos. E as nossas ilusões (aliás alimentadas pelo sucesso que o filme está a fazer no mercado americano) cedo se desvanecem. Nem ritmo, nem picardia, nem espectacularidade, nem divertimento: *Os aventureiros do fim do mundo* é o desenvolver penoso de um argumento frouxo, fotografado de uma forma deslavada, interpretado por actores sem um mínimo de chama (é caso para dizer que nem a rapariga é vistosa nem o macho é sedutor, o que numa ficção deste tipo seria já um primeiro passo), musicado debilmente por um tema ronco. A gente não percebe bem nem os motivos nem o desfecho e o filme não tem asas para voar num espaço aventureiro de puro imaginário (nos *Salteadores*..., por exemplo, toda a gente manda às malvas as verosimilhanças porque o gozo que o



Tom Selleck, o protagonista de «Os Aventureiros do Fim do Mundo»

filme dá chega para se justificar).

O começo de temporada continua a trilhar, maioritariamente, os caminhos da desilusão.

FICHA:

Título original: High Road to China

Realização: Brian G. Hutton (USA-1983)

Argumento: Sandra Weintraub Roland e S. Lee Pogostin, segundo livro de Jon Cleary.

Fotografia: Ronnie Taylor e Peter Allwork (sequências aéreas)

Cenários: Robert Laing.

Música: John Barry

Montagem: John Jympson.

Interpretação: Tom Selleck (O'Malley), Bess Armstrong (Eve), Jack Weston (Struts), Wilford Brimley (Bradley Tozer), Robert Morley (Bentik), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo

Cinemas: Alfa 1, Borna e Mundial

Classificação: Para todos.

Festival de Cinema de San Sebastian

tal belga.

Para a crítica, o 31.º Festival de San Sebastian caracterizou-se por uma grande mediocridade, em especial no que toca à

selecção oficial. Apenas os filmes apresentados na secção «Novos Realizadores» apresentaram algum interesse, consideraram muitos dos especialistas.

Morreu Xavier Zubiri

O filósofo espanhol Xavier Zubiri, geralmente considerado como um dos maiores pensadores da Espanha contemporânea, morreu, 4.ª feira à noite, em consequência de um cancro, numa clínica de Madrid.

O filósofo, de 84 anos de idade, tinha sido submetido recentemente a uma intervenção cirúrgica. Sucumbiu a uma hemorragia intestinal.

Nascido em 1898 em San Sebastian (País Basco espanhol), Xavier Zubiri estudou filosofia em Madrid, Lovaina e Friburgo e também era doutor em teologia. Ordenado padre, renunciou ao

sacerdócio, por autorização de Pio XII, de quem era amigo pessoal, para casar com a escritora Carmen Castro, filha do historiador espanhol Américo Castro.

Discípulo de Husserl e Heidegger, contribuiu para introduzir a fenomenologia em Espanha, nomeadamente com a sua tese de doutoramento «Ensaio para uma Teoria Fenomenológica do Juízo» (1921).

Entre as suas obras mais conhecidas, contam-se «Natureza, História, Deus» (44), «Sobre a Essência» (62) e «Cinco Lições de Filosofia» (63).

“Quem me acaba o resto?”: uma revista lançada no Tejo

De modo inédito, os produtores teatrais Ausenda Bastos e Hélder Costa vão apresentar amanhã, das 17 às 19 horas, a companhia que, no Teatro Maria Vitória, se prepara para interpretar a revista «Quem me Acaba o Resto?».

A festa vai acontecer durante um passeio pelo Tejo, a bordo do «Porto Brandão», que das 16 e 45 em diante será cenário para os artistas da mais popular sala de espectáculos do Parque Mayer se reunirem com os órgãos de Comunicação Social.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Zeca Afonso: a capa abril-se em flores

A RTP não chegou a acordo com os clubes de futebol. Ribeiro Cristóvão louva a «firmeza» da Direcção lá da casa. Da sua Direcção o louvor, por escusado, cheira mal. Cheira a subversão. À respectiva escala, faz lembrar o ambiente de «Sim, Senhor Ministro».

A verdade é que, sem os três minutos das transmissões dos desafios principais, **Girabola** possui tanto álcool como um chá de tilia. Sem isso, entretém-se a passar o tempo com entrevistas enfadonhas, com literatura, com palha, com futebol de terceira ordem o que, na prática, redundam em prejuízo de propaganda do futebol.

Volto a dar meu conselho de esperto aos clubes, na esperança de que venham a considerar-me sócio honorário: evitem conflitos com a TV.

É certo que esta precisa urgentemente do futebol para aguentar um mínimo de base de apoio, naquele tipo de audiência mais refratária: os homens. Hoje, isto consegue-se, não direi apenas, mas essencialmente, com o futebol. Repare-se na publicidade de ontem, à hora do futebolismo: 75 por cento era dirigida aos homens: cerveja, perfume e camiões...

É certo. Mas não estejam muito a corda. Os resumos não lhes trazem prejuízos e à Televisão fazem jeito. Se a Televisão começa a tirar desforço pode originar-se uma situação explo-

siva, incontrolável.

Um acto de pirataria

No fim do mundo onde estive ouvi falar de uma bronca na Televisão por causa de um «pato com laranja». Se é o pato que eu, há anos, comi, acho que não haverá tanta razão como isso para tão grande escândalo. Mas está bem, até reconheço que a memória, despolida por tanta Televisão, me possa traí-lo.

De uma coisa eu tenho a certeza: poucas produções haverá tão imorais a todos os níveis como uma que dá pelo nome de «O Pirata». Pois a RTP, não contente por dá-la uma vez, vai repeti-la!!! Ó Andrade, em vez de um inquérito, não será melhor mandar fazer dois?

Caricatos, estes mecos. Vejam lá o «Dallas». As cenas mais violentas, mais agressivas, mais sujas, esteve a RTP a dá-las e só ao fim de dois anos descobriu que aquilo era para maiores, mas muito maiores.

De forma que isto de pato apenas quer dizer que alguma coisa não vai bem no galinheiro. Isto, meus caros, quando se trata de disputar os poleiros...

Os descalços e os percalços

A língua portuguesa continua a sofrer tratos de polé. Bem se

protesta, mas ninguém acode. A RTP tem outros fogos mais urgentes. A presença de Mário Soares na Madeira, a TV a dar-lhe cobertura, as palavras balofas de circunstância, vazias de qualquer sentido. Ou a presença de Mota Pinto em Viseu, e se o Telejornal não deu a reportagem foi somente porque a viatura que a trazia teve um acidente, felizmente sem consequências graves.

Quanto à reportagem, Mota Pinto não se comece a enervar já: ela irá hoje, de certeza.

Com tais coisas importantes se incomoda a RTP. Mas a língua portuguesa, pfffl, pode esperar. Quanto aos **séniiores e júniiores**, nada a fazer. O melhor que os senhores gramáticos têm a fazer é legalizar a situação. Não era a primeira que se legalizava, depois do 25 de Abril. Além de que, nós sabemos que é errado dizer-se **miopo, aeródromo, velódromo**, etc. Mas o acento grave já não pega. As coisas são o que são.

Mas que um locutor nos venha dizer **bórdo** e que uma locutora nos venha dizer **vêto**, só para dar dois exemplos, calma aí. Isto desorienta mesmo.

Por vezes não é erro: é gralha. Não podem impedir-se, mas podem emendar-se. Paula Magalhães sofre, em grau elevado, do fenómeno comum a todos os locutores de ler sem reparar no sentido do que lê. O meu querido compadre Amadeu contava-me

casos semelhantes na profissão dos tipógrafos.

Mas se a Paula diz, na notícia do Tollan, que as operações têm decorrido sem **precauções**, a coisa é grave e exige desmentido, pois é susceptível de criar danos morais. Não quereria ela dizer **percalços**?...

Tempo de Coimbra Coimbra doutro tempo

«Tempo de Coimbra» tem vindo, ao longo de várias semanas, a fazer a história do folclore estudantil coimbrão. É o trabalho em maior profundidade certamente até hoje realizado na Televisão. O seu valor documental e cultural exige que a RTP o preserve dos muitos acidentes que, ao longo dos anos, têm vitimado outros programas valiosos.

Creio que **Tempo de Coimbra** não teve a popularidade que merecia. Houve um excessivo formalismo, respirou-se um ambiente carregado de elitismo, de compostura, de senhordotismo que segregou a rubrica, que destruiu pontes para a audiência comum.

Viu-se ontem, na presença de Zeca Afonso, como tudo podia ser diferente. A capa que em flores se abriu, abril-se em flores também.

Ah, Televisão. Televisão, como tu às vezes pareces tão linda...

Hoje



Pelas 20 horas e 30, na RTP-1, poderemos ver mais um episódio da telenovela «Pai Herói»

- 15.35 **Matinée das Três e Meia** — «Um Rei e Quatro Rainhas»
- 16.55 **Mare Nostrum, Patria Nostra**
- 17.20 **«Sítio do Picapau Amarelo»**
- 17.50 **Sumário**
- 18.00 **Tempo de Desporto**
- 18.25 **Curso de Línguas** — Inglês.
- 19.00 **Teleregiões**
- 19.25 **Tempo dos Mais Novos** — «Segredos dos Dedos, presas da Areia».
- 20.00 **Telejornal**
- 20.30 **Telenovela** — «Pai Herói».
- 21.15 **Concurso** — Vamos Caçar Mentiras (6.ª sessão).
- 22.50 **Último Jornal**



Na rubrica **Teatro no Mundo** da RTP-2, poderemos ver esta noite a peça intitulada «Apanhado no Comboio»



- 19.02 **Desenhos Animados**
- 19.30 **TV/2 Notícias**
- 19.45 **Se o Mar Acabasse**
- 20.10 **Computadores**
- 20.35 **Teatro no Mundo** — «Apanhado no Comboio».
- 22.00 **Jornal da Noite**
- 22.20 **«Demissão Adiada»** — 11.º episódio.

Amanhã



- 13.00: **Desenhos Animados**; 13.30: **Jornal da Tarde**; 13.55: **Os Grandes Desertos**; 14.45: **Vasco Granja** — apresenta filmes para todos; 15.05: **RTP/Brasil**; 15.30: **Festival Inatel**; 16.55: «Lucinda Brayford»; 17.50: **Sumário**; 18.00: «Novas Aventuras de Popeye»; 18.20: **Curso de Línguas** — Francês; 19.00: **Teleregiões**; 19.25: **Tempo dos Mais Novos**; 20.00: **Telejornal**; 20.30: **Tempo de Antena** — PSD; 21.30: «Avenida Paulista»; 22.10: **O Tópico**; 23.55: **Último Jornal**.
- 19.00: **Desenhos Animados**; 19.30: **TV/2 Notícias**; 19.45: **Fronteiras da Música**; 20.10: 5.ª **Dimensão**; 20.35: **Cine-Clube/2** — com o filme «A Invasão dos Profanadores»; 22.00: **Jornal da Noite**; 22.20: «**Demissão Adiada**» — último episódio.

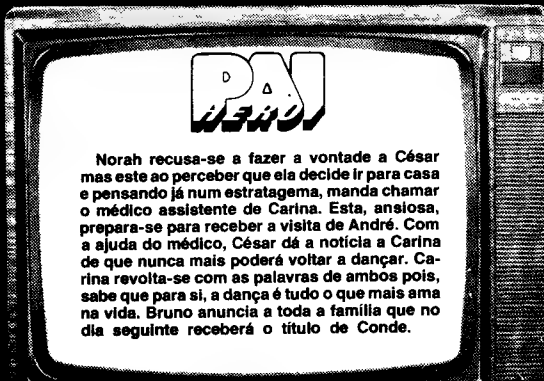
GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Vamos Caçar Mentiras
(21.15)



«Apanhado no Comboio»
(20.35)



Norah recusa-se a fazer a vontade a César mas este ao perceber que ela decide ir para casa e pensando já num estratagemma, manda chamar o médico assistente de Carina. Esta, ansiosa, prepara-se para receber a visita de André. Com a ajuda do médico, César dá a notícia a Carina de que nunca mais poderá voltar a dançar. Carina revolta-se com as palavras de ambos pois, sabe que para si, a dança é tudo o que mais ama na vida. Bruno anuncia a toda a família que no dia seguinte receberá o título de Conde.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

TRIBUNALDE 1.ª
INSTÂNCIA DAS
CONTRIBUIÇÕES E
IMPOSTOS DE LISBOA
— 1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 6 de Outubro de 1983, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Bramcamp — 5-4.º vai à praça o móvel abaixo descrito, penhorado a Companhia Portuguesa de Congelamento S.A.R.L. com sede na R. Quinta do Almagem-5 no processo de execução fis-

cal n.º 1529/83, instaurado por dívida à Caixa de Previdência

BEM PENHORADO

Verba única — Dois compressores automáticos marca Grasso KAX 85 de 1450 RPM com os n.ºs 71045396 e 71045395 em bom estado no valor de 3 000 000\$00. São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes. Lisboa, 19 de Setembro de 1983

O JUIZ DE DIREITO

(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO

(Carlos Manuel Almeida Alveles)

D.L. — 26/9/1983 — 2.ª Publicação



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

Aviso ao Público

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 3 de Outubro de 1983, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de quatro pavilhões iguais, na estação de Lisboa (Cais do Sodré).

A anuidade mínima a oferecer é de 250 000\$00 por cada um e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 42 000\$00 por cada pavilhão e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- LISBOA (Cais do Sodré)
- Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação de um pavilhão n.º..... na estação de Lisboa (Cais do Sodré).»

O Chefe do Serviço de Relações Públicas
Dr. Américo Ramalho



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

CONCURSO PÚBLICO

Agências Aduaneiras

Constitui objecto do presente concurso a exploração dos serviços das agências aduaneiras da CP — Caminhos de Ferro Portugueses, EP situadas em Valença do Minho, Barca d'Alva, Vilar Formoso, Marvão-Beirã, Elvas, Lisboa e Porto.

As propostas poderão referir-se somente a uma agência aduaneira, grupo de agências aduaneiras ou totalidade e deverão ser entregues até às 17 horas do dia 8 de Outubro de 1983, no Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa, directamente pelos concorrentes ou seus representantes, mediante recibo passado pela CP, ou serão enviadas em carta registada com aviso de recepção, para a morada abaixo indicada, de modo a serem recebidas até ao dia e hora acima referidos.

A abertura das propostas será efectuada no dia 12 de Outubro de 1983.

As propostas serão redigidas em português e encerradas em sobrescrito fechado com os seguintes dizeres:

«Proposta para a exploração da Agência Aduaneira em (ou Agências Aduaneiras) dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP». Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP.

Apartado n.º 2733
1118 LISBOA CODEX

Para a obtenção do «programa do concurso» e «contrato tipo» os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Estudos Comerciais — Departamento Comercial — Estação de Santa Apolónia — 1.º Andar — Porta 7 — 1196 LISBOA CODEX.



roteiro cultural

Livros

Amanhã, das 15 às 19 horas, Miguel Barbosa faz uma sessão de autógrafos para lançamento do seu último livro «Esta Louca Profissão de Escritor» na Livraria Ler, Rua Almeida e Sousa, 24-C, Campo de Ourique (junto ao Jardim da Parada).

Bailado

Integrando a Semana de Moçambique que decorre no Casino Estoril, está a apresentar-se no Grande Salão Restaurante a Companhia Nacional de Canto e Dança daquele país, actuando em espectáculos à noite, hoje e amanhã.

Esta delegação cultural moçambicana é constituída por 38 artistas entre bailarinos e músicos, oriundos de diversas regiões do País, formando um painel ilustrativo da riqueza, diversidade e vitalidade da cultura do povo moçambicano.

Os espectáculos compreendem música, dança tradicional e popular, com coreografias e arranjos de artistas nacionais, que contribuíram para a sua valorização e elevação.

Ilustra-se o mundo mágico-religioso na dança «Mapiko», a alegria e o calor corporal na «Marrabenta», a virilidade e força guerreira no «Xigupo», e ainda o vigor, a riqueza ornamental e de movimentos, que constituem o repertório desta embaixada cultural.



Uma das bailarinas da Companhia Nacional de Canto e Dança de Moçambique que actua hoje e amanhã no Casino Estoril

De entre os vários artistas destaca-se a presença de Raul Baza categorizado dançarino; Maria José Sacoar, exímia bailarina já aplaudida em mais de 15 países, na Europa, América Latina e em África; Gina Cumbane, a solista da canção ligeira; Joaquina Siquisse, instrutora e bailarina de primeira fila; Eduardo Durão, um dos mais afamados tocadores de timbila e batuques de Moçambique.

Esta companhia, que foi fundada em 1979, tem a direcção artística de David Abílio Mondlane, encenador e dramaturgo moçambicano.

Exposições

A Natureza vista por Dois Mundos, exposição de fotografias e painéis da autoria de Luísa Mendes Gonçalves e Vasco Melo Gonçalves, está patente ao público diariamente, das 19 às 23 horas, na sede da Biblioteca Operária Oeirense, Rua Cândido dos Reis, 119, em Oeiras.

Lisboa Quinhentista, a imagem e a vida da cidade é o tema de uma exposição patente no Museu da Cidade que nos permite entrever um pouco do que terá sido a fabulosa actividade, vida e criação na Lisboa do século XVI.

A XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura do Conselho da Europa, dedicada a «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento» continua patente ao público até ao fim do mês em cinco núcleos: Convento da Madre de Deus, Casa dos Bicos,

Museu Nacional de Arte Antiga, Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém. Todos os dias, das 10 às 20 horas, excepto às quartas-feiras.

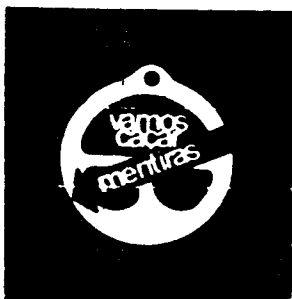
Cinema

Prosseguem as comemorações do 25.º aniversário da Cinemateca Portuguesa, com a exibição hoje, às 18 horas, de «Um Homem às Direitas», realizado em 1944 por Jorge Brum do Canto, às 21.30, passa «A Mulher na Lua», de Fritz Lang (1929), o último filme mudo do grande realizador alemão.

Amanhã, às 18 horas, o cinema soviético está presente através de «O Homem da Câmara de Filmar», de Dziga Vertov (1928). Às 21.30, «Carta de uma Desconhecida» (1948), filme do período americano de Max Ophüls, com Joan Fontaine e Louis Jourdan nos protagonistas.

Teatro

No próximo dia 30, às 21.30, o Maizum estreia nas Belas-Artes a sua última produção, «Gilgamesh», poema épico de origem suméria, com versão cénica de Adolfo Gutkin, textos de Pedro Tâmen, cenografia de Nuno Câmara Pereira, figurinos e adereços de Ana Vieira, música de Carlos Frederico, direcção vocal de Francisco d'Orey e interpretação dos actores Ávila Costa, Carlos Paula, Helena Serrão, José Lopes, Luís Gamito, Paula de Freitas, Carlos Lara e Silvina Pereira Martins.



CONCURSO

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal _____

Lic. TV Nº _____



COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	87\$80	93\$80
ALEMANHA FED (marco)	46\$20	47\$30
ÁUSTRIA (xelim)	6\$50	6\$60
BÉLGICA (franco)	2\$118	2\$318
BRASIL (cruzeiro)	\$050	\$150
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	99\$80	101\$80
(notas de 5 a 1000)	100\$30	102\$30
DINAMARCA (coroa)	12\$85	13\$25
ESPAÑA (peseta)	\$772	\$892
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	123\$15	125\$15
(notas de 5 a 1000)	123\$65	125\$65
FINLÂNDIA (marca)	21\$60	22\$20
FRANÇA (franco)	15\$25	15\$95
HOLANDA (florim)	41\$30	42\$30
INGLATERRA (libra)	185\$00	189\$00
IRLÂNDIA (libra)	145\$25	149\$25
ITALIA (lira)	\$069	\$079
JAPÃO (iene)	\$483	\$518
NORUEGA (coroa)	16\$60	17\$10
SUECIA (coroa)	15\$60	16\$20
SUIÇA (franco)	57\$00	58\$10
VENEZUELA (bolivar)	7\$90	8\$90

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Fofoca - o espaço é seu; 21.00: Toda a noite é pessoa; 21.30: Viva a noite; 22.00: Último jornal. Notícias intercadas às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Bisagra 2

15.55: Quinteto em lá maior, kv. 581, de Mozart; 16.30: Intérpretes portugueses; 17.00: Musicantes; 17.30: Canções de Carl Loewe; 18.05: Cultivando; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.10: Música de câmara; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tudo isto e música também; 22.40: Melodias rústicas portuguesas, em arranjo de Lopes Graça; 00.30: Música; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercadas a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Paju.

NÃO entre na água
após demorada
exposição ao sol

Tiragem média diária do
mês anterior: 42.150 axes.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 844

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Mediocre. Preposição.
- 2 Passada. Letra grega. Vê.
- 3 Escamecer. Acabar.
- 4 O mesmo que ozono. O mais.
- 5 Desgastam. Figura que simboliza o povo americano.
- 6 Caruma. Ave perneta.
- 7 A mobilidade.
- 8 Sufixo que designa estado. Preposição e artigo (inv). Ri sem ruído.
- 9 Ofereças. Faça doação de. Enal.
- 10 Tragédia de Shakespeare. Montão cónico de feixes de palha (pl).
- 11 Cures. Pedras de moinho.

VERTICAIS:

- 1 Naípe das cartas de jogar. Completos.
- 2 Profere. Corrigenda.
- 3 Guia (fig). Ente.
- 4 Contração da preposição em e o pronome demonstrativo isso. Vê.
- 5 Leiloados.
- 6 Filtre. Estime.
- 7 Sugassem o leite materno.
- 8 Calamidade. Preposição.
- 9 Mistério.
- 10 Prenderam com elos. Esteiros.
- 11 Érbio (s.q). Apelido.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9696

HORIZONTAIS:

- 1 Vila e sede de concelho (Faro). Amargor.
- 2 Espírito do mal. Encolerizar.
- 3 Nota musical. Intimo.
- 4 O mais. Compare. Apelido. Sufixo que designa estado.
- 5 Espécie de nabo. Interjeição de dor.
- 6 Em o. Acreditei. Costume.
- 7 Ródio (s.q). Tudo o que representa um valor pecuniário.
- 8 Pronome pessoal. Circ. do distrito de Moçambique.
- 9 Gavinhas. Cordeiro.
- 10 Pêlos de certos animais. Duna na Suécia.
- 11 Carta de jogar. Vila e sede de concelho do distrito do Funchal.

VERTICAIS:

- 1 Detestar. Pronome pessoal.
- 2 Cinquenta e um em romano. Freguesia do concelho de Caminha.
- 3 Tens. Noro (s.q). Ilha da Guiné francesa, muito perto de Conacri.
- 4 Aguça. Espaço de trinta dias.
- 5 O sono das crianças. Cobalto (s.q). Nota musical.
- 6 Lugar de contenda.
- 7 Pronome demonstrativo. Passada. Interjeição que exprime admiração.
- 8 Versejar. Mau cheiro.
- 9 Anel. Flauta (inv).
- 10 Fútil. Freguesia do concelho de Vinhais.
- 11 Espécie de lenço usado pelos romanos para limpar a boca. Preposição e artigo definido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 843

HORIZONTAIS:

- 1 A VIDA NÃO.
- 2 Eira. Ou. Re.
- 3 Elar. Amimam.
- 4 Ais. Ta.
- 5 Usados. Ecar.
- 6 Mari. Um. Ide.
- 7 Cammona.
- 8 Doarei. Pt.
- 9 Diários.
- 10 Aa. Alboim.
- 11 Asses. Elmo.

VERTICAIS:

- 1 É. UM. DOM.
- 2 Elisa.
- 3 Via. Arcadas.
- 4 Irradianas.
- 5 Da. Io. Rea. É.
- 6 Assumiras.
- 7 Um. Mo. Li.
- 8 Noite. Niobe.
- 9 Macia. Sol.
- 10 Ora. Ad. Im.
- 11 EMPRESTIMO.

Provérbio: A VIDA NÃO É UM DOM, É UM EMPRÉSTIMO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9695

HORIZONTAIS:

- 1 Costa. Ásti.
- 2 Correriam.
- 3 Ur. Miolo. Co.
- 4 Los. Omo. Val.
- 5 Asas. Lida.
- 6 Aias. Rasai.
- 7 Ar. Sopas.
- 8 Rim. Pesar.
- 9 Gó. Nadas. Mi.
- 10 Negai. Uçá.
- 11 Lesma. Sulco.

VERTICAIS:

- 1 Aula. Argel.
- 2 Rosário.
- 3 Oc. Sai. NS.
- 4 Som. Sai. Nem.
- 5 Trio. Paga.
- 6 Aroma. Seda.
- 7 Elo. Rosais.
- 8 Aro. Lapas.
- 9 Visar. Uj.
- 10 Tacadas. MCC.
- 11 Imolai. Pião.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— Para Todos
PARADA DAS ESTRELAS
3.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores de 10 anos
MULHERES E RECRUTAS
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
11.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
— M. 6 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
REBECA
Às 24
CHAMAM-ME DÓLARES

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
3 MULHERES EM FÚRIA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
JOVENS EM APUROS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 18 a.
SOLDADO AZUL
2.ª Semana

2000 210055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
O DESAFIO DAS ÁGUIAS

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
O CONQUISTADOR

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
61.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
— M. 6 a.
LOUCA AVENTURA NA SELVA

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
— N. ac. men. 13 a.
A PROVINCIANA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
— N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
— M. 6 a.
SUPERMAN III
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 a.
VERÃO ASSASSINO
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
O TERROR DO FAR-WEST

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
— N. ac. men. 18 a.
ORAI DO COMANDOS
3.ª Semana

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
— N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.
A VIDA É SEMPRE IGUAL
c/ Júlio Iglesias

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Estreia
O ARCO E A FLECHA
N. ac. men. 13 anos

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
Int. men. 18 anos
O INSPECTOR MARTELADA



UMA CENA DO FILME «AS IRMÃS» REALIZADO POR MARGARETHE VON TROTTA, EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO E QUINTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
LOLA MONTES
Às 23.30
EASY RIDER

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23
SERENATA À CHUVA
Às 23.30
DRÁCULA, O PRÍNCIPE DAS TREVAS

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
— M. 13 a.

LADROES DO TEMPO

SALA 4

Às 14, 16, 18, 20, 21.45 e 23.15
ONDE FICA A GUERRA?
AS IRMÃS
Às 23.30
ESPLendor NA RELVA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
— N. ac. men. 18 a.
PINK FLOYD, THE WALL

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 a.
JOÃO BRONCAS, O ETERNO REPETENTE

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15, 18.15 e 21.30
— M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE
5.ª Semana

SALA 2

Às 21.15
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST
(Versão Indiana)
8.ª Semana

SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI
26.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS
4.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
— M. 18 a.
UMA MULHER DE SONHO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
— M. 16 a.
OS ANOS LOUCOS DE MONTARNASSE
5.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30
SUPERMAN III

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
— M. 6 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 — «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 — «Bad Boys», às 21.15 (16 anos)
ALFA-3 — «Oficial e Cavaleiro», às 21.15 (18 anos)

QUINTETO — «As Irmãs», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL — «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)

CINESTUDIO ACS — «João Broncas, o Eterno Repetente», às 21.15 (6 anos)
APOLLO 70 — «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)

CITY-CINE — «Musica no Coração», às 21.00 (6 anos)
RESTELO — «Grease 2», às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA — «As Fanáticas do Sexo», sessões permanente (13 anos)
CAPITÓLIO — «Sexo Masoquista», às 21 e 23.00 (18 anos)

ROYAL — «A Gente em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «A Rapariga Invenível», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA — «Cine-estúdio» — «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)

ALMADA — «Academia» — «1990 — Os Guerreiros de Bronck», às 21.15 (13 anos)
SETUBAL — «Júpiter» — «Bad Boys», às 21.15 (16 anos)
COSTA DE CAPARICA — «Sicline» — «Tentações Irresistíveis», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — «Casino» — «Os Ladrões do Templo», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — «Impala» — «O Último Combate do Katanga», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS — «Oxford» — «Os Malucos Atacam de Novo», às 21.30 (6 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — «Cine Plaza» — «Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)

AMADORA — Lido — «O Senhor de Ferro», às 21.30 (12 anos)

AMADORA — Cineestúdio — «La Boum 2 — depois da Festa», às 21.30 (12 anos)
CACÉM — Cine Estúdio Flores — «Círculo da Mentira», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA — Cineestúdio — «Assalto à 13.ª Esquadra», às 21.15 (18 anos)

Porto

BEBÉ — «Turno da Noite», às 21.30 (18 anos)

RAJONE — «Mad Max», às 21.30 (13 anos)

BATALHA — «Corpo e Alma», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE — «Aqui Há Gato», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A — «Superman III», às 21.30 (6 nos)

TERÇO — «A Volta cá te Espero», às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA — «Emmanuel, a Antivirgem», às 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO — «Bermudas, Fossa de Tubarões», às 21.30 (18 anos)

SÃO JOÃO — «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

JULIO DINIS — «Homem Supersônico», às 21.30 (13 anos)

COLISEU — «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L — «Na Calada da Noite», às 21.15 (13 anos)

RIVOLI — «A Rapariga de Trieste», às 21.30 (16 anos)

PASSOS MANUEL — «Bad Boys», às 21.30 (16 anos)

PEDRO CEM — «A Vida é uma Festa», às 21.30 (13 anos)

ÁGUIA — «Parada de Estrelas», às 21.30 (6 anos)

Lisboa

Permanente

Alto Santo Amaro — TELES Rua João de Barros, 2 frente (T. 638176); **Alvalade-ZIL** — Av. da Igreja 9 D (T. 891780); **Bairro Alto** — AZEVEDO IR & VEIGA: Rua da Misericórdia 24 (T. 323540); **Benfica-Cemitério** — SIMÕES: Cq. do Tojal 102 A (T. 749649); **Campo Ourique-Prazeres** — OURIQUE: Rua Freitas Gazul 32 B (T. 671667); **Campolide-Sete Rios** — NOVA: Rua de Campolide 297 C (T. 687475); **Estrela** — ESTEFÂNIA: Rua Pascoal de Melo 90 (T. 544438); **Lumiar** — CENTRAL DO LUMIAR: Alm. Linhas Torres 254 B (T. 798063); **Marq. Pombal-Meio Picoas** — CORREIA DE ALMEIDA: Av. Fontes Pereira de Melo 21 B C (T. 547385); **Olival** — MARTA: Rua Cidade Nampula-Ed. Paris L. 534; **Picheleira** — MARLUZ: Cq. da Picheleira 140 C — Rua Prof. Mira Fernandes MAF (T. 880703); **Sapadores** — ZEMA: Rua Gen. Justiniano Padrel 21 A (T. 832580); **Alto de Alagés** — H. AMARAL: Rua X, lote 146; **Odivelas** — MONSERATE: Rua Guilherme Gomes Fernandes 31 A (T. 911139); **Pontinha** — PIMENTEL: Az. Bezouros Lt. R 8 (T. 991328).

Reforço

Ajuda — MENDES GOMES: Cq. da AJUDA 222 (T. 638256); **Alm. Gago Coutinho** — ESTADOS UNIDOS: Av. Est. Unidos América 16 B (T. 885859); **Avenidas Novas** — FIGUEIRAS: Av. Marquês Tomar 20-22 (T. 544995); **Anjos-R. Maria Andrade** — RENAS-

teatros

Lisboa

ABC — «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VAREDADES — «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (12 anos)

CENÇA: Rua Damasceno Monteiro 104 A B (T. 831504); **Encarnação** — ZIRA: P. das Casas Novas Lt. 66 (T. 311216); **Hospital dos Capuchos** — CAPUCHOS: Rua Luciano Cordeiro 2 A (T. 572076); **Janelas Verdes** — S. A. E. SILVA FILHOS: Rua São João da Mata 72-74 (T. 661010); **Mercado do Chile** — ALCALIS: Rua Carvalho Araújo 46 B (T. 841708); **Penha de França** — DIMAR: Rua Conde de Monsaraz 17 B (T. 842533); **Rato** — SOARES: Av. Álvares Cabral 1 (T. 684282); **São Domingos de Benfica** — VITEK: Est. de Benfica 373 B (T. 780548); **Brandão** — BRITO: Rua do Colégio lote 32 B (T. 993351); **Buraca** — VÁZ MARTINS: Rua António Ferro 6 A (T. 970660); **Olival Basto** — NOVA: Rua Aguiar 11 A (T. 910305); **Prior Velho** — MATOS: Tv. Prioras (T. 2519939).

Linha de Sintra

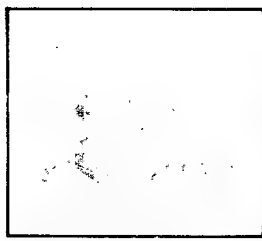
AMADORA — Girassol — R. Elias Garcia, 17-C (tel. 974161), permanente; **AMADORA** — Helénica — R. Elias Garcia, 372 (tel. 933613), até às 22 horas; **DAMAIA** — D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A (tel. 970461), permanente; **QUELUZ** — Correia — L. do Mercado, 3 (tel. 950906), até às 22 horas; **CAMARATE** — Nova da Charneca — Rua Cid. Lisboa, 94 (tel. 2518726), até às 19 horas; **CACÉM** — Araújo e Sá — Est. de Pago de Arcos, lote 1-B (tel. 9240781), permanente; **ALGUEIRÃO** — Rodrigues Rato — R. dos Mórtes, 1 (tel. 9212038), permanente; **MERCES** — Claro Ruoso — R. Abade Faria, 2-A (tel. 9215275), até às 22 horas; **RINCHOA** — Cargaleiro Lourenço — Até às 22 horas; **SINTRA** — Misericórdia — Vila (tel. 9231070), permanente; **COLARES** — Abreja — (Tel. 929088).

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE — Santa Bárbara — R. Francisco M. Beato, 75-A (tel. 25118918), até às 22 horas; **SACAVÉM** — Soares — R. José L. Moraes, 15-A (tel. 2518025), permanente; **LOURES** — Seara — Av. da República, 86 (tel. 2530027), até às 22 horas.

Outra banda

ALMADA — Central — R. de Olivença, 11-B (tel. 2750504), até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE** — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro, 62 (tel. 2750121), permanente; **LARANJEIRO** — Feijó — R. Borges Rego, 7 — Feijó (tel. 2290911), até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA** — Carlos — Av. do Mar, 34-A — Quinta de Santo António (tel. 2401060), até às 19 horas; **SESIMBRA** — Leão — Av. da Liberdade, 13 (tel. 2233471); **BARREIRO** — Pimenta — R. Cons.º Joaq. Ant.º, 259 (tel. 2073012), permanente; **AMORA** — Nova Amorens — E. N. 10, bloco A-loja A — Zaiwas (tel. 2216824), até às 22 horas; **SEIXAL** — Lusitânia — P. Cândido dos Reis, 10-A — Arrentela (tel. 2210007), até às 22 horas; **MONTIJO** — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (tel. 2310370); **MOITA** — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (tel. 239025); **ALHOS VEDROS** — Guemão — R. Cândido dos Reis, 30 (tel. 204020); **ALCOCHETE** — Nunes — L. Coronel Ramo da Costa, 10 (tel. 234137); **SETUBAL** — Moreira Martins — P. Olga Sarmiento, 14, permanente; **SETUBAL** — Normal do Sul — P. do Bocage, 137, até às 22 horas.



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
5.08	3,8 m	10.49	1,1 m
17.26	3,8 m	23.07	1,2 m
DIA 27			
6.41	3,7 m	11.29	1,3 m
18.03	3,6 m	23.49	1,4 m
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS			
VIANA DO CASTELO	13°		
BRAGANÇA	13°		
VILA REAL	14°		
PORTO	15°		
COIMBRA	17°		
CABO CARVOEIRO	18°		
PORTALEGRE	26°		
LISBOA	20°		
ÉVORA	24°		
BEJA	24°		
FARO	28°		
SAGRES	28°		
PONTA DELGADA	18°		
FUNCHAL	20°		

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Os pontos de vista são apenas sugestivos.

últimas

Sé de Angra do Heroísmo destruída por incêndio

Um incêndio de grandes proporções deflagrou ao fim da noite de ontem na Sé Catedral de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, tendo sido dada como perdida pelos bombeiros que continuavam esta madrugada a combater o sinistro.

A altura das chamas dificultou o trabalho dos «soldados da paz», que não conseguiram salvar o recheio do templo, considerado de grande valor artístico, pelas suas talhas, tectos e altares. Uma fonte dos Bombeiros Voluntários de Angra declarou suspeitar-se de fogo posto.

O incêndio declarou-se cerca das 22 horas locais (23 horas tmG) e propagou-se com enorme rapidez ao conjunto do edifício, datado do século XVI.

A Sé de Angra do Heroísmo, que ficou totalmente destruída, estava a sofrer obras de restauro em virtude dos estragos causados pelo terramoto de 1 de Janeiro de 1980.

Edifício construído em cantaria, tinha um frontispício simples, mas elevado, com portas em arcada e duas torres cobertas de azulejo. A igreja foi sagrada pelo bispo D. José Pegado de Azevedo em 1808 e, neste templo, pregou o padre António Vieira.

A Sé redificação aumentada da antiga igreja de S. Salvador, foi, por mando do cardeal D. Henrique, convertida num grandioso templo. A igreja, de três naves, tinha o tecto em cedro e a capela-mor de abóbada, era sustentada por seis colunas jónicas, e dispunha de um órgão oferecido por D. Maria I.

Em 1980, com o terramoto que abalou a região dos Açores, o templo ficou bastante danificado, e nas obras de restauro tinham já sido utilizados cerca de 40 mil contos.

A torre poente do templo ruiu em Julho deste ano e teme-se que a torre nascente venha a ruir agora por dilatação, devido ao calor dos cabos de aço em que está sustentada.

Ao local do sinistro acorreram, para além de centenas de populares, diversos membros do clero e do governo regional.

Os incêndios

Continuação da pág. 1

completa impunidade. Dos negócios que resultam dos incêndios florestais, toda a gente fala. E ninguém entende que o crime se repita, contra as populações, contra a economia nacional, sem que os sucessivos Governos tomem as medidas adequadas, acabem com o negócio dos que lucram com os incêndios nas áreas florestadas.

Esta forma de «terrorismo», não exige um complexo «serviço de informações», está ao alcance da acção dos meios de segurança de que o País dispõe, mas exige do Governo a determinação de extintos os incêndios levar a acção mais longe: extinguir os incendiários.



A incerteza reina entre os habitantes de Hong Kong: a velha colónia britânica sempre passará em 1997 para a soberania de Pequim?

Pequim prepara a opinião pública de Hong Kong

Catorze anos antes da data - 1997 - que fixou para recuperar Hong Kong, a China lançou jornais, sindicatos e grupos sociais pro-pequineses da colónia britânica numa intensa campanha cujo tema essencial é que a transição para o regresso a mãe pátria já está em curso.

Pequim procura contrapor-se a Londres, que acusa de pretender «perpetuar o seu domínio colonial» neste território de 5 300 000 habitantes (com 97 por cento de chineses). Mas nos movimentos de esquerda salienta-se que se trata de um esforço sincero para dissipar a desconfiança dos chineses de Hong Kong, muitos dos quais estão ansiosos perante a ideia de dependerem da grande potência comunista vizinha. «A China tem aqui um problema de imagem, declara um eminente universitário. É fácil ver que vivemos melhor cá do que lá».

A China construiu a sua rede política em Hong Kong em torno do escritório local da agência noticiosa Nova China, e também tem um sólido ponto de apoio na infra-estrutura social. Cerca de 70% dos 346 000 trabalhadores sindicalizados de Hong Kong são membros de 92 sindicatos de esquerda da colónia, agrupados principalmente na Federação of Trade Unions (FTU).

Ironicamente, faz-se notar de fonte sindical que a FTU, que foi a ponta de lança das demonstrações antibritânicas de 1967, estava a perder nenbrs devido à sua falta de militância desde então. A palavra de ordem de Pequim era «não fazer ondas», para não embaraçar o governo britânico. Mas as instruções parecem ter sido modificadas, pelo menos parcial e temporariamente. Vários sindicatos mostram-se agora ardentes defensores dos planos de regresso de Hong Kong à China. Na Federação Pro-Pequim dos trabalhadores do Ensino, e entre os 27 000 membros do Sindicato dos Professores, a influência da esquerda pró-chinesa alastra.

Na frente dos «media», os observadores têm diariamente os olhos fixados nos principais jornais pró-pequineses: «Wen Wei Po»,

«Ta Kung Pao», «Hong Kong Commercial», «Daily News», «New Evening Post» e «Ching Pao». Os cinco diários não ultrapassam, juntos, cerca de 180 000 exemplares por dia, muito menos do que os outros jornais chineses locais. Mas três casas editoriais controlados por Pequim, Joint Publishing Co., Commercial Press e Chung HWS, fornecem a Hong Kong a maioria das publicações em chinês vendidas ali, principalmente obras baratas importadas da China. Quando 3 000 exemplares das «Obras Escolhidas» de Deng Xiaoping apareceram recentemente nas prateleiras da Commercial Press, esgotaram-se em poucas horas. A firma tenta agora abrir a maior livraria da cidade.

Quanto à educação, novas escolas primárias e secundárias «de esquerda» propagam também o pensamento de Pequim, mas actualmente têm pouco mais de 10 000 alunos. «Muitos pais evitam-nas devido ao seu rótulo político e porque se afirma que o nível de ensino de inglês é ali muito baixo», declara um educador. Mas o subdirector de uma delas, a escola Piu Kiu, afirma ao contrário que a época em que se despresava o inglês, no tempo da revolução cultural, está ultrapassada, e que os alunos têm os mesmos programas, e os mesmos livros escolares, que noutros lados. «É evidente que estamos plenamente identificados com a China. Ensinamos a história e a cultura chinesa, mas não fazemos doutrina», assegura ele.

Especialista reconhecidos admitem que o nível de educação geral subiu espectacularmente nos últimos anos nessas escolas de esquerda. «As inscrições de alunos aumentam constantemente», afirma o subdirector da escola Heung To.

A Hong Kong, onde se fala

cantonês, nota-se por toda a parte a popularidade crescente dos cursos de mandarim, a língua comum da mãe-pátria, a dos dirigentes de Pequim.

Nas Universidades, Pequim também não tem falta de simpatizantes, embora a sua adesão seja frequentemente mais condicional.

Segundo sondagens efectuadas em Abril e publicadas pela revista de tendência pró-Pequim «Os Anos 70», 42% apenas dos habitantes de Hong Kong pronunciam-se pela manutenção do «status-quo» britânico na colónia, número em recuo muito nítido relativamente a Junho de 1982, quando 70% se pronunciavam nesse sentido.

Segundo estas mesmas sondagens, a proposta de Pequim de estabelecer um estatuto de autonomia sob a soberania chinesa está a ganhar terreno. Com efeito, 24,3% das pessoas interrogadas eram favoráveis em Abril, contra 5% apenas no mês de Junho de 1982.

Enquanto certos membros das profissões liberais se inquietam com um eventual êxodo de médicos e advogados, se a China recuperar o território, uma outra sondagem realizada em Julho, entre os diplomatas da Universidade, mostrou que 70% estão dispostos a ficar se Hong Kong se tornar, em 1997, um território autónomo ligado à China comunista. «Mas necessitamos de garantias da parte da China e da Grã-Bretanha, de que no fim de contas será possível enraizar-se aqui uma autêntica democracia», disse um membro da União dos Estudantes da Universidade de Hong Kong. «Queremos fazer de Hong Kong a mostra da democracia chinesa», acrescentou.

Gerard Aziajou - AFP/«DL»

Habitantes de Faro sem água ameaçam cortar acessos a aeroporto

Reunida em Assembleia Geral, a população da localidade de Montenegron decidiu sábado lançar um «ultimatum» à Câmara Municipal de Faro, no sentido da edilidade resolver, até quarta-feira próxima as dificuldades de abastecimento de água àquela zona limítrofe da capital algarvia.

Com falta de água há quase três meses, os residentes naquele bairro ameaçam não pagar os recibos camarários e aprovaram na reunião cortar os acessos ao aeroporto de Faro, bem como a conduta que liga o abasteci-

mento de água à ilha de Faro e Bairro do Eucalipto, se não forem tomadas as medidas urgentes que reclamam. Aqueles municípios exigem também a construção de um depósito para armazenamento de água, de forma a garantir sem problemas o abastecimento à localidade onde vivem mais de quatro mil pessoas.

O presidente da Junta de Freguesia da zona prometeu levar ainda hoje o assunto à Assembleia Municipal, na tentativa de uma acção imediata.

Conflito entre vereadores do PSD e CDS agudiza-se em Marco de Canavezes

O vereador demissionário da Câmara Municipal de Marco de Canavezes, Alberto Araújo (PSD), tentou um processo-crime, contra Avelino Ferreira Torres (CDS), presidente cessante daquela autarquia.

Alberto Araújo baseou a sua queixa judicial em «ameaças corporais e injúrias» das quais afirmou poder apresentar testemunhas oculares.

O diferendo entre os dois antigos autarcas de Marco de Canavezes resulta da renúncia dos vereadores do PSD e do PS

(dois de cada partido) que acusam o ex-presidente da edilidade de «ilegalidade na utilização dos dinheiros públicos», o que fez «cair» o executivo camarário por falta de «quorum», visto aqueles partidos não terem substituído os seus representantes. Registe-se que Avelino Ferreira Torres, em conferência de imprensa, efectuada no Porto, no passado dia 20, anunciou que, nesse mesmo dia, tinha apresentado queixa cível contra Alberto Araújo, fundamentada em «ameaças telefónicas».

‘Emmys’ da TV americana: maioria foram para a NBC

A cadeia de Televisão americana NBC esmagou as suas duas rivais, pelo terceiro ano consecutivo, ganhando trinta e três citações na 35.ª atribuição anual dos prémios de excelência «Emmys Awards», que distinguem os melhores programas televisivos americanos, ontem à noite em Los Angeles (Califórnia).

Três séries difundidas pela NBC «Cheers», «St. Elsewhere» e «Hill Street Blues», permitiram nomeadamente a esta cadeia de televisão de ser citada trinta e três vezes, enquanto as cadeias de televisão ABC e CBS obtiveram apenas respectivamente 14

a 11 «Emmys».

A cadeia cultural não-comercial PBS (Public Broadcasting Service) alcançou dois prémios.

Os programas difundidos pelas televisões por cabo não foram tomados em consideração, dado que o regulamento da Academia das Artes da Televisão (Academy of Television Arts and Sciences) estipula que uma televisão deve atingir pelo menos 50% da audiência americana. Actualmente as cadeias de televisão por cabo atingem apenas 40% dos 83,3 milhões de lares americanos.

INGLÊS-FRANCÊS

ALEMÃO

CURSOS EM CLASSES

MANHÃ-TARDE-NOITE
ABERTAS AS INSCRIÇÕES



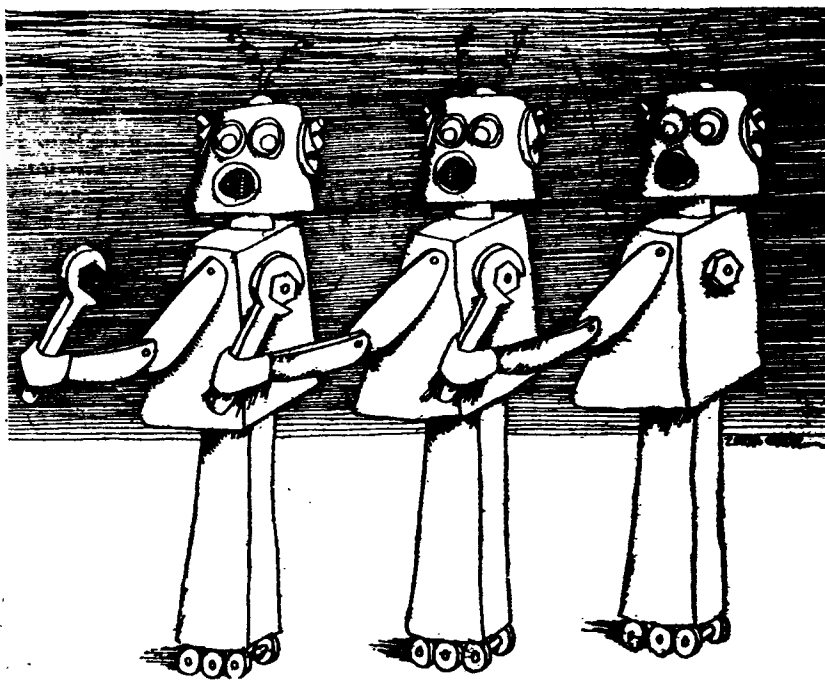
ocial
CENTRO DE LÍNGUAS

Av. República, 14
Tel. 533733

Sete Ponto Sete

Cultura de massas

Pág. 5



Os ritos contemporâneos

Pág. 4



Cinema

Folheando as "Notas sobre o cinematógrafo" de Robert Bresson

Manuel Carvalheiro

O «Diário de Lisboa» publicou a tradução de uma entrevista do «Le Monde» com Robert Bresson falando sobre o seu último filme «L'Argent». Surtiu-me, assim, a ideia de folhear o seu livro «Notes Sur le Cinématographe», que ele publicou na Gallimard, nos anos setenta. O opúsculo tem cento e quarenta páginas que não vou espremer, mas simplesmente invadi-lo um pouco arbitrariamente, isto é, comentando de dez em dez páginas uma citação do autor de «Fugiu um Condenado à Morte» e «Pickpocket». Diz o grande cineasta francês,

magem, o cineasta italiano pedindo aos actores, aos modelos, para empregar a expressão bressoniana, que dissessem «trinta e três» em vez de «amo-te», de forma a que os lábios mexessem e mais tarde na pós-sincronização ele pudesse pôr, inclusive, «Que Diabo!». Mais adiante, na página vinte do mesmo livro, Bresson diz: «De dois falecimentos e de dois nascimentos. O meu filme nasce uma primeira vez na minha cabeça, morre no papel; é ressuscitado pelas pessoas vivas e pelos objectos reais que eu emprego, que morrem na película mas que, colocados numa certa ordem e projectados no écran, reanimam-se como flores na água». Já Antonioni,

Bresson afirma que «O cinema mergulha num fundo comum. O cinematógrafo faz uma viagem de descoberta num planeta desconhecido». Mais adiante, na página quarenta do mesmo livro, ele diz-nos a respeito da rotação, o seguinte: «Ficarmos unicamente pelas impressões e pelas sensações. Nada de intervenção da inteligência que seja estrangeira a essas impressões e sensações». Para voltar, na página cinquenta, outra vez à sua teoria do modelo: «Modelo. Nos seus traços, pensamentos ou sentimentos não expressos materialmente, tornados visíveis pela interacção e interacção de duas ou mais imagens». E, se-

em linha de conta o talento de um ou dos vários actores ou estrelas. O importante é a maneira como te aproximamos dos teus modelos e o que tu consegues obter deles de desconhecido e de virgem». Durante as filmagens de «Little Big Man», Arthur Penn idealizou um processo para não romper a continuidade dramática com a fragmentação dos planos, visto que a intervenção dos actores se ressentiria disso. Assim, para cada sequência dialogada, preferia filmá-la primeiro (na íntegra) em plano geral, depois em plano aproximado (repetindo-a) e, finalmente, em grande plano. E não contente com isso, filmava ainda mais três vezes desde o

resultado está à vista no cinema português. Voltando ao livro de Robert, na página oitenta: «É necessário que os personagens e os objectos do teu filme andem ao mesmo passo, como companheiros». Referindo-se ao perigo de se confundir a utilização de um actor de cinema como se fosse um actor de teatro, ele diz na página noventa: «Um actor utilizado num filme como no tablado, fora de si, não está lá. A sua imagem está vazia». É que, como diz o cineasta de «O Dinheiro» na página cem das «Notes Sur le Cinématographe»: «Para um actor, a câmara é o olho do público».

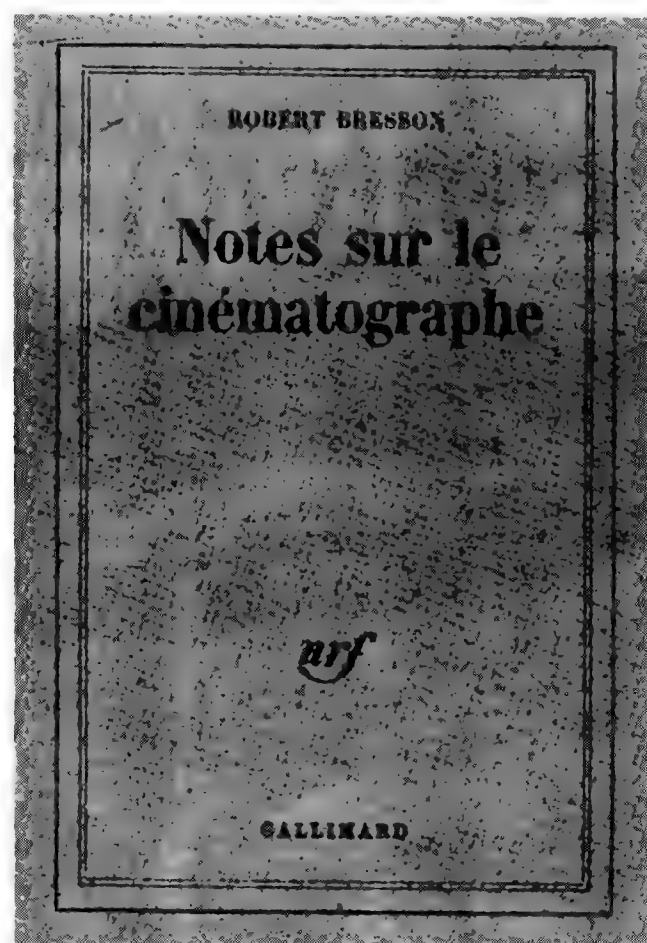
Nestas notas escritas entre 1950 e 1958, há agora esta bem perspicaz na página cento e dez: «A tua câmara não somente apanha movimentos físicos que o lápis, o pincel ou a caneta não conseguem, como também certos estados de alma reconhecíveis por índices não detectáveis sem ela». Para, dez páginas cavalgadas com os dedos, adiante, Bresson recordar: «Lembro-me de um velho filme: «Trinta Segundos em Tóquio». A vida estava suspensa durante trinta admiráveis segundos (os trinta segundos do sobrevoar de Tóquio por um avião de caça americano durante a guerra), onde não se passava nada. Na realidade, passava-se tudo. Cinematógrafo, arte, com imagens, de nada representar». E é na página cento e trinta que o jansénita do cinema francês nos dá esta sentença lapidar: «Um filme muito comprimido não dará à primeira o que tem de melhor. Vê-se primeiro o que se parece com o que já se viu. (Devia-se ter em Paris uma pequenina sala, muito bem equipada, onde não se devia passar mais do que um ou dois filmes por ano)». E agora a última sentença de Robert Bresson, escrita entre 1960 e 1974, também na última página do seu livro: «ADIVINHA, este nome, como não o associar às duas sublimes máquinas de que me sirvo para trabalhar? Câmara e gravador, levem-me longe da inteligência que complica tudo».

La para acabar este artigo, quando não resisti à tentação de o prolongar um pouco mais. Assim, proponho-me referir a mais uma série de citações, simplesmente agora pescadas ao autor de «Au Hasard, Balthazar», pegando no seu livro de trás para diante, também de dez em dez páginas e com o índice de arbitrariedade suplementar de só consultar as páginas cuja numeração termine em cinco. Deste modo, na página cento e trinta e cinco de «Notes Sur le Cinématographe», esta frase: «As coisas que conseguimos por sorte, o poder que elas têm!». Numa outra citação, dez pági-

nas voadas às arrecuas: «O futuro do cinematógrafo pertence a uma raça nova de jovens solitários que filmarão pondo nisto o seu último tostão e sem se deixar apanhar pelas rotinas materiais da profissão». A propósito deste último pensamento, já Ingmar Bergman havia recentemente confessado que, para ele, só havia invenção (no recente cinema moderno) praticamente nos filmes de gente com comportamento «hippie». Na página cento e quinze, outra profecia bressoniana: «É lucrativo que aquilo que encontras não seja o que tu esperavas. Intrigado, excitado pelo inesperado». Mais para trás ainda: «As palavras não coincidem sempre com o pensamento. Avançadas, atrasadas. O macaquear desta não-coincidência é horrível nos filmes». Voltando à concepção da rotação, como se fosse fazer de novo «O Processo de Jeanne D'Arc», Bresson diz-nos: «Rotação. Angústia de não deixar escapar nada daquilo que apenas entrevejo, daquilo que talvez ainda não veja e que só poderei ver mais tarde». Na página oitenta e cinco, outra vez a Teoria do Modelo: «Aos teus modelos: 'Falem como se falassem a vocês próprios'. MONÓLOGO EM VEZ DE DIÁLOGO. Como o caranguejo, dez páginas atrás, esta consideração tocando na contradição que André Malraux havia sublinhado, que o cinema além de uma indústria era também uma arte (ou talvez vice-versa): «X prova uma grande estupidez quando diz que para tocar a massa não é necessário a arte». Para na página sessenta e cinco, de novo a obsessão do Modelo: «Entre ti e ele, não suprimir ou reduzir só a separação. Exploração profunda». E uma lição de economia na página cinquenta e cinco: «Não penses no teu filme para além dos meios que conseguiste». Agora esta citação que se impõe a muito cineasta invadido pelo aspecto literário da cultura: «Não filmar para ilustrar uma tese ou para mostrar homens e mulheres fisgados no seu aspecto exterior, mas para descobrir a matéria de que são feitos. Atingir este «coração do coração» que não se deixa apanhar nem pela poesia, nem pela filosofia, nem pela dramaturgia». Na página trinta e cinco, talvez para explicar «Lancelot du Lac», este aforismo: «A ligação insensível que une as tuas imagens mais afastadas e mais diversas, é a tua visão». E agora coincidindo com a célebre frase de Samuel Fuller, esta versão de Robert Bresson: «Cinematógrafo, arte militar. Preparar um filme como uma batalha». Finalmente, esta asserção que muito cineasta português devia meditar: «Nada de casamento entre o teatro e o cinematógrafo sem extermínio dos dois».



Robert Bresson



de quem Manoel de Oliveira me quis parecer ser um grande admirador que:

«Nada de actores. (Nada de direcção de actores). Nada de papéis. (Nada de estudo de papéis). Nada de realização. Mas emprego de modelos, apanhados na vida. SER (modelos) em lugar de PARECER (actores).»

Como comentar esta citação? Ela é sem dúvida apanágio de uma estética cinematográfica pobre de meios financeiros, como os primeiros filmes neo-realistas, de que um exemplo paradigmático é o «Roma Cidade Aberta» de Rossellini, que para reduzir ao mínimo as despesas tecnológicas, dispensou a gravação sonora durante a fil-

numa versão diferente, dizia que o filme se refazia três vezes: a primeira na redacção do guião, a segunda durante a rotação e a terceira na montagem. Truffaut vai mesmo ao ponto de, implicitamente, sugerir uma quarta, com a retirada do filme do cartaz ao fim da primeira semana de exibição, caso o público esteja a reagir mal a uma eventual lentidão narrativa, como aconteceu ao seu «Duas Inglesas e o Continte» a que cortou doze excelentes minutos, que só voltaram a ser repostos na cópia que foi enviada para a Cinemateca Francesa, para os eventuais espectadores amantes de versões integrais. Uma outra citação de

guidamente, dez páginas depois, insistir na sua concepção da rotação: «O teu filme deve-se parecer com aquele que vês ao fechar os olhos. (Deves ser capaz instantaneamente de o ver e de o ouvir na íntegra)». E na página setenta de novo a obcecação mestra do cineasta das «Meninas do Bosque de Bolonha»: «Os gestos que os teus modelos repetiram vinte vezes maquinalmente, abandonados na acção do teu filme, serão agarrados. As palavras aprendidas de cor encontrarão, sem que o seu espírito tome parte, as inflexões e a canção próprias à sua verdadeira natureza. Maneira de encontrar o automatismo da vida real. (Não entra

princípio, agora com a câmara em ângulos diferentes: de perfil, de frente e de cima para baixo. Só depois na montagem, com as seis filmagens da sequência, obtinha uma que fosse mista. Em Portugal, o método, habitualmente, é seguir-se a ordem detalhada dos planos, o que pressupõe a interrupção dos actores durante a filmagem de uma dada sequência, prejudicando assim gravemente o fluxo dramático com a inclusão de um coeficiente anti-rítmico na interpretação dos actores, relegando assim para a montagem uma concepção de execução meramente técnica e não criativa, como se a montagem fosse a colagem de planos do guião. O

Ópera

Bayreuth no centenário da morte de Wagner (3)

Parsifal em demanda da paz

A encenação de Wolfgang Wagner (neto do compositor, irmão de Wieland) dos «Mestres-Cantores» que data de há alguns anos, permitiu-me sobretudo atender às condições da sala, ao equilíbrio de forças entre a componente vocal-cênica e a orquestral, enfim, aos pressupostos técnicos da representação do drama wagneriano. Não é uma encenação que faça repensar a obra ou que, pelo menos, crie personagens convincentes. Os actores-cantores e a fábula ficaram agarrados a partitura, foram quando muito veículo da sua excelente leitura musical, sob a direcção de Horst Stein. A capacidade de realização dos actores-cantores, sobretudo enquanto cantores (menos enquanto actores) serviu a partitura a servir a capacidade de realização dos actores-cantores, enquanto portadores de personagens e relações configuradas num todo coerente audiovisual. Excelente «música de ópera»: de modo algum «drama musical».

Mais interessante para mim foi identificar alguns motivos que julgo terem contribuído para a elaboração da concepção de Kupfer, que no ano passado subiu à cena na Ópera Cómica de Berlim (RDA), que continua a valer universalmente como paradigma de realização dramática e que marca uma data histórica na assimilação, redescoberta e repercussão da obra de Wagner mais popular entre públicos germânicos (ver «DL» de 8-5-82). Entre esses motivos, menciono o da árvore (aliás, decorrente do texto) e o da coroa de louros, os quais, no entanto, Kupfer desenvolve de forma insuspeitada relativamente a esta encenação de Bayreuth. A ideia de um Beckmesser contido, que, a meu ver, Hermann Prey, apesar de todo o seu talento, não conseguiu pôr em prática com êxito, actua mais eficazmente em Berlim, como elemento moderador dos traços caricaturais da personagem. Num e noutro caso Beckmesser não é, por assim dizer, «rejeitado» pela comunidade, mas o seu percurso não tem em Bayreuth a mesma lógica interna que adquire em Berlim. E, para terminar os termos de comparação, direi apenas que será difícil a qualquer grande «Hans Sachs» da actualidade — e Bernd Weiki é-o sem dúvida, como o de-

monstrou em Bayreuth — competir com o «Hans Sachs» de Siegfried Vogel na encenação de Berlim. Tudo isto não invalida o esplendor sonoro como um todo, de solistas, coro e orquestra em Bayreuth. A «música» de Wagner, porém, exige mais, exige a consistência das personagens e da acção.

Um Parsifal diferente

Com James Levine na direcção musical, Götz Friedrich na direcção cénica, Norbert Balatsch na direcção coral, Andreas Reinhardt na cenografia, Manfred Voss na direcção de luzes e Walter Huneke na direcção técnica, o «Parsifal» do centenário (estreado no ano passado) impõe-se precisamente pela consistência da realização.

Poema, música e cena desenvolvem-se aqui segundo três linguagens rigorosas, ao mesmo tempo autónomas e paralelas: isto é, o discurso cénico é pro-

movido a produtor de sentido em plano equivalente ao da palavra e do som. A leitura da obra resulta assim a cada momento da intersecção dialéctica das três linguagens. Daí a fecundidade da comunicação com os espectadores, constantemente desafiados a pensar, a participar na decifração da obra, segundo as suas diferentes perspectivas individuais, através das quais filtram, classificam e reelaboram o complexo de elementos de «leitura» recebidos. Este «Parsifal» põe em causa todos os outros e não se esgota numa interpretação. A recensão do espectáculo pressuporia, aliás, a possibilidade de o ver (e ouvir) várias vezes, meditando-o sempre de novo.

Não sem primeiro acentuar a admirável plasticidade da cena (incluindo cenários, figurinos, iluminação), a não menos admirável plasticidade sonora da orquestra, a insuperável coesão musical de todas componentes (incluindo solistas e coros),

deixo aqui registadas apenas algumas ideias que esta realização me sugeriu.

Em demanda do Graal

A ideia de uma classe dirigente fechada, isolada da realidade na sua torre de marfim, sobressai da concepção do cenário do primeiro acto (cena do Graal), que cria um espaço surrealista, através da contradição entre a representação de uma torre quadrangular em arcadas vista do interior, cuja base seria a boca de cena, o topo o fundo do palco, e a sua utilização, por assim dizer, na horizontal («deitada» sobre uma das faces). A necessidade de «abertura» como via para a «redenção» torna-se visível na segunda e última cena do Graal, onde o templo já não volta a reconstruir-se.

A classe dirigente defronta-se com uma determinada «estrutura de produção». Que essa estrutura de produção pode ter muito com o actual desenvolvimento tecnológico torna-se evi-



Ricardo Wagner

dente no mundo de Klingsor, onde a magia é substituída por aparelhos sofisticados criados à imagem e semelhança do moderno «complexo militar-industrial».

Como no tempo de Wagner, os dirigentes da sociedade burguesa actual afivelam a máscara dos altos princípios, mas quem governa é a «força material». Ao progresso tecnocrático correspondem novos padrões de «gozo da vida»: não admira, por isso, que o amor prostituído, outrora simbolizado pelas «raparigas-flores», seja agora praticado por experimentadas profissionais de «Las Vegas».

Kundry não é uma só. São várias: as várias mulheres que representam a mulher oprimida na «cidade do homem» (como diria a nossa poetisa Sophia). Já na sua encenação da «Lulu», Götz Friedrich compusera uma Lulu para cada acto. Kundry morre. Para ela não há redenção/emancipação. Mas as mulheres invadem a cena, silenciosamente, no final. São condição «sine qua non» do novo recomeço.

Novo recomeço só depois da catástrofe atómica? Assim parece, no início do terceiro acto, com a desolação de uma paisagem de Inverno (prevista na partitura) transformada em terra queimada por uma onda de destruição. Mas os cavaleiros depõem as armas no final. Não há outra demanda do Graal possível e desejável — essa sim redentora de toda a Humanidade — que não seja a demanda da paz.

Tal o sentido da «iniciação militar» de Parsifal, que decorre entre a destruição do mundo de

Klingsor e o regresso a Monsalvat. Feito sábio pela experiência da compaixão, o novo Cavaleiro do Graal, portador da arma redentora (a lança sagrada), é o primeiro a compreender que o futuro da Humanidade tem de ser construído sem armas.

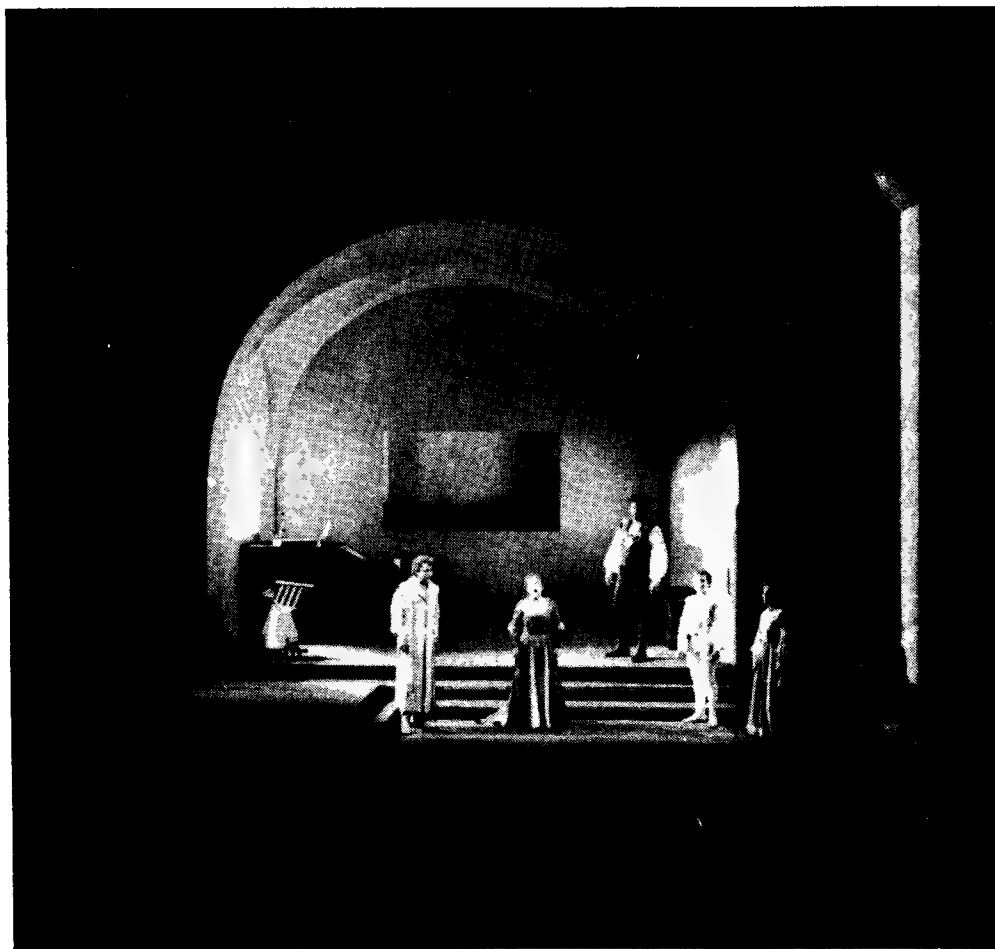
Salientar o trabalho de cada um dos actores-cantores implicaria uma análise mais demorada, que as circunstâncias não me permitem por agora empreender. Direi apenas que não haveria juízos de mérito relativo a emitir quanto à capacidade de realização de cada um deles dentro do espírito desta produção. Igualaram-se no mérito absoluto.

Mestres-Cantores (espectáculo de 17-8-83):

Hans Sachs — Bern Weiki; Veit Pogner — Manfred Schenk; Kunz Vogelsang — András Molnar; Konrad Nachtigall — Martin Egel; Beckmesser — Hermann Prey; F. Köthner — Jef Vermeersch; B. Zorn — Udo Holdorf; U. Eisslinger — Toni Krämer; A. Moser — Helmut Pampuch; H. Ortel — Sándor Sólyom-Nagy; H. Schwarz — Heinz Kaus Ecker; H. Folz — Dieter Schweikart; Walter von Stolzinger — Siegfried Jerusalem; David — Graham Clark; Eva — Mari Anne Häggander; Magdalene — Marga Schiml; Vigilante nocturno — Matthias Hölle.

Parsifal (espectáculo de 18-8-83):

Amfortas — Simon Estes; Titirel — Matti Salminen; Gurnemanz — Hans Sotin; Parsifal — Peter Hofmann; Klingsor — Franz Mazura; Kundry — Waltraut Meier; Cavaleiros do Graal — Toni Krämer, Matthias Hölle; Pagens — Ruthild Engert-Ely, Sabine Fues, Helmut Pampuch, Peter Maus; Solo de contralto — Hanna Schwarz; «Raparigas-Flores» — Monika Schmidt, Anita Soldh, Hanna Schwarz, Dorthea Reingardt, Deborah Sason, Margit Neubauer.



«Mestres-Cantores»: 1.º quadro do 3.º acto

Mário Perniola e os ritos contemporâneos

M

ÁRIO PERNIOLA que nasceu em Asti, é professor de estética na universidade de Salerno. Ligado durante muito tempo aos movimentos de vanguarda dos anos 70 (Agaragar, Errata, L'Herbavoglio), publicou, entre outras obras a **Alienação artística** e o **Eterno instante**. Atento às correntes presentes, analisa as linhas de força do pensamento europeu.

Apiaxonado pelo campo cultural italiano, gosta de fazer comparações entre a situação contemporânea e blocos que ainda lhe parecem vivazes, como a religião romana ou a idade barroca. O seu trabalho sobre os simulacros — publicou **la Società dei simulacri** (Saggi Çapelli) — descreve o papel social do imaginário contemporâneo como uma sequência de operações que jogam com a sedução. Pondo em causa a questão, demasiado simples, entre a «margem» e o «centro», Perniola esboça a representação de uma sociedade animada de movimentos centrífugos. Longe de ler o social a partir de um catastrofismo jansenista, ele quer descobrir um modo de pensar que junte à actualidade apostas culturais muito velhas.

— O seu interesse pela literatura foi marcado em primeiro lugar por aquilo a que em Itália se chamou a teoria da metaliteratura, essa escrita que fala de si própria.

Eu tinha uma grande paixão por aquilo que era «auto-referencial» na escrita. Tinha um ponto de vista muito próximo do de Maurice Blanchot. Para este último a aventura da experiência interior é inseparável da escrita, que é a única experiência verdadeira. Para esta corrente só a palavra literária pode acolher o inexistente, o impossível, o inominável.

— Mas o professor sentiu-se depois sacudido pelo encontro com a contestação social.

— Tive então, como muitos, a impressão de que o que fizera antes se podia inscrever na sociedade. Trabalhei então na alienação artística. Era influenciado pelos situacionistas, mesmo sem partilhar o seu sectarismo de grupo. Eles representavam, muito fortemente, a ideia de uma vanguarda.

Procurar uma unidade

— Falar de alienação artística é retomar a ideia de um mundo da arte que seria falso, visto ser alienante. Isto implica que se saiba o que é a vida verdadeira, que se disponha de referências sólidas

para julgar que a arte só dá espectáculos irrisórios.

— Com efeito, a referência à alienação, à crítica do espectáculo, apoiava-se em pressupostos filosóficos, que pretendiam reconquistar um mundo verdadeiro. Para Dada, mas também para o futurismo russo, ou para o surrealismo, era preciso recusar o aspecto «reductor» da actividade artística.

— Tudo isso não tratará de um mundo primeiro que depois seria deformado pelo social?

— Sim, e foi graças a Nietzsche que consegui romper com essa visão metafísica do mundo. Na verdade, esse postulado é o da política tradicional. O meu trabalho sobre a alienação artística tinha por objectivo procurar uma unidade entre o mundo real e o mundo da significação. Tratava-se então de ultrapassar todas as separações entre a arte, a política, a vida, de quebrar todas as dicotomias. Queríamos a totalidade. Mas, a partir de 1972/1973, as perspectivas mudaram em Itália. Nesse momento, tivemos que tomar verdadeiramente em conta o que se passava do lado do terrorismo.

— Os intelectuais italianos efectuaram na sua opinião, uma crítica teórica do terrorismo?

— É uma pergunta difícil. De facto, ficámos durante muito tempo prisioneiros de uma problemática hegeliana que acreditava no papel da violência na história. Lembro-me de uma frase que Alexandre Kojève dizia acerca de 1968. Ele avançava que, como não corria sangue, não se tinha passado nada. A ideia da conexão da história e da violência estava então muito espalhada. No entanto, depois dessa época, muitos notaram que o terrorismo não era mais do que o espectáculo da guerra civil. Alguns procuravam uma violência mais verdadeira... Mas como correu sangue, muitos deram-se conta de que o terrorismo não exercia nenhuma função de crítica radical.

— Como chegou a renunciar, através da sua investigação, às antigas perspectivas que pretendiam ser a súplica de todas as críticas radicais?

— A leitura de George Bataille ajudou-me muito. Ele recusava com força a noção de vanguarda. Para Bataille não há continuidade possível entre a actividade económica, jurídica, científica, e aquilo a que se chama a «revolução». Esta é tão extrema que só pode existir em algumas experiências-limite, que, como o erotismo, o êxtase ou o riso, recusam toda e qualquer apropriação. E depois, claro está, o movimento da sociedade italiana ensinou-me muito.

Os «Índios metropolitanos», esses estudantes em revolta, deram-nos a impressão de uma ruptura radical. Mas essa explo-

Christian Descamps

são, longe de qualquer teoria, não durou.

— Hoje trabalha na representação, dizendo que o «representado» não é, de modo algum, uma duplicação. Não aceita crenças tão estáveis como a ideia de Deus, de natureza ou de razão.

— O meu ponto de partida foi uma reflexão sobre os iconoclastas da Antiguidade. Ao estudá-los notei que as suas atitudes eram muitas vezes partilhadas pelos movimentos políticos contemporâneos. Perguntei então a mim próprio se estas posições — que pareciam tão modernas — não tocariam em apostas decisivas. O iconoclasta recusa, quebra os ídolos. O iconófilo pensa que, na imagem, há a presença directa de Deus. Num sentido está muito perto de nós, das nossas relações com as imagens, com a publicidade, com as mercadorias.

A imagem e o modelo

— Traz pois de novo à actualidade uma velha disputa, decisiva para a história do pensamento.

— Grosseiramente, o iconoclasta reivindica uma ideia mais pura de Deus. Representar a divindade é blasfemar. Para os iconófilos uma relação de identidade liga a imagem e o modelo, a forma e o divino. Para estes o original tem a capacidade de se exprimir numa forma

sensível, evidente: é uma metafísica concreta.

— Essa questão atravessa a cultura ocidental. Assim, no século XIII, a ala extrema da Reforma é muito iconoclasta. Encontra-se aquilo que Max Weber porá no centro da sua visão da ética protestante.

— Para a Reforma, Deus é, para além de toda e qualquer imagem, radicalmente outro e diferente. É pois necessário respeitar toda a figuração. Contra os ídolos surgem então visões proféticas. A realidade do Mundo não tem relações com o divino, é um engano. Se o Mundo é falso, tem então que se inventar uma escatologia messiânica que anunciará a vinda do regime de Deus à Terra.

— Estas questões, laicizadas, continuam a atravessar as nossas sociedades.

— Hoje os nossos iconófilos são hiper-realistas, e os nossos iconoclastas defendem a recusa absoluta. Para eles, as imagens da Televisão, a propaganda ou a publicidade têm verdadeiras relações com a mercadoria. Claro que acham que estas relações são sempre insuficientes, querem sempre relações mais verdadeiras, querem o directo. Pelo contrário, os iconoclastas modernos dizem-se hiper-revolucionários. Para eles as imagens do Mundo são falsas, não passam de espectáculos. Para os iconoclastas modernos, publicidade ou Televisão são enga-

nos.

— Também insiste na força do simulacro. O simulacro surge no momento em que a ficção deixa de ser mentira, sem por isso se tornar realidade.

— O simulacro não tem a ver com a verdade nem com o erro da imagem. Pensar em termos de simulacro é ter uma posição céptica. Dizer que não há nada para além das aparências, é restabelecê-las também. Pense na peça de Tirso de Molina: **El Burlador de Sevilla**. Por que razão Don Juan, que mente tantas vezes, mantém a promessa que fez ao simulacro do Comendador, dirigindo-se à refeição que lhe será fatal? Corre para a sua perda, só para manter uma palavra que deu a uma estátua. Há neste enigma toda a força barroca da sedução deste simulacro de pedra. Seria na verdade fácil multiplicar os exemplos dos simulacros sedutores da nossa época.

— Também se interessa muito pela religião, e, na religião, privilegia o ritual. Recusa vê-lo como uma pura cerimónia estereotipada, inútil, desesperada.

— Na história das religiões lê-se muitas vezes o rito como algo que tem necessidade de um apoio, de uma fé, de um mito. Penso, pelo contrário, que se pode pensar o rito de outro modo. Pense na religião romana, é uma religião sem mitos. Dumézil constata que a sua base se apoia na tríade indo-europeia. Mas também se sabe que os romanos tinham esquecido grandemente os seus mitos.

Assim, o calendário romano é uma espécie de quadro, de tecido. O tempo não diz a priori o que vai ou deve acontecer. Este calendário deixa um carácter indeterminado ao acontecimento. Uma vez que este se produziu, os romanos não o anulam, num processo de redenção final. Na minha opinião, a sociedade pós-industrial também é uma sociedade de ritual. Os seus processos já não têm o apoio de uma mitologia forte. As sociedades contemporâneas estão no fim das suas crenças.

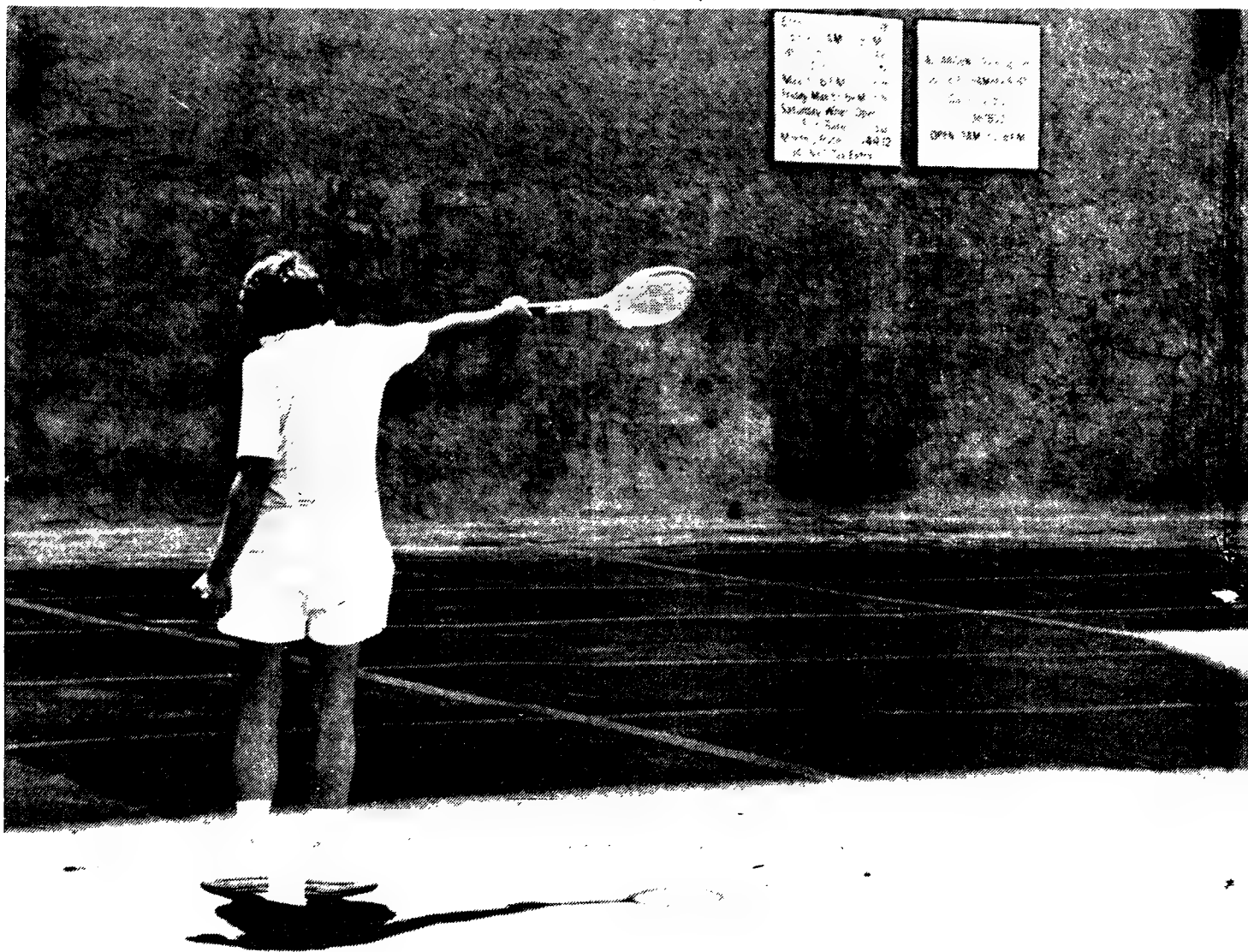
— Encontra-se aqui o problema muito agitado em Itália, da legitimação das instituições.

— Ontem as instituições legitimaram-se através dos mitos. Mais recentemente utilizou-se a justiça, o progresso, a ciência, etc. Nos nossos dias vivemos numa sociedade sem grandes referências deste género. Na Roma antiga não se conhecia a noção de crença individual, a subjectividade não existia. Na sociedade moderna pedem-nos mais para fazer do que para acreditar.

Fazer batota com os deuses

— Com efeito, na Roma antiga, os ritos enchem a vida mas não se pede aos que os criam que adiram a eles. De resto, como pode notar, não se pede hoje aos que trabalham, que acreditem no seu trabalho.

— Com efeito, em Roma podia-se negociar, fazer batota



EOS

com os deuses. Penso em Numa Pompílio: Júpiter pede-lhe que realize um sacrifício em que teria de oferecer cabeças... de alho. Um grego veria nisto um escândalo. Mas o Júpiter romano fica encantado. No fim declara mesmo: «Dou-te tudo o que quiseres, porque te mostraste capaz de discutir com os deuses...» O deus romano aprova portanto este «desvio». A Itália contemporânea podia dar-nos muitos outros exemplos de desvios.

— Ao lado da religião romana, o professor sublinha o importante papel de Ignacio de Loyola na cultura italiana.

— Ele ganhou a Lutero! Conseguiu voltar a mística para a acção. Desdenhando da vida quotidiana, opôs-lhe regras tão concretas que modificou a sua existência. Ignacio é extraordinário. Num sentido ultrapassa a oposição entre iconoclastas e iconófilos. Para ele deve-se estar preparado para possuir ou abandonar tudo.

Na verdade os Jesuítas devem ser capazes de aceitar qualquer forma histórica sem por isso lhe atribuir um valor absoluto e definitivo. Essa atitude, estranhamente contemporânea, abraça qualquer imagem. E se os Jesuítas tiveram um papel considerável no domínio da arte barroca, o «estilo jesuíta» não existe.

Creio que todos estes extractos de arte e de pensamento continuam a habitar a Itália contemporânea...

(«Le Monde»)



Ramalho Eanes

O político é o espaço ideal para as mitologias do nosso fim de século, tornando-se cada vez mais morosa a urgência de retornarmos à plataforma da realidade e apercebermo-nos assim dos intrincados equívocos e ambiguidades que os mitos nos fazem valer como naturais. Entre esses o erroneamente chamado «eanismo» e a crença de alguns, sem nada terem compreendido, de que uma democracia erigida da base pode ser obras de um Salvador.

E

Meu artigo de Alfredo Margarido em «O Jornal» de 26 de Agosto do ano que ora corre alerta-se a colectiva «consciência de esquerda» contra a tendência que certos dos seus sectores têm vindo a assumir de um messianismo dador de uma tranquilidade desejada como história resolvida e já sem contradições — subterrâneo mítico que tem fluído ao longo da sua trajectória inconsciente. Nesse artigo, intitulado «Profetismo e messianismo de esquerda», somos lembrados de que há muito se faz notar uma tónica «salvadora» da esquerda, que, pouco objectiva, nos fez por exemplo, segundo o autor, confundir o pouco mais que golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 com uma épica revolução, característica essa que, sendo fulanizante, figurou como «profetas», guias dos destinos comuns, homens como Norton de Matos ou Humberto Delgado. Só que esta sempre foi a metafísica que a esquerda se permitiu, derivada certamente da sentida pequenez humana ao se projectarem os esforços colectivos no vazio da história por fazer. Porém, o recém-adquirido estigma sebastianista, tradicional à direita, é completamente estranho ao seu percurso, estando já a desvirtuar o que de específico diversifica a esquerda enquanto alternativa e projecto de edificação de um futuro a começar neste presente.

No centro desta questão reside, inerte, totemizado, o «ea-

nismo», designação esta que, como o brilho da estrela que nos chega quando ela já não existe, pouco terá a ver com a pessoa «imane» de Eanes e mesmo com qualquer plano político que possa ter levado mais longe, sendo de cortes à realidade de base como este que nascem todas as mitologias.

Assim, este «eanismo» que uns defendem e outros acusam — mas partilhando entre si exactamente o mesmo molde (mítico) de entendimento — não passa de uma ilusão política, de um imenso equívoco que vem assim responder à ansia desesperada da vinda de um Salvador a esta esquerda frustrada, em expiação por uma revolução que não conseguiu fazer e que o não chegou a ser, tendo-a colocado ideologicamente em falta, sobrada nos escolhos da sua utopia. Diz Margarido: «Quando o espaço político está já invadido pelo irracional do messianismo, qualquer homem em transe pode ser confundido com o profeta».

Eduardo Lourenço, também em «O Jornal», agora de 24 de Julho, refere que, quanto ao «eanismo», a «palavra» de modo algum designa a «coisa», já que, propondo-se tal sistematização feita a partir da imagem pública de um homem, o que só por si é razão para a sua fraqueza, ela teria necessariamente de comportar uma «solução política» diferenciada de todas as outras. O que acontece, porém, é que muito pouco do discurso de Eanes diverge do de outros sectores políticos, não podendo pois constituir-se como alternativa: Eanes é assim o primeiro a contrariar a mitologia eanista.

Isto quanto a um projecto de sociedade, pois que, enquanto espaço a preencher, seria, em termos quase geométricos, o que ocupa hoje o chamado

Bloco Central — um outro mito —, ou seja, o das bases PS e PSD, talvez alargado um pouco à direita e à esquerda, situando-se pois num lugar que já está ocupado, constituindo a única diferença a particularidade de o «eanismo» o fazer fora e à margem desses partidos. E se falarmos na indefinição e permeabilidade que tal território político traria consigo, então só podemos concluir que nenhuma ambiguidade se pode constituir como alternativa. Observado sob estes dois aspectos nada de consistente se encontra neste «eanismo».

O grande equívoco da esquerda

Mas, porquê Eanes? Um homem em «transe», utilizando

muitas vezes em contradição com programa e ideário, se voltam contra o Presidente da República, mais arrogantes ainda quando Eanes mostra não ter o estofo do ditador.

Deste modo, a esquerda, exceptuando o caso à parte do Partido Comunista que, igual a si próprio, não participa das movimentações e contradições que agitam os restantes sectores, apresenta-se ou como sebastianista ou como conformista, duas tonalidades que anulam enquanto esquerda, de um modo ou de outro colocando-a imeditamente ao lado da direita e mesmo confundindo-a com os seus pressupostos e práticas.

do material que veiculam, tornam-se os principais difusores de mitos, não escapando a esta mecânica quem, na Imprensa, estava mais próximo da orgânica do MAD, como é o caso, pelo menos parcialmente, de «O Jornal», fazendo com que alguma da organização se tenha, igualmente, interpretado mal.

Na realidade, a proximidade do movimento de Lurdes Pintasilgo e Henrique de Barros a Eanes processa-se em termos que desmentem os pressupostos «eanistas»: para o MAD Eanes é fundamentalmente a voz da moralidade política, a correcção face à hipocrisia partidária, a esperança de que pode haver uma outra democracia que não esta. Mais do que isto não se

Rui Eduardo Paes

Democracia participada e messianismo

a expressão de Alfredo Margarido? Não isso, certamente, mas um homem em destaque, não somente por se ter sentado no cadeirão da Presidência, mas por se ter revelado como exemplo, enterrado o sonho revolucionário e instaurada a democracia representativa que comungamos com os restantes países capitalistas (e apesar de o Presidente ser um dos principais responsáveis por essa morte e essa «normalização»), e mesmo símbolo, do político entendido eticamente, contrapondo-se à mediocridade e imoralidade tornadas naturais por parte de um modo de praticar a democracia, ou melhor, de a limitar.

Por isso que Eanes tenha canalizado o desencanto de grande número da população portuguesa contra esta partidocracia que vivemos e esta classe política que temos, ou, para ir até às últimas consequências, contra o parlamentarismo superficial e burocrático, desligado das comunidades e das pessoas, que é o que as sociedades liberais nos querem fazer crer como o valor essencial do «mundo livre».

Sabendo a esquerda da sua culpa, pelos erros, ingenuidades, impropriedades e incoerências, no rumo que o movimento de 25 de Abril tomou, um imenso mal-estar a foi invadindo, fazendo-a reagir, irracionalmente, de dois modos: os que se colaram o rótulo de eanistas, olhando o Presidente como o Messias que nos retirará do curso de decadência política que acompanha a nossa actual trajectória de decomposição económica (sentindo-se traídos quando verificam que Eanes também erra, tem indecisões, falibilidades, silêncios, medos, insuficiências), desenhando-lhe mesmo estruturas paraconstitucionais presidencialistas, considerando que a alternativa à partidização e ancilamento da democracia é a centralização dos poderes nas mãos de um só homem, o fantasma de Salazar, de Sebastião incarnando-se na sua imagem; e os que, interpretando Eanes pelo mesmo embrulho eanista, mas, ao contrário dos primeiros, continuando a acreditar no actual horizonte partidário e no funcionamento deste sistema representativo,

Tentar desfazer o equívoco

É neste cenário desencorajador que surge, como fenómeno rejuvenescente e revitalizador, o por enquanto ainda silencioso (porventura à espera do preciso momento em que, confirmado

encontra no que lhe é mais essencial e mais profundamente o define: o eanismo do MAD começa e acaba aqui. Só que, também nele, haverá quem projecte o aparecimento do partido fulanizado e a solução messiânica, não se apercebendo do seu hibridismo e



Maria de Lurdes Pintasilgo

até à última dúvida, ou última oportunidade, o esclerosamento da actual prática política e partidária, seja realmente necessário introduzir toda uma nova esquematização de como «inventar» a democracia) Movimento para o Aprofundamento da Democracia, que logo se teve de sujeitar ao molde observador de uma Imprensa já domesticada pelo conceito mítico de «eanismo». De facto, depressa o homem da rua recebeu uma má interpretação do acontecimento MAD, já que os «mass media», desabitados talvez de desmontar as «lógicas internas»

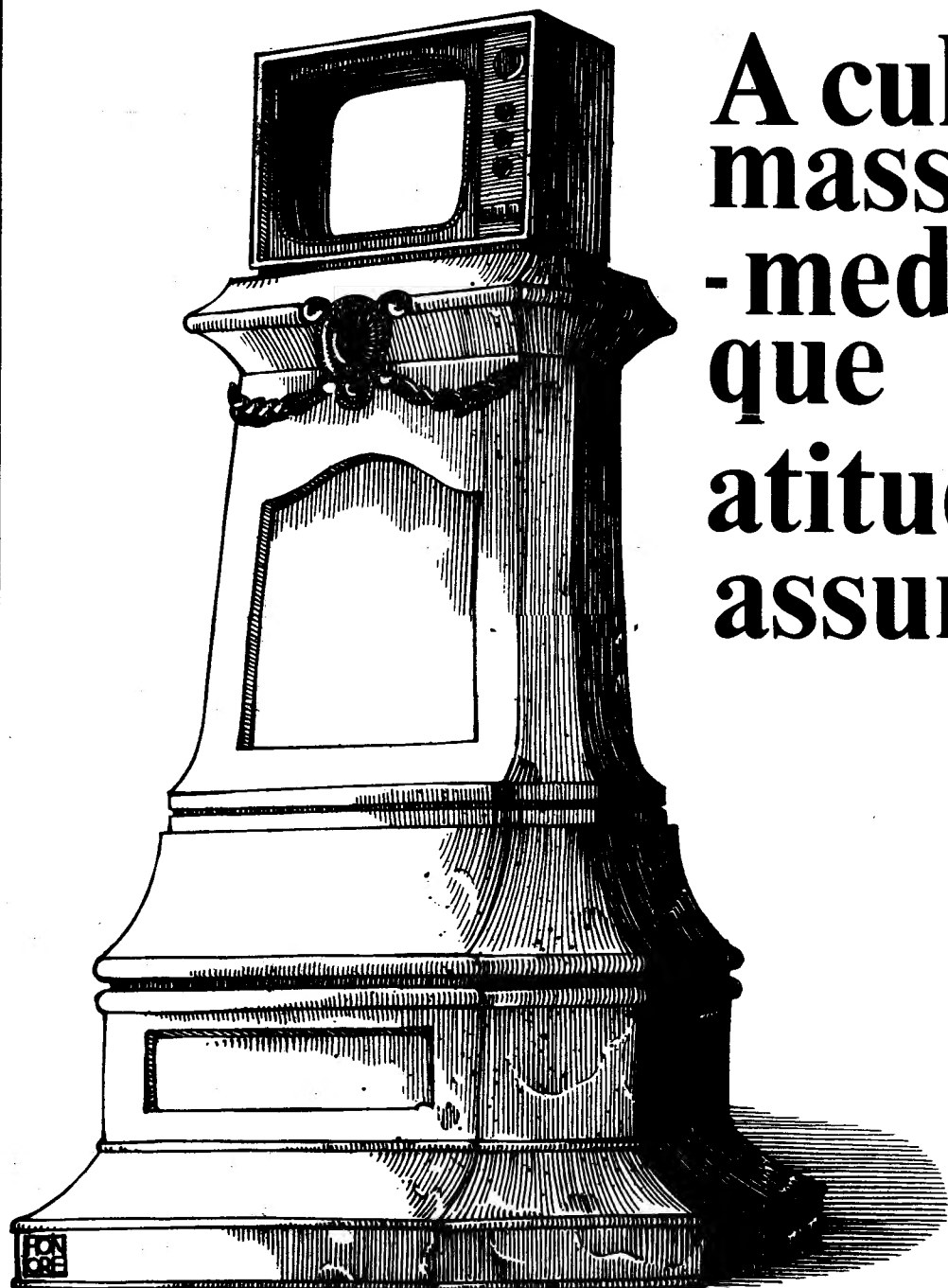
do protototalitarismo em que poderia incorrer.

Assim, se a própria existência do Movimento para o Aprofundamento da Democracia desfaz, em princípio, o equívoco «eanista» de alguma esquerda, um outro equívoco, decorrente desse, poderá estar a minar a sua própria coerência interna. De facto, como conciliar o ideário da Democracia Participada com o da fulanização centralista e autoritária? Impossível! No primeiro, por exemplo, se-

Continua na pág. 7

"Mass-media" e cultura de massas ?-II

A cultura mass-mediática: que atitude assumir?



constelação dos acessórios, por cujo intermédio se define o «standing sociocultural» do cidadão médio». Acontece a progressiva democratização da cultura — no melhor dos casos, quando cada qual teria verdadeiro acesso à cultura. Por agora, em virtude de deixarem-se ser obras, tais pseudo-obras nem por isso deixam de surgir como objectos raros, económica ou «psicológicamente» inacessíveis à maioria, e realimentando, na sua qualidade de objectos distintivos, um mercado parcialmente alargado da cultura». (10)

Melhor será pois considerar, como o faz Daniel Leconte que, «a expansão cultural é um dado abstrato. A cultura é um produto social que não escapa às contingências de uma sociedade». (11)

Contudo, a sociologia dos «massmedia» não se pode limitar à discussão destas questões. Os «massmedia», mesmo se lhes retirarmos o ambíguo qualificativo «mass» existem, funcionam e, nessa base, desenvolvem modos próprios de intervenção, produzindo efeitos directamente correlacionados não só com a sua específica natureza (a sua tecnicidade) como também, é importante não esquecer, com o controlo e utilização social, política e cultural que deles se faz. Ora, ao nível dos efeitos culturais produzidos pelos «media» problemas há que, na sua essência, não podem ser globalmente reduzidos à problemática da cultura de massas, como sejam os referentes à alegada regressão de certos hábitos que, como a leitura, estimulariam a actividade intelectual, ou, em sentido contrário, a crença nas potencialidades formativas dos «media».

Tratar-se-ia, portanto, de explorar as possibilidades de uma investigação centrada, segundo a concepção de Étienne Gilson, na análise «dos efeitos específicos da industrialização e da multiplicação de cópias em relação aos modelos, quer dizer, em suma, da difusão (...) de analisar simplesmente as novas condições em que se encontram os criadores e os consumidores quando a cultura faz parte de um meio sociologicamente distinto, quando se passa de uma situação

puramente estética a outra de mercado». (12) Nessa base, conclui Cazeneuve, «... já não se fala de uma cultura específica, mas sim da acção de um modelo particular sobre a cultura, e provavelmente será neste sentido que se deveria orientar a sociologia das comunicações de massa na abordagem deste problema». (13)

Esta posição insere-se aliás, na reorientação a que o tema da cultura de massas foi sujeito. Para certos autores, não existe qualquer interesse em prolongar infinitamente o debate (que se tornou estéril) acerca do carácter benéfico ou prejudicial de uma cultura supostamente massificada pelos «media». A questão, no entender de Umberto Eco, está mal formulada. O importante não é saber se a cultura de massas é, em si mesmo, um facto positivo (apologistas) ou negativo (apocalípticos-aristocráticos), de distinguir «bons» e «maus» produtos, mas sim reconhecer que «a partir do momento em que a presente situação de uma sociedade industrial torna ineliminável aquele tipo de relação comunicativa conhecido como conjunto dos meios de massa, qual a acção cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam veicular valores culturais?». (14)

A resposta reside, afirma Eco, na intervenção activa das comunidades culturais no campo das comunicações, visto que o problema da cultura de massas consiste essencialmente no facto de «esta ser hoje manobrada por «grupos económicos» que visam fins lucrativos, e realizada por «executores especializados» em fornecer ao cliente o que julgam mais vendável, sem que se verifique uma intervenção maciça dos homens da cultura na produção». (15)

O problema é igualmente evocado pelo ensaísta e poeta alemão H. M. Enzensberger quando, vinte anos após a polémica lançada por Adorno e Horkheimer, censurou aos intelectuais progressistas dos países ocidentais, «não terem encontrado modos de intervenção através dos meios de comunicação de massa electrónicos e de não terem elaborado uma estratégia de reformulação (rechange) face à cultura estandardizada». (16)

Com efeito, aos intelectuais que não ultrapassam uma atitude conformista, apenas resta, na prática, uma de duas opções; ou a submissão à racionalidade dos meios ou o alinhamento com as teses elitistas. Recusar o conformismo implica, por isso, aceitar envolver-se na rede complexa das comunicações de massa ou, se quisermos, da indústria da cultura, para, a partir desse posicionamento, exercer uma intervenção crítica que vise impor uma nova relação dos meios com o público, que possa conduzir tal como salienta Eco, «à correcção da convicção implícita de que a cultura de massa seja a produção de resíduo cultural para as massas (entendidas como categorias de sub-cidadãos), e realizada por uma elite de produtores». (17)

Tal convicção, reflecte-se nitidamente no modo como o sociólogo Michel Dufrenne define o universo «cultural» próprio à arte de massas: «É a partir da conotação pejorativa da palavra massas que será necessário entender a arte de massas. — Na expressão — arte de massas, o «de» tem um sentido preciso: significa «para» como na expressão «vestido de noite» ou «livro de crianças»: a arte está longe de ser atribuída às massas, é-lhes destinada. O receptor é considerado passivo, produz-se para ele, isto é, condescende-se em fazer-lhe um favor: responder às suas necessidades ou à sua expectativa, que se supõem previamente determinadas e conhecidas...». (18)

Apostando porém, numa evolução bem diferente, Eco defende a ideia de que uma vez estabelecida uma nova relação dos intelectuais com o conjunto dos meios, seria possível conceber a cultura de massas como «cultura exercida ao nível de todos os cidadãos» advertindo, no entanto, que isso não significaria que a cultura de massas fosse produzida pelas massas. Eco sublinha que «não há forma de criação «colectiva» que não seja medida pela personalidade dos mais dotados, feitos intérpretes da sensibilidade da comunidade onde vivem. Logo, não se exclui a presença de um grupo culto de produtores e de uma massa de fruidores; só que a relação de paternalista passa a dialéctica: uns interpretam as exigências e as instâncias dos outros». (19)

Decisivo é não esquecer que a instauração de uma nova relação dos criadores de cultura com o conjunto dos meios de difusão colectiva, passa por uma nova, diríamos mesmo revolucionária concepção das finalidades sociais da produção cultural. É preciso «socializar» a cultura, pois, como defendia Gramsci, «o facto de uma massa de homens ser levada a pensar sobre o presente real... eis um facto «filosófico» mais importante e «original» do que a revelação de uma nova verdade pelo «génio filosófico», revelação que se afirma como património de pequenos grupos de intelectuais». (20)

NOTAS

- 9) Edward Shills, citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 20
- 10) Jean Baudrillard, em «A Sociedade de Consumo», Edições 70, págs. 169-170.
- 11) Daniel Leconte, artigo/inquérito citado, pág. 15.
- 12) Étienne Gilson, «La Société de masse et sa culture», Vrin, Paris, 1967, citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 148.
- 13) Jean Cazeneuve, ob. cit., págs. 148-149.
- 14) Umberto Eco, «Apocalípticos e Integrados», citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 50.
- 15) Umberto Eco, citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., págs. 50-51.
- 16) H.M. Enzensberger, citado por Armand e Michelle Mattellart, em «Uma Cultura para gerir a Crise», pág. 1, Le Monde Diplomatique de Outubro de 1979.
- 17) Umberto Eco, citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 54.
- 18) Michel Dufrenne, «L'art de masse n'existe pas», 1974, citado por Daniel Leconte, no artigo/inquérito referido, pág. 15.
- 20) Umberto Eco, citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 54.

ção dos aspectos considerados positivos.

Assim, para os apologistas dos «massmedia» e da chamada cultura de massas (vista na óptica da democracia ocidental) trata-se, fundamentalmente, de denunciar a ideologia aristocrática/elitista dos críticos dos «massmedia» e de demonstrar,

turalmente brutalizada, gera diferentes níveis de gostos, audiências e consumidores diferentes. A cultura é estratificada e o seu consumo é diferenciado». (9)

Inversamente, para Jean Baudrillard, defender, no contexto evocado, uma progressiva democratização da cultura e,

Carlos Alberto Gomes

em consequência, as virtualidades do que consideram constituir, no contexto de certas sociedades industriais contemporâneas, uma autêntica democratização da cultura.

É neste sentido que aponta Edward Shills quando sustenta que «... com a elevação dos padrões educacionais e o aumento do lazer e da riqueza, a sociedade industrial contemporânea cria condições de alto consumo de massa: um número cada vez maior de pessoas se «qualificam» na arte de consumir os produtos da «alta cultura» pelo que ficou evidenciado com as grandes vendas de clássicos em brochura e de discos clássicos. O capitalismo de consumo, em vez de criar uma massa vasta, homogênea e cul-

portanto, do consumo cultural, não passa de uma ilusão alicerçada num optimismo nem sempre ingénuo.

Com efeito, para este sociólogo, «multiplicar as obras de arte não implica qualquer «vulgarização» ou «perda de qualidade» — resposta a certas críticas à cultura de massas a que já se fez referência —: o que acontece é que as obras assim multiplicadas enquanto objectos seriais se tornam efectivamente homogêneas «ao par de meias e à poltrona de jardim», em relação com os quais adquirem sentido. Deixam de se opor aos outros objectos finitos como obra de substância de sentido, como significação aberta, tornando-se também elas objectos finitos e integrando-se na panóplia e na

análise da influência cultural dos meios de difusão colectiva e do tipo de cultura a que dão lugar caracterizou-se pela acumulação de uma série de argumentos que, na sua maioria, se opõem radicalmente na avaliação crítica dos seus efeitos específicos.

É por isso que, enquanto certos autores e correntes teóricas se esforçam por demonstrar o carácter essencial ou exclusivamente negativo dessa intervenção, censurando a demagogia, a redução do nível cultural provocada pela estandardização dos produtos culturais e a homogenização do público, a subestimação dos produtos da cultura superior, a passividade intelectual imposta por uma recepção passiva das mensagens a par de outras críticas, outros defendem os «massmedia» apoiando-se num conjunto de argumentos que visam a exalta-



Luís Andrade de Sá

O que é que aquece o interior da terra?

ESTUDOS realizados por cientistas do Instituto de Geoquímica e de Química Analítica «V. Vernadski» da Academia das Ciências da URSS avançaram uma nova hipótese sobre os processos de aquecimento que se operam no subsolo do nosso planeta mostrando que as reacções químicas já nossas conhecidas se produzem de uma maneira radicalmente diferente nas profundezas da Terra.

Recordemos porém, quais as fontes «clássicas» do calor do subsolo: a primeira entrou em acção logo quando da formação do globo em consequência de uma fria nebulosidade gasosa e poeirenta, pelo que a energia potencial da gravitação se transformou em energia cinética de partículas e, depois da colisão inelástica de tais partículas, em energia térmica.

O segundo estágio funciona através da desintegração dos isótopos radioactivos de urânio, tório e potássio, entre outros elementos.

O terceiro mecanismo de aquecimento consiste no atrito entre as rochas terrestres fundidas pela maré lunisolar, porque a atracção lunisolar se exerce sobre as águas do oceano mundial: trata-se de um processo que pode ser comparado ao atrito gerado pelos patins no gelo, desgastando-o pela acção do calor.

Os cientistas calcularam, com o máximo rigor possível, a influência que cada uma destas fontes exerce no aquecimento do subsolo e chegaram a uma conclusão: a quantidade de calor exalado pelo subsolo não é, de modo algum, bastante para explicar o quadro observado pelos geofísicos.

Logo, forçosa é a existência de um outro reactor intraterrestre latente que não foi ainda tomado em consideração pelos estudiosos do fenómeno.

O subsolo da Terra é com frequência comparado a uma caldeira gigantesca onde fervilham milhares de diferentes minerais a temperaturas de milhares de graus e sob pressões que

vão até um milhão e meio de atmosferas.

Contudo, será que as reacções químicas que aí se operam podem gerar fluxos de calor?

Sabe-se que todas as reacções químicas se subdividem, pelo seu efeito térmico, em duas classes: endotérmicas, se o calor é absorvido e exotérmicas, se o calor é expelido.

Assim, a maior parte das reacções de oxidação (acompanhada de libertação de calor (combustão por exemplo), enquanto as reacções de redução exigem, ao invés, calor, energia.

No entanto, os geoquímicos consideram que os hidrocarbonatos existentes no subsolo, susceptíveis de se oxidarem e de libertarem calor, são em quantidade insuficiente.

Sendo os silicatos não mais que rochas oxidadas, não haveria razão, em princípio, para procurar esta fonte de calor intraterrestre.

Será, porém, que os conhecimentos dados já como adquiridos sobre as condições físicas nas quais operam as reacções químicas no subsolo, são suficientes?

O químico soviético Nikolai Khitarov, e o seu adjunto Oleg Kustov, pensam que não o esclarecem porque: todas as operações químicas no subsolo se realizam como que num autoclave estanque muito espesso que não permite qualquer contacto com a atmosfera, o que exclui a possibilidade de qualquer substância entrar em reacção com o meio exterior, tratando-se portanto de um sistema inteiramente fechado.

Na opinião daqueles cientistas soviéticos esta é, precisamente, a noção que permite concluir que não existe nenhuma fonte química de calor intraterrestre.

É difícil, presentemente, avaliar qual o impacto prático desta descoberta, pelo que os seus resultados, de tão surpreendentes, terão de ser profundamente reflectidos, a fim de melhor poderem ser compreendidos.



A como se anunciam residências de médicos ou consultórios de advogados, utiliza-se de um nível informativo, um mero indicar sem preocupação pedagógica, para chegar ao universo ideacional de quem passa.

Escrevendo-se: «Aqui mora», percebe-se «aqui jaz» e desta forma tão singela e lapidária, o caminhar que lê a frase inquieta-se duplamente — inquietação pelo fascista, um fascista perturba, e inquietação pela ambiguidade aparente da frase, pela ausência nela de qualquer indício que permita, à primeira vista, descobrir se foi escrita pelo fascista ou pelo antifascista.

Tais considerações acerca de um «graffiti» permitem identificar um roteiro construído de tinta de água e «spray», indiferente à categoria turística e histórica das paredes, cuja caligrafia enche as artérias e os bairros e que merece, em alguns casos, ser percorrido e lido, aumentando assim o prazer que já era passear pelas ruas. É nesta categoria de murais inusitados que perturbam, que se destacam dos demais por algo não perceptível ao primeiro olhar, que obrigam a um esforço de digestão da pichagem, que residem as pinturas consideradas passíveis de serem passadas em revista.

Se no caso da pintura sobre o fascista, tal como na Idade Média se pintavam as portas dos que agonizavam com peste, era a trágica e líquida enunciação de um endereço que detinha o olhar, numa outra pichagem, situada na Av. da República,

perto de uma efêmera associação de estudantes das colónias, o que estimula a retina é a forma como ela foi escrita: «indep. p/as colónias». Produzida logo após o 25 de Abril e disposta de uma parede inteira para ser concretizada, optou-se pela abreviatura. É como se a mão que a pintou detivesse em si todo o peso, todo o cansaço de treze anos de guerras coloniais, uma década e tal a premir o gatilho, a escrever panfletos, discursos, paredes, a propagandear, a agitar, e, agora (em 1974), que já se divisava o fim da travessia do deserto, não resistisse a abreviar a escrita, como quem apressa um processo, como quem assina a última acta. Essa pintura assinala o fim dos «graffiti» anticoloniais e fá-lo tanto mais ao cicatrizar a parede com o labéu da integralidade de «as colónias».

Vale pois a pena, e hoje ainda mais, recuperar a leitura das paredes; que equivalerá a preferir o transporte à superfície ao metropolitano, a olhar a janela do autocarro a ler o jornal, a deambular em vez de andar. Vale a pena ir ao Bairro da Madre de Deus não apenas para ver a casa do Presidente ou especular sobre a morte (em função da dupla visão que o bairro abre: sobre o rio e para o cemitério do Alto de S. João) mas também para tomar conhecimento com as paredes do bairro, repletas de pinturas cujos textos e policromias não se encontram em mais lado nenhum.

«A Polónia não precisa de carpideiras com coleira americana», «fora com os camu-

flados que estão no governo», «O Amaro da Costa, coitado, não sabia que o seu partido estava comprometido com a rede bombista», «vais votar nos profissionais da crise», «a cúpula salazarenta do CDS foi ao Maria Matos em 500 mil contos de automóveis», «ambição balsemânica: pôr as Forças Armadas ao serviço de um ministro comprometido com o terrorismo do CDS», «e a ignorância ou desprezo pelas leis naturais socio económicas não são perturbadoras, sr. Freitas? E o surto bombista de 75/76 e a negociata das bananas?»

São estupefacientes (causam estupefacção) estes dizeres anónimos, plenos de retórica, escritos em várias cores a vários tamanhos, diferentes de todas as palavras de ordem, indiferentes aos chavões da ideologia e às bandeiras pontuais da luta política, que denotam, sobretudo, uma leitura dos jornais, que não dos comunicados.

A todas estas pinturas está subjacente uma amargura (balsemânica, coitado, negociata, salazarenta, etc) de quem, provavelmente, vindo de Xabregas e do Beato, subiu a calçada do Grilo e pôs-se a pintar paredes como quem sacode os muros de um bairro pacato, onde, por acaso, mora o homem para quem é, enfim, dirigido todo o texto.

São três entre centenas, os exemplos que aqui foram dados de como se pode percorrer as ruas, lendo-as segundo o «spray».

Democracia e messianismo

Continuação da pág. 5

gundo o que podemos ler no «Documento dos 199», que veio dar origem ao MAD, A despolitização das mentalidades e a passividade dos cidadãos só favorecem os regimes totalitários. Inersamente, uma democracia participada reabilita a acção política e faz dela uma responsabilidade quotidiana. A política é de todos os dias. Ela exerce-se nas empresas e nas escolas, nas aldeias e nos bairros, nas autarquias e nas regiões — em toda a parte onde a participa-

ção e o associativismo concretizam o esforço colectivo e onde nascem as comunidades de interesses dos vários grupos sociais.

Se a esta transcrição juntarmos passagens como as seguintes de Alberto Martins e Strecht Ribeiro, ambos do MAD, publicadas também em «O Jornal», fica claro que um projecto destes não é compatível com um presidencialismo:

A descentralização da coisa pública, como opção-chave da Democracia, implica a reformulação da estrutura e fun-

cionamento da máquina estatal e a garantia das condições de participação directa dos cidadãos nas decisões colectivas;

As soluções descentralizadas devem aproximar das populações, e da sua gestão, todos os serviços de índole pessoal (...), que pela sua natureza não revelem da dimensão nacional. Basta para percebermos.

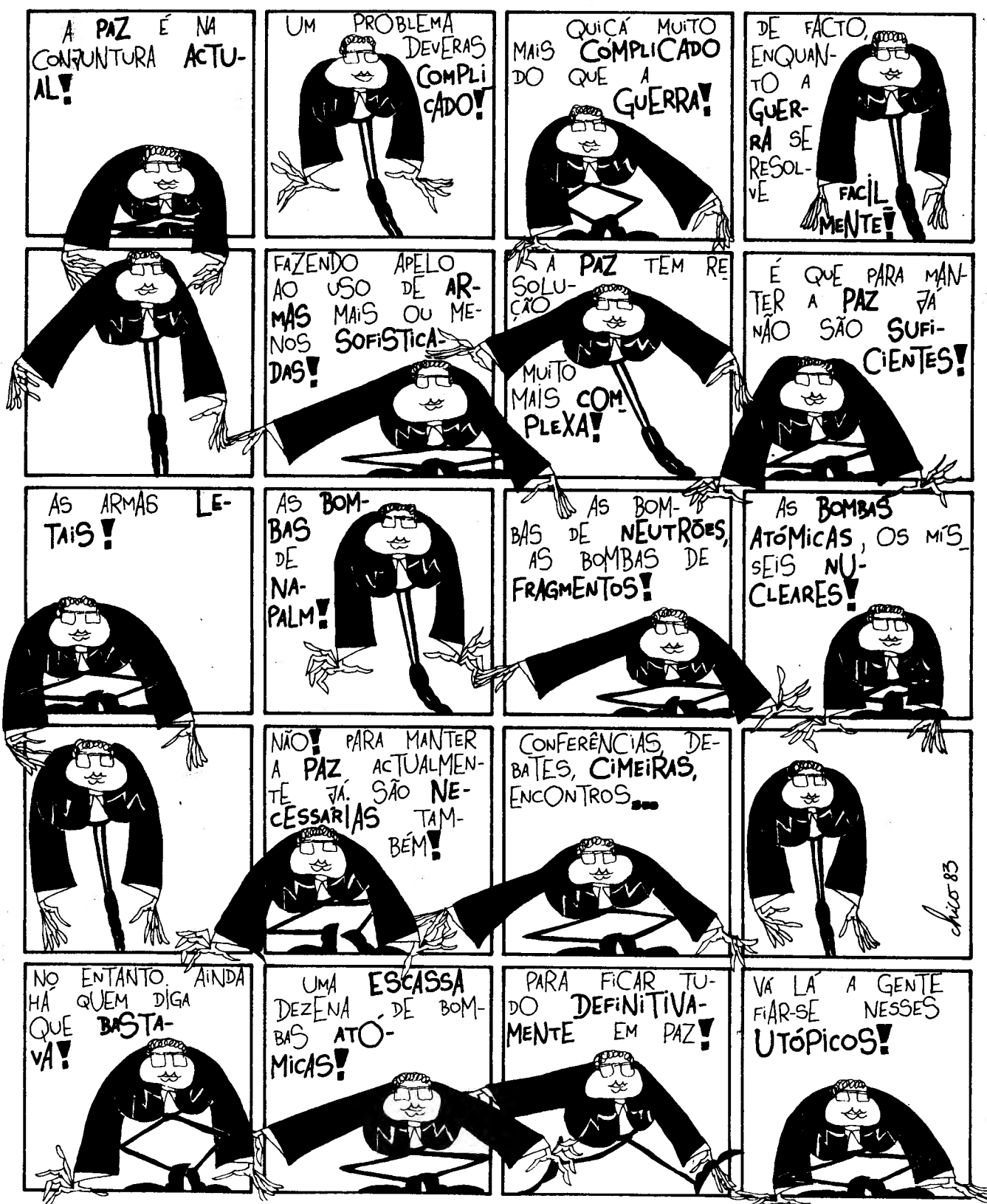
As hostes do messianismo presidencialista e as da democracia autogestionária poderão ter um mesmo tipo de

reacção face à esterilidade da democracia parlamentarista burguesa, mas os seus propósitos e finalidades são completamente opostos: uns jogam na unificação dos poderes, os outros na sua multiplicação, na sua equitatividade.

Não há pois lugar, no Movimento para o Aprofundamento da Democracia, para qualquer mitologia sebastianista. Se por essa ilusão seguir, o MAD não terá passado de mais uma aberração da esquerda.

Sete
Ponto
Sete

doces crónicas



American way of life

Um cidadão americano e a sua irmã foram recentemente acusados de terem desenterrado o cadáver do pai, assassinado há cinco anos por outro dos filhos, para lhe tirarem os dentes de ouro, onde pensavam que estava inscrito o número de uma conta bancária na Suíça.

Segundo a polícia, John Gavis, de 28 anos de idade, e Júlia Gavis, de 24, Teriam feito recentemente um buraco de dois metros para conseguirem chegar à urna metálica do pai, um antigo capitão dos «marines», enterrada na propriedade familiar, em Spotsylvania (Virgínia), ao lado da mulher e de um filho, que tinham sido assassinados na mesma altura. Os dois irmãos teriam feito um buraco na urna, com uma lima, aberto a boca do cadáver — que tinha sido cosida e parafinada por um embalsamador —, partido o queixo, extraído dois dentes do maxilar inferior e todos os do maxilar superior.

Os dois irmãos deslocaram-se depois a uma ourivesaria, pedindo ao ourives para tentar encontrar o número da conta bancária gravada nos dentes, achatando-os depois para fazer deles uma jóia. O ourives não encontrou qualquer gravação nos dentes, mas achatou-os, fazendo uma jóia. John e Júlia Gavis puseram-nos imediatamente à volta do pescoço. O ourives alertou depois a polícia.

Os dois jovens afirmaram aos agentes que a sua actuação lhes fora ditada por «espíritos»... Para desenterrar os dentes, John Gavis tinha vestido um sobretudo e calçado meias de lã, para, segundo disse, «afastar os demónios».

Os dois irmãos pediram para ficar na prisão, para não serem atingidos pelos maus espíritos que actuam no mundo exterior, segundo indicaram.

A «Igreja dos Sonhos Realizados»

Em Nova Iorque, existe uma seita, denominada «Igreja dos Sonhos Realizados». A organização da seita, e pelos vistos com bastantes acólitos, ocupava-se em fornecer marijuana, por pedido telefónico, a qualquer «crente» e na quantidade que quisesse. A polícia descobriu que o cabecilha da organização, um tal Michel Cesar que se autodenominava «papá», era na realidade um criminoso de longa data.

Jurada discriminada

Carolyn Bobb foi convidada para fazer parte dum júri do Tribunal Criminal de Salinas (Estado da Califórnia, EUA). Durante uma entrevista preliminar, o juiz perguntou-lhe se era casada ou solteira e, se era, qual a ocupação do marido. Indignada com o facto duma jurada ter de ser submetida a semelhante interrogatório, enquanto os homens não, Carolyn afirmou que isso se tratava duma discriminação das mulheres. O juiz reagiu e culpou-a de insultar o tribunal, pelo que a condenou a um dia de prisão.

Clip

• Depois de ter sido comprada pelo gigantesco complexo industrial Gulf and Western, a editora americana Simon & Schuster bate todos os recordes de crescimento. «Nós vendemos livros — explica Michael Korda, director literário da editora — e outros vendem sapatos. Há alguma diferença substancial?» — «Nenhuma», concordou o Supremo Tribunal dos Estados Unidos, cujos juízes declararam não existir motivo, numa economia de mercado, para manter as vantagens fiscais de que tradicionalmente beneficiam os produtos culturais. Entretanto, o comerciante de armas Matra comprou a Machette, famoso grupo editorial francês, e se do outro lado do Atlântico o livro cheira a petróleo, deste lado já temos a literatura-míssil.

• O próprio meio de comunicação é a mensagem — afirmam, felicíssimos, os maquiinistas da publicidade. É de tal forma verdade que o meio pode chegar a destruir toda a possibilidade de enviar mensagens. Este processo de aniquilação iniciou-se quando um jornalismo tecnocrático, insofribel, desculturizado, ditou as suas **tábuas da lei**, definindo como pecaminosas as faculdades de idear e escrever bem, e como virtuosa a mania de contar «batidas». Entrámos, assim num novo estilo de jornalismo, onde a verdade importa menos que o número de linhas da «entrada», a qual, como não podia deixar de ser, tem um nome angloíde e pacóvio: «lead».

• Uma das formas de rejeitar o desagradável, o que não deve existir, é mudar-lhe o nome. A palavra «criada», por exemplo, é humilhante: por isso agora chama-se-lhe «empregada». A gente «chique», com fumos progressistas, passa por amarguras de definição: não se atreve a dizer «a minha criada», e como já começa a sentir dificuldades em chamar-lhe «a minha empregada», usa um vocabulário barroco «a senhora da limpeza», ou uma forma mais misteriosa ainda — «a senhora que vem cá a casa». Outro processo de anular as coisas incómodas consiste em não acreditar nelas. Já houve alguém que afirmou publicamente não acreditar na luta de classes, e aqui há uns tempos, num restaurante do Bairro Alto, uma senhora dizia alto e bom som que não acreditava em homossexuais. «Mas que é que eles fazem entre si?», perguntava. E como ninguém tinha ganas de lho explicar com os pormenores requeridos, a dama mantinha a sua incredulidade numa coisa que lhe parecia tão absurda, tão impossível. Entretanto, ao lixo, também já se vai chamando resíduos sólidos.